A GAROTA QUE PERSEGUIU a LUA



"Cativante . . . Sarah Addison Allen produz uma ficção assombrosa."
—*The Roanoke Times*

SARAH ADDISON ALLEN

Planeta

Copyright © 2010, Sarah Addison Allen

Título original
The Girl Who Chased the Moon

Preparação
Gabriela Ghetti

Capa
Adaptada do projeto original de Kathleen Digrado
Imagem de capa
© Clayton Bastiani / Trevillion Images

Projeto gráfico/diagramação:
Osmane Garcia Filho

Revisão
Flávia Yacubian

Concersão para eBook
Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A427g

Allen, Sarah Addison
A garota que perseguiu a lua / Sarah Addison Allen ; tradução Alice Klesck. — São Paulo : Planeta, 2012.

Tradução de: The girl who chased the moon
ISBN 978-85-7665-914-3

1. Ficção americana. i. Klesck, Alice. ii. Título.

12-0996. cdd: 813
cdu: 821.111(73)-3
033349

2012
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil
Av. Francisco Matarazzo, 1500
Ed. New York – 3º andar – conjunto 32B
05001-100 – São Paulo – SP – Brasil
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Em memória de Robert Pershing Wadlow (1918-1940),
o famoso e gentil gigante.
À época de sua morte, aos vinte e dois anos de idade,
ele media dois metros e setenta centímetros de altura –
um recorde mundial que nunca foi quebrado.





1

Emily levou um instante para perceber que o carro havia parado. Ergueu os olhos da pulseira de talismãs, que ela lentamente girava no punho, e olhou pela janela. Os dois carvalhos imensos no quintal da frente pareciam damas agitadas em meia reverência, com seus vestidos de folhagem verde balançando ao vento.

— É aqui? — ela perguntou ao motorista de táxi.

— Estrada Shelby, número seis. Mullaby. É aqui.

Emily hesitou, depois pagou e saiu. O ar de fora cheirava a tomates adocicados e nogueira defumada, tudo delicioso e estranho. Isso automaticamente a fez levar a língua aos lábios. Anoitecia, mas as luzes da rua ainda não estavam acesas. Ela ficou surpresa ao ver como tudo estava silencioso. Aquilo subitamente deixou-a tonta. Nenhum som na rua. Nada de crianças brincando. Nada de música ou televisão. Havia uma sensação de estar em outro mundo, como se ela tivesse viajado a uma distância impossível.

Ela olhou ao redor da vizinhança enquanto o motorista de táxi tirava suas duas mochilas abarrotadas do porta-malas. A rua era cheia de casarões antigos, a maioria eram obras admiráveis do cinema antigo, ao estilo sulista, com suas sancas elaboradas e varandas pintadas.

O motorista colocou a bagagem na calçada ao seu lado, assentiu, depois sentou atrás do volante e foi embora.

Emily observou enquanto ele sumia de vista. Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, que soltara de seu rabinho de cavalo, depois pegou as alças das mochilas. Arrastou-as, enquanto seguia o caminho a partir da calçada, passando pelo quintal e embaixo da abóbada de árvores largas. Foi ficando escuro e frio embaixo das árvores, então, ela apertou o passo. Mas ao emergir do outro lado, saindo de debaixo da abóbada, ela subitamente parou diante da visão à sua frente.

A casa em nada parecia com o restante das habitações da vizinhança.

Provavelmente teria sido uma residência opulenta um dia, mas agora estava cinza, e suas janelas em arcos pontudos de estilo gótico estavam empoeiradas e opacas. Exibia ofensivamente sua idade, soltando lascas de tinta e telhas no quintal. Havia uma varanda grande contornando o primeiro andar, cujo telhado servia de varanda para o segundo, e anos de folhagem cobria ambos. Se não fosse pelo único caminho, marcado pelos degraus formados pelo uso, pareceria que ninguém morava ali.

Fora *ali* que sua mãe crescera?

Ela sentia seus braços tremendo e disse a si mesma que era pelo peso das mochilas. Ela subiu os degraus até a varanda, arrastando as malas e um bocado de folhas junto. Soltou-as e caminhou até a porta, depois bateu uma vez.

Nada de resposta.

Ela tentou de novo.

Nada.

Ela colocou novamente o cabelo atrás da orelha, depois olhou para trás, como se à procura de uma resposta. Virou de volta e abriu a porta de tela enferrujada e chamou, dentro da casa: — Olá? — O espaço parecia oco.

Nada.

Ela entrou cautelosamente. Não havia luzes acesas, mas o restinho de claridade do dia entrava pelas janelas da sala de jantar, diretamente à sua esquerda. Os móveis do cômodo eram escuros, bonitos e ornamentados, mas pareciam enormes, como se tivessem sido feitos para um gigante. À sua direita obviamente havia outro cômodo, mas uma porta sanfonada fechava a passagem em arco. Diretamente à sua frente, um corredor levava à cozinha e uma escadaria larga conduzia ao segundo andar. Ela foi até a base da escada e chamou:

— Olá?

Nesse momento, a porta sanfonada foi aberta bruscamente, e Emily deu um pulo para trás. Um homem idoso, de cabelos grisalhos, surgiu, abaixando-se sob o arco para evitar bater a cabeça. Ele era incrivelmente alto e caminhava com um passo rígido, suas pernas eram como pernas de pau. Ele parecia mal construído — um arranha-céu feito de madeira macia em vez de concreto. Dava a impressão de que ele poderia rachar a qualquer momento.

— Você finalmente chegou. Eu estava ficando preocupado. — Sua voz com sotaque sulista era como ela se lembrava da primeira e única conversa telefônica que eles haviam tido, uma semana antes, mas ele não era nada do que ela esperava.

Ela inclinou a cabeça para trás, a fim de olhá-lo.

— Vance Shelby?

Ele assentiu. Parecia ter medo dela. Ela ficou confusa ao pensar que alguém tão alto pudesse temer qualquer coisa, e subitamente se pegou monitorando os próprios movimentos, evitando qualquer coisa que o assustasse.

Ela lentamente estendeu a mão.

— Olá, eu sou Emily.

Ele sorriu. Então, seu sorriso se transformou num riso que parecia um rugido, como um fogo grandioso. A mão dela sumiu completamente quando ele apertou-a.

— Eu sei quem você é, criança. Você é igualzinha à sua mãe quando ela tinha sua idade. — O sorriso dele sumiu tão depressa quanto tinha surgido. Ele abaixou a mão e olhou em volta, sem jeito. — Onde estão suas malas?

— Deixei na varanda.

Houve um breve silêncio. Nenhum dos dois sabia da existência do outro até recentemente. Como poderiam já estar sem assunto? Havia tanto que ela queria saber.

— Bem — disse ele, finalmente —, você pode fazer o que quiser no andar de cima. É todo seu. Não consigo mais subir até lá. Tenho artrite em meu quadril e nos joelhos. Aqui é meu quarto, agora. — Apontou a porta sanfonada. — Pode escolher o quarto que quiser, mas o antigo quarto de sua

mãe era o último à direita. Depois que você entrar, diga-me como está o papel de parede. Eu gostaria de saber.

— Obrigada. Eu direi — ela prometeu, conforme ele virou e se afastou, caminhando em direção à cozinha, com seus passos ruidosos e seus sapatos incrivelmente grandes.

Confusa, Emily o observou se afastando. Era só isso?

Ela foi até a varanda e arrastou as mochilas para dentro. Lá em cima, encontrou um longo corredor que tinha cheiro de casa fechada e de lã. Havia seis portas. Caminhou pelo corredor e o barulho das mochilas sendo arrastadas se ampliava em meio ao silêncio da madeira maciça.

Ao chegar à última porta à direita, ela soltou as mochilas e esticou o braço, à procura do interruptor. Quando a luz acendeu, a primeira coisa que notou foi o papel de parede com fileiras de florzinhas de lavanda, um papel de adesivo perfumado, e o quarto cheirava um pouco a lavanda. Havia uma cama de quatro mastros junto à parede, os restos do que havia sido um mosquiteiro estavam rasgados e pendiam dos mastros, como fitas.

E um baú branco ao pé da cama. Dulcie, nome da mãe de Emily, estava gravado em letras cursivas. Ao entrar, ela correu os dedos sobre o baú, deixando-os forrados de poeira. Por trás da idade, como se visto sob uma camada de gelo, havia uma impressão nítida do privilégio desse quarto.

Não fazia sentido. Esse quarto em nada se parecia com sua mãe.

Ela abriu as portas francesas e saiu na varanda, esmagando folhas secas que chegavam ao tornozelo. Tudo parecera tão precário desde a morte de sua mãe que era como se ela estivesse caminhando numa ponte de papel. Foi com uma sensação de esperança que ela deixou Boston, como se vir para cá fosse fazer tudo ficar bem. Ela realmente tinha sido confortada pela ideia de voltar ao berço da juventude da mãe, de se unir ao avô que nem sabia que tinha.

Em vez disso, a estranheza solitária desse lugar debochava dela.

Isso não dava a sensação de lar.

Ela decidiu tocar sua pulseira de talismãs como consolo, mas só encontrou a pele pura. Ergueu o pulso, assustada.

A pulseira tinha sumido.

Ela olhou abaixo e ao redor. Freneticamente chutou as folhas da varanda, tentando encontrá-la. Voltou correndo para dentro do quarto e arrastou as mochilas para dentro, achando que a pulseira talvez tivesse ficado presa e caído em uma delas. Tirou as roupas de dentro e acidentalmente deixou cair o *laptop*, que estava embrulhado em seu casaco de inverno.

Mas não estava em lugar algum. Ela saiu correndo do quarto e disparou pela porta da frente. Agora estava tão escuro sob a abóbada das árvores que ela teve de diminuir o passo, até que as luzes da rua penetrassem, depois correu até a calçada.

Depois de dez minutos de busca, ela concluiu que tinha deixado cair na calçada, e alguém já teria levado, ou no táxi, quando estava mexendo na pulseira, e que agora seguia de volta à Raleigh — onde o táxi a pegara, na estação de ônibus.

A pulseira pertencera à sua mãe. Dulcie a adorava — particularmente o pingente de lua crescente. Aquele talismã já tinha ficado mais fino e gasto, pelas tantas vezes que Dulcie o esfregara, em seus humores oscilantes.

Emily lentamente caminhou de volta para casa. Ela não podia acreditar que tinha perdido a pulseira.

Ouviu um barulho como uma batida de porta de máquina de lavar roupa, então seu avô saiu da cozinha.

— Lavanda — disse quando ele a encontrou no salão, onde ela tinha parado esperando que ele a notasse, tentando não assustá-lo. Que estranho ele ser o gigante e ela quem se sentia deslocada.

O avô lançou um olhar cauteloso, como se ela estivesse tentando enganá-lo.

— Lavanda?

— Você me perguntou qual era o papel de parede no antigo quarto de mamãe. É de lavanda.

— Ah. Sempre foi com flores, geralmente rosas, quando ela era pequenininha. Mudou muito, conforme foi ficando mais velha. Eu me lembro que uma vez era cheio de raios com um fundo preto. Depois, era um azul escamoso, como se fosse a barriga de um dragão. Ela detestava aquele, mas nunca trocava.

Isso fez Emily sorrir.

— Isso não parece nada com ela. Eu me lembro de uma vez... — Ela parou quando Vance desviou os olhos. Ele não queria saber. A última vez que viu a filha fora há vinte anos. Não estaria nem curioso? Magoada, Emily desviou. — Acho que agora vou para a cama.

— Está com fome? — ele perguntou, seguindo-a de longe. — Fui ao mercado, hoje de manhã, e comprei um pouco de besteira.

Ela chegou ao primeiro degrau da escada e virou, fazendo-o subitamente dar um passo atrás.

— Obrigada, mas realmente estou cansada.

— Tudo bem, talvez amanhã.

Ela voltou ao quarto e caiu na cama. Mofo exalava do colchão. Ela encarava o teto. Mariposas tinham entrado, atraídas pela luz, e estavam saltitando ao redor do lustre cheio de teias. Sua mãe tinha crescido com um *lustre* em seu quarto? Isso parecia estranho para uma mulher que daria um sermão em Emily se ela deixasse a luz acesa num cômodo que não estivesse usando.

Ela esticou o braço, puxou algumas roupas do chão e mergulhou o rosto nelas. Tinham um cheiro familiar, como o incenso da mãe. Ela apertou os olhos, tentando não chorar. Era cedo demais para dizer que isso havia sido uma má decisão. E mesmo que tivesse sido, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Certamente poderia sobreviver ali por um ano.

Ela ouviu o vento espalhando as folhas secas pela varanda, algo que parecia muito alguém caminhando lá fora. Afastou a roupa do rosto e virou a cabeça para olhar na direção das portas da varanda.

A luz do quarto iluminava o topo das árvores mais próximas, no quintal dos fundos, mas seus galhos não estavam balançando. Ela sentou e saiu da cama. Já lá fora, olhou em volta, cuidadosamente.

— Tem alguém aí? — ela gritou sem saber o que faria se alguém, de fato, respondesse.

Algo de súbito chamou sua atenção. Ela rapidamente seguiu até o parapeito. Pensou ter visto algo além da sacada, no quintal dos fundos com mato crescido.

Ali! Ali estava novamente. Era uma luz branca forte, um *flash* veloz, passando entre as árvores. Aos poucos, a luz foi apagando, voltando à escuridão do mato, até que sumiu completamente.

Bem-vinda a Mullaby, Carolina do Norte, pensou. Lar das luzes fantasmagóricas, dos gigantes e dos ladrões de joias.

Ela se virou a fim de voltar para dentro e congelou.

Ali, na velha mesa metálica do pátio, em cima de uma camada de folhas secas, estava a pulseira de talismãs de sua mãe.

Onde não estava, minutos antes.

Vinho demais.

Nisso que Julia punha a culpa.

Quando visse Stella, pela manhã, ela diria: “Ah, aquilo que eu disse sobre Sawyer, ontem à noite, esqueça. Foi só papo de bêbado”.

Conforme Julia seguiu ao seu apartamento, naquela noite, ela se sentiu ligeiramente em pânico e nada alegre, como geralmente ficava com o vinho na varanda dos fundos de Stella. Faltavam apenas seis meses até que ela estivesse novamente livre dessa cidade, seis meses que deveriam ser fáceis, o fim de seu plano de dois anos. Mas com apenas uma pequena derrapada da língua, ela tinha acabado de dificultar as coisas para si mesma. Se o que ela dissera chegasse a Sawyer, ele não deixaria quieto. Ela o conhecia bem demais.

Abriu a porta no alto da escada e entrou no corredor estreito. Nada havia sido feito no andar de cima da casa de Stella para torná-lo parecido com um apartamento. Havia quatro portas que davam para o corredor. Uma delas dava no banheiro, uma era do quarto de Julia, uma do segundo quarto que

havia sido convertido em cozinha, e um terceiro quartinho que Julia usava como sala de estar.

Anos atrás, depois que o ex-marido de Stella gastara toda a poupança que ela tinha, ele decidiu que deveriam arranjar algum dinheiro extra com aluguel, então colocou uma cortina no alto da escada e disse: "*Voilà*! Apartamento instantâneo". Depois se surpreendeu, pois ninguém quis alugar. Stella sempre dizia que homens de ações impensadas sempre ficam surpresos pelas consequências. No último ano do casamento deles, ele começou a deixar uma poeira preta fina em tudo que tocava, prova de seu coração enegrecido, segundo Stella. Quando descobriu a poeira preta em outras mulheres — salpicada em suas panturrilhas, à mostra quando usavam shorts, no verão, e atrás de suas orelhas, quando andavam de cabelo preso —, Stella finalmente o colocou para fora. Depois disso, ela pediu ao irmão que pusesse uma porta no alto da escada, uma pia e até a ligação para um forno num dos quartos, torcendo para que aquilo que o ex-marido havia começado resultasse em algo bom. Julia era sua primeira inquilina.

Inicialmente, Julia ficara inquieta quanto a alugar um espaço de uma de suas antigas inimigas de colégio. Mas ela não tivera escolha. O apartamento de Stella era o único lugar que Julia podia pagar quando se mudou de volta para Mullaby. Ela tinha se surpreendido ao descobrir que apesar do passado das duas, ela e Stella, na verdade, davam-se bem. Era uma amizade improvável, que Julia ainda não sabia como explicar. Stella tinha sido uma das garotas mais populares da escola Mullaby, membro da Sassafrás — como se autodenominava o grupo de elite de garotas bonitas e brilhantes. Julia fora a garota que todos evitavam nos corredores. Ela era emburrada e grosseira, e inegavelmente estranha. Tingia seus cabelos de rosa choque, diariamente usava uma gargantilha de couro com tachas e passava um delineador tão grosso que parecia um hematoma.

Julia caminhou pelo corredor até seu quarto. Mas, antes de acender a luz, notou uma claridade vinda da casa de Vance Shelby, logo ao lado. Foi até a janela aberta, na escuridão, e olhou lá fora. Durante todo o tempo em que vivera na casa de Stella, todas as noites de insônia que passara olhando por essa janela, ela nunca tinha visto uma luz acesa nos quartos do segundo andar da casa ao lado. Havia uma adolescente na sacada. Ela simplesmente estava ali em pé, imóvel como a neve, olhando a floresta atrás da casa de Vance. Era magrinha feito um graveto, tinha cabelos loiros e emanava uma vulnerabilidade meio triste, fazendo com que a noite cheirasse a calda de bordo. Havia algo familiar nela, e foi quando Julia subitamente lembrou. A neta de Vance estava vindo morar com ele. Nessa última semana, no restaurante de Julia, só se falava nisso. Certas pessoas estavam curiosas, outras, temerosas e algumas eram abertamente cruéis. Nem todos tinham perdoado o que a mãe da garota fizera.

Julia não gostava da ideia do que a garota tinha pela frente. Isso a deixava tensa e ansiosa. Viver seu próprio passado já era bem difícil. Não se deveria viver o passado de outra pessoa.

Julia decidiu que na manhã seguinte faria um bolo extra no restaurante para lhe presentear.

Ela tirou a roupa e foi para a cama. A luz acabou apagando na casa vizinha. Ela suspirou e virou de lado, esperando para riscar outro dia em seu calendário.

Depois da morte do pai, quase dois anos atrás, Julia tirara alguns dias de folga do trabalho para vir a Mullaby e colocar as coisas dele em ordem. Seu plano era vender rapidamente a casa e o restaurante, pegar o dinheiro, voltar a Maryland e finalmente realizar seu sonho de abrir sua própria confeitaria.

Mas as coisas não saíram exatamente como deveriam.

Ela rapidamente descobriu que o pai estava muito endividado, as hipotecas da casa e do restaurante penduradas. A venda da casa tinha quitado a sua hipoteca e uma pequena parte da do restaurante. Mesmo assim ela ficaria praticamente quebrada se vendesse o restaurante naquele momento. Então, arranjou esse plano, agora infame, de dois anos. Vivendo com bastante simplicidade e incrementando o negócio do J's Barbecue enquanto ficasse por ali, em dois anos ela teria liquidado a hipoteca do restaurante e teria um lucro livre. Ela havia sido perfeitamente sincera com todos da cidade. Ficaria em Mullaby por dois anos, mas isso *não significava que ela viveria ali de novo*. Ela estava apenas visitando. Só isso.

Quando assumiu o restaurante, o J's Barbecue tinha uma freguesia modesta, mas leal, graças a seu pai. Ele tinha um jeito de fazer as pessoas se sentirem felizes ao partirem cheirando a fumaça de churrasco, que as seguia, como a cauda de um vestido. Mas Mullaby tinha mais churrascarias per capita do que qualquer outro lugar no estado, portanto a concorrência era voraz. Sem o toque pessoal do pai, Julia sabia que o restaurante precisava de algo que o diferenciasse do restante. Então, ela começou a assar e vender bolos — sua especialidade —, o que foi um salto instantâneo no negócio. Logo o J's Barbecue se tornou conhecido não apenas pelo churrasco ao estilo de Lexington como também pelos melhores bolos e doces das redondezas.

Julia sempre chegava ao restaurante bem antes de amanhecer e a única pessoa que estava lá antes dela era o churrasqueiro. Eles raramente se falavam. Ele tinha seu trabalho e ela, o dela. Ela deixava as tarefas diárias do estabelecimento com as pessoas que seu pai tinha ensinado e em quem confiava. Embora o negócio de churrasco estivesse entranhado nela, ela procurava se envolver o mínimo possível. Adorava o pai, mas fazia muito tempo que ela quisera ser como ele. Quando Julia era criança, antes de se transformar numa adolescente temperamental de cabelo rosa, ela costumava ir atrás dele para o trabalho todos os dias antes de ir para o colégio e

alegremente ajudava em tudo, desde atender como garçonete até jogar lenha na churrasqueira. Algumas de suas melhores lembranças eram ficar com o pai no J's Barbecue. Mas desde então muita coisa tinha acontecido para que ela achasse que poderia voltar a se sentir confortável ali. Assim, ela chegava cedo, assava os bolos do dia e ia embora logo que os primeiros clientes chegavam para o café da manhã. Em dias bons, ela nem sequer via Sawyer.

No fim das contas, esse não era um bom dia.

— Você nunca irá adivinhar o que Stella me disse ontem à noite — disse Sawyer Alexander, entrando faceiro na cozinha quando Julia estava terminando o bolo de maçã de três camadas que ia levar para a neta de Vance Shelby.

Julia fechou os olhos por um momento. Stella devia ter ligado para ele ontem à noite, no instante em que Julia a deixou e subiu a escada.

Sawyer parou perto dela, junto à mesa de aço *inox*, e ficou ali. Ele era como ar fresco. Era orgulhoso e metódico, mas todos o perdoavam por isso por conta do encanto que cintilava ao seu redor, como a luz do sol. Ele era bonito, tinha olhos azuis e cabelos loiros, além de ser inteligente, rico e divertido. E também era incrivelmente gentil, como todos os homens em sua família, esbanjando amabilidade sulista. Sawyer levava o avô de carro até o restaurante de Julia todas as manhãs, apenas para que ele pudesse tomar café com seus velhos camaradas.

— Você não pode ficar aqui na cozinha— disse ela ao colocar a última camada de bolo em cima do recheio de maçã.

— Pode contar para o dono. — Ele empurrou um pouco dos cabelos dela para trás da orelha, mantendo os dedos por mais tempo na mecha rosa que ela ainda tingia ali. — Você não quer saber o que a Stella me contou ontem à noite?

Ela afastou a cabeça da mão dele enquanto acrescentava a cobertura de creme de maçã, deixando os lados descobertos.

— Stella estava bêbada ontem à noite.

— Ela disse que você falou pra ela que faz bolos por *minha* causa.

Julia já esperava isso, mesmo assim ficou tensa, parando a espátula no meio da pincelada. Ela rapidamente voltou a espalhar o creme, torcendo para que ele não tivesse notado.

— Ela acha que você tem baixa autoestima. Está tentando inflar seu ego.

Ele ergueu uma das sobrancelhas daquele seu jeito insolente.

— Já fui acusado de muitas coisas, mas baixa autoestima não é uma delas.

— Deve ser difícil ser tão bonito.

— É um inferno. Você realmente disse isso a ela?

Ela jogou a espátula dentro da tigela, agora vazia, do creme, depois colocou ambos na pia.

— Eu não me lembro. Eu também estava bêbada.

— Você nunca fica bêbada — ele disse.

— Você não me conhece bem o suficiente para fazer afirmações como "você nunca fica bêbada". — Foi uma sensação muito boa dizer isso. Ela tinha ficado longe por dezoito anos. *Veja o quanto progredi,* ela teve vontade de dizer.

— Muito justo. Mas eu conheço a Stella. Mesmo quando ela bebe, eu nunca a vi mentir. Por que ela me diria que você faz bolos por minha causa se não fosse verdade?

— Eu faço bolos. Você tem uma queda por doce. Talvez ela tenha confundido as coisas. — Ela entrou na despensa para pegar uma caixa de bolo e demorou mais que o necessário, torcendo para que talvez ele desistisse e fosse embora.

— Vai levar um bolo com você? — ele perguntou quando ela saiu. Ele não tinha se mexido. Com todo o frenesi da atividade na cozinha: — garçonetes indo e vindo, cozinheiros de um lado para o outro, as batidas do churrasco sendo cortado, ele continuava perfeitamente imóvel. Ela precisou desviar rapidamente. Encarar um Alexander por muito tempo era como encarar o sol. A imagem ficava gravada. Você podia fechar os olhos e ainda vê-lo.

— Vou dar para a neta de Vance Shelby. Ela chegou ontem à noite.

Isso o fez rir.

— *Você* está mesmo dando uma torta de *boas-vindas* a alguém?

Ela não tinha percebido a ironia até ele frisar.

— Não sei o que me deu.

Ele ficou observando enquanto ela colocava a torta na caixa de papelão.

— Gosto dessa cor em você — ele disse, tocando a manga comprida da camisa branca.

Ela imediatamente recuou o braço. Um ano e meio evitando esse homem, desde que chegara, para depois dizer a Stella algo que o atrairia a ela como um ímã. Ele vinha procurando por essa desculpa desde que ela chegara à cidade. Queria se aproximar. Ela sabia disso. E isso a deixava zangada. Como ele podia sequer pensar em retomar de onde eles haviam parado depois do que aconteceu?

Ela esticou o braço e fechou a janela acima de sua mesa. Era sempre a última coisa que ela fazia toda manhã e, às vezes, isso a deixava triste. Outro dia, outra ligação não atendida. Ela pegou a caixa do bolo e levou para dentro do restaurante sem mais uma palavra para Sawyer.

O J's Barbecue era simples como a maioria dos autênticos restaurantes do sul — piso de linóleo, toalhas plásticas nas mesas, reservados de madeira pesada. Isso era uma homenagem à tradição. Assim que assumira, Julia havia tirado toda a parafernália velha da Nascar que seu pai tinha exposta na parede dos fundos, mas isso foi recebido com tanto protesto que ela colocou tudo de volta.

Ela pousou a caixa e pegou o quadro-negro no balcão de jantar. Escreveu os nomes dos bolos do dia: Bolo *red velvet* tradicional sulista e bolo inglês de pêssego, mas também biscoitinhos de chá-verde e mel e *donuts* de oxicoco. Ela sabia que as coisas mais incomuns seriam vendidas antes. Levara quase um ano, mas ela havia conquistado seus clientes habituais com sua habilidade, portanto agora eles experimentariam qualquer coisa que ela fizesse.

Sawyer veio andando na hora em que ela colocou o quadro-negro de volta no balcão.

— Eu disse a Stella que iria aparecer hoje e levar uma pizza. Você estará lá?

— Estou sempre lá. Por que vocês dois não dormem logo juntos e acabam com isso de uma vez? — A pizza de Sawyer às quintas para cortejar Stella já vinha se desenrolando desde que Julia tinha se mudado de volta para Mullaby. Stella jurava que não acontecia nada, mas Julia achava que Stella estava sendo inocente.

Sawyer se aproximou.

— Stella e eu já dormimos juntos — ele disse em seu ouvido. — Três anos atrás, logo depois do divórcio dela. E antes que você ache que isso parece confuso, hoje em dia eu tento me manter longe de ressentimentos.

Ela o encarou diretamente enquanto ele ia embora. Sua menção casual, quase petulante, pegou-a de surpresa e a fez se sentir fresca e azeda, como um limão provado pela primeira vez.

Ela não podia culpá-lo por ser um adolescente assustado quando ele descobriu que ela tinha engravidado na única noite que ficaram juntos no campo de futebol tantos anos atrás. Ela também era uma adolescente assustada. E eles tomaram a única decisão que eram capazes de tomar na época. Independentemente do resultado.

Mas ela se ressentiu pela facilidade com que ele prosseguiu com sua vida. Para ele, tinha sido apenas uma noite. Uma noite lamentável com a garota esquisita, com quem ele mal falava na escola. Uma garota que estivera loucamente apaixonada por ele.

Ai, Deus. Ela não ia cair nessa outra vez. Não podia.

Eram seis meses contados para ir embora desse lugar maluco e nunca mais pensar em Sawyer.

Se tivesse sorte.





2

Quando Emily acordou, seus cabelos estavam molhados de suor e ela se sentia morta de cansaço. Também não fazia a menor ideia de onde estava. Sentou-se rapidamente e arrancou dos ouvidos os fones de seu MP3. Olhou ao redor do quarto — com o papel de parede lilás e os móveis maltrapilhos de princesa. Foi quando se lembrou. Estava no antigo quarto de sua mãe.

Ela nunca tinha dormido num lugar que parecesse tão vazio. Mesmo sabendo que seu avô estava lá embaixo, ter o andar de cima inteiro só para si a deixava inquieta. A noite inteira houve períodos longos de silêncio, pontuados por estalos ruidosos da madeira da casa. E as folhas ficavam roçando do lado de fora da porta de sua sacada. Ela finalmente ligou seu MP3 e tentou se imaginar em algum outro lugar. Algum lugar que não fosse tão úmido.

Com ou sem medo, essa noite ela teria que dormir com as portas da varanda abertas, ou sucumbiria numa poça de suor. Em dado momento, na noite anterior, ela chutou o lençol da cama. E começou a noite de pijama, mas tirou a parte de baixo logo depois de deitar, ficando apenas com a blusa. Sua mãe podia ter sido a pessoa mais politicamente correta do planeta — ativista, ambientalista, defensora dos oprimidos —, mas até ela ligava o ar-condicionado quando estava quente demais.

Ela seguiu até o banheiro antigo e tomou um banho de banheira, porque não tinha chuveiro. E ficou momentaneamente perplexa com o fato de haver duas torneiras separadas, uma para água quente e outra para água fria, em vez de uma só, como num banheiro normal.

Depois, vestiu um *shorts* e uma camiseta de corrida e desceu.

Logo percebeu um bilhete pregado do lado de dentro da porta de tela.

> *Emily: É o vovô Vance que te escreve. Eu me esqueci de lhe dizer que saio para tomar café todas as manhãs. Não quis acordá-la. Vou lhe trazer algo, mas também tem besteira na cozinha.*

O bilhete estava escrito em grandes letras de forma, que extrapolavam as linhas do papel, como se ele não conseguisse ver ao redor de sua mão enquanto escrevia.

Ela respirou fundo, ainda tentando reorganizar suas expectativas. Era seu primeiro dia ali e ele não queria passar com ela.

Em pé, junto à porta de tela, Emily ouviu um farfalhar de folhas e, assustada, ergueu os olhos, vendo uma mulher de trinta e poucos anos subir os degraus da varanda da frente. Ela tinha cabelos castanhos-claros com um belo corte curto, pouco abaixo das orelhas. Emily nunca conseguira que seus cabelos curtos tivessem esse visual. Ela vinha tentando deixar crescer há uma eternidade, mas só conseguia fazer um rabinho de cavalo. E, mesmo assim, soltava e caía ao redor de seu rosto toda hora.

Até chegar ao último degrau, a mulher não viu Emily ali em pé. Ela instantaneamente sorriu.

— Olá! Você deve ser a neta de Vance — disse ao parar na porta. Ela tinha belos olhos castanhos.

— Sim, sou Emily Benedict.

— Sou Julia Winterson. Eu moro ali — ela virou ligeiramente a cabeça, apontando a casa amarela e branca logo ao lado. Foi quando Emily notou presa atrás da orelha a mecha rosa nos cabelos de Julia. Não era algo que ela esperasse de alguém com um rosto tão límpido, de *jeans* manchados de farinha e uma blusa branca de camponesa. — Eu lhe trouxe um bolo de maçã — ela abriu a caixa branca que estava segurando e mostrou a Emily o que parecia ser uma pilha de panquecas com algum tipo de recheio entre cada camada. — Isso é de... — ela relutou com a palavra, depois finalmente disse — boas-vindas. Eu sei que Mullaby tem seus defeitos, como tenho certeza de que sua mãe lhe avisou, mas também é uma cidade com ótima comida. Você vai comer muito bem enquanto estiver aqui. Ao menos, tem isso.

Emily não sentia apetite por coisa alguma, muito menos comida, mas não disse isso a Julia.

— Minha mãe não me disse nada sobre Mullaby — disse Emily olhando o bolo.

— Nada?

— Não.

Julia pareceu tomar um choque ao cair em silêncio.

— O quê? — Emily ergueu os olhos do bolo.

— Não é nada — disse Julia sacudindo a cabeça. Fechou a tampa da caixa. — Quer que eu coloque isso na cozinha?

— Claro. Entre — disse Emily, abrindo a porta de tela para ela.

Ao entrar, Julia percebeu o bilhete do vovô Vance ainda na tela.

— Vance me pediu para levá-lo para fazer compras no mercado ontem de manhã para que ele pudesse comprar algumas coisas para você — ela disse, acenando em direção ao bilhete. — A ideia dele de comida para agradar adolescente era suco instantâneo, rolinhos de fruta e chiclete. Eu o convenci a também comprar salgadinhos, pães e cereal.

— Isso foi legal de sua parte — disse Emily. — Quero dizer, levá-lo para fazer compras.

— Eu fui uma grande fã do Gigante de Mullaby quando era criança. — Quando Emily olhou-a sem entender, Julia explicou: — Era assim que as pessoas chamam seu avô por aqui.

— Qual é a altura dele? — perguntou Emily, numa voz sussurrada, como se ele pudesse ouvir.

Julia riu. Foi uma bela risada, e ouvi-la foi como dar um passo sob a luz do sol. O fato de ela ter trazido um bolo parecia estranhamente apropriado. Era como se fosse feita de bolo, leve e bonita e decorada por fora — com seu riso doce e sua mecha rosa nos cabelos —, mas não dava para adivinhar como era por dentro. Emily desconfiava que podia ser algo

sombrio. — Alto o suficiente para enxergar o amanhã. Isso é o que ele diz a todos. Ele tem mais de dois metros e meio, isso eu sei. O pessoal do livro mundial dos recordes andou por aqui uma vez, mas Vance não quis nada com eles.

Julia conhecia o caminho da cozinha, então Emily foi atrás. A cozinha era grande e brega, parecia ter vindo diretamente dos anos cinquenta. Anos antes, devia ter sido um lugar admirável. Era predominantemente vermelha — bancadas vermelhas, piso em ladrilhos brancos e vermelhos e um grande refrigerador vermelho com um puxador prateado, como um frigorífico de carne. Julia colocou a caixa com o bolo na bancada, depois se virou para olhar Emily por um momento.

— Você se parece com sua mãe — ela disse, finalmente.

— Você a conheceu? — perguntou Emily, animando-se diante da ideia de encontrar alguém disposto a falar sobre sua mãe.

— Nós fomos da mesma turma na escola, mas não éramos próximas — Julia enfiou as mãos nos bolsos da calça *jeans*. — Ela não lhe contou *nada*?

— Eu sei que ela nasceu na Carolina do Norte, mas não sabia onde. Eu nem sabia que tinha um avô. — As sobrancelhas de Julia se ergueram, e Emily viu-se apressada em explicar. — Ela nunca *disse* que eu não tinha, apenas nunca falou sobre ele e eu sempre achei que era por ele já ser falecido. Minha mãe não gostava de falar de seu passado e eu respeitava isso. Ela sempre dizia que não adiantava ficar relutando com um passado que não podia ser consertado quando havia tanto que podia ser feito para consertar o futuro. Ela dedicava todo seu tempo às suas causas.

— Suas causas?

— Anistia internacional. Oxfam. Greenpeace. Conservação da Natureza. Ela viajava muito quando era mais jovem. Depois que eu nasci, ela se estabeleceu em Boston. Era bem engajada localmente.

— Bem. Isso... não era o que eu esperava.

— Ela era assim aqui? Era envolvida em muitas causas?

Julia rapidamente tirou as mãos dos bolsos.

— É melhor eu ir andando.

— Ah — disse Emily, confusa. — Bem, obrigada pelo bolo.

— Sem problemas. Meu restaurante se chama J's Barbecue, na rua Principal. Apareça qualquer hora para comer o melhor bolo de Mullaby. O churrasco é muito bom também, mas não posso levar o crédito por ele. Falando nisso, é lá que seu avô está agora. Ele vai até lá todas as manhãs para tomar café.

Emily seguiu Julia até a porta da frente.

— Onde fica a rua Principal?

Ao chegarem à varanda, Julia apontou.

— No fim da estrada Shelby, aqui, virando à esquerda, na Dogwood. Depois de aproximadamente um quilômetro, vire à direita. Não tem como errar. — Julia seguiu em direção aos degraus, mas Emily a deteve.

— Espere, Julia. Eu vi um tipo de luz no quintal dos fundos ontem à noite. Você viu?

Julia virou.

— Você já viu as luzes de Mullaby?

— O que são as luzes de Mullaby?

Julia coçou a cabeça e ajeitou os cabelos atrás das orelhas como se estivesse decidindo o que dizer.

— São luzes que às vezes despontam na floresta e nos campos por aqui. Algumas pessoas dizem que é um fantasma que assombra a cidade. É apenas mais uma excentricidade da região — ela disse, como se houvesse muitas. — Não dê atenção e irá sumir.

Emily assentiu.

Julia virou novamente para partir, mas parou de costas para Emily. Ela finalmente virou e disse:

— Ouça, estarei na casa ao lado se você precisar de mim, ao menos pelos próximos seis meses. É preciso se acostumar a esse lugar. Acredite em mim, eu sei.

Emily sorriu e sentiu seus ombros perderem um pouco da tensão.

— Obrigada.

Não levou muito tempo para que Emily decidisse caminhar até a rua Principal a fim de cumprimentar seu avô. Ela achou que seria agradável caminhar com ele de volta para casa, estabelecer um tipo de rotina. Ele obviamente vivia sozinho há um bom tempo, portanto, talvez sua hesitação com relação a ela fosse simplesmente por não saber como agir. “Não espere que o mundo mude, Emily”, sua mãe costumava dizer algumas vezes com uma voz frustrada. “Mude-o, você mesma!”

Emily ficou imaginando se a mãe teria se decepcionado com ela. Ela não tinha a paixão da mãe, sua coragem, seu ímpeto. Emily era cautelosa, mas a mãe nunca tinha encontrado alguém a quem não quisesse ajudar. Era uma dinâmica estranha. Emily sempre tivera admiração pela mãe, mas era difícil se aproximar dela. Dulcie queria ajudar, mas nunca queria ser ajudada.

Ela encontrou facilmente a rua Principal. Exatamente como Julia dissera, realmente não tinha como errar. Depois que virou a esquina da Dogwood, havia uma placa enorme indicando que ela estava na “Histórica rua Principal”. Era uma rua bonita e comprida, diferente dos bairros modestos pelos quais ela passara para chegar ali. A rua começava com mansões de

tijolinhos, em estilo tradicional norte-americano, posicionadas perto da calçada, quase sem quintais na frente. Do outro lado da rua, de frente para as mansões, havia uma praça com coreto e uma linda lua crescente prateada em cima. Passando as casas e a praça, a rua se tornava comercial, com uma série de lojas turísticas e restaurantes espremidos lado a lado em antigas construções de tijolinhos. Emily contou sete churrascarias, e ela só estava na metade do caminho da ponta comercial da rua. *Sete*. Eram obviamente a fonte do cheiro que pairava por toda cidade como um véu. Um cheiro de fumaça adocicada que subia rodopiando dos fundos dos restaurantes.

Havia muitos turistas ao redor, hipnotizados como ela pela beleza à moda antiga de Mullaby. As calçadas estavam cheias, mais do que ela esperava, a essa hora da manhã. Ela continuou procurando, mas não via o J's Barbecue e, do nada, entrou em pânico. Num instante, ela estava se sentindo feliz e disposta, caminhando por essa linda rua e, no outro, estava aterrorizada por não conseguir encontrar o restaurante que procurava. E se Julia estivesse errada? E se o vovô Vance não estivesse lá? E se ela não conseguisse encontrar o caminho de volta?

Ela começou a se sentir tonta. Era como estar submerso, uma pressão nos olhos e nos ouvidos, sempre seguida de confete cintilante nadando em sua visão periférica.

Ela vinha tendo esses ataques de ansiedade desde que a mãe morrera. Era bem fácil esconder de Merry, melhor amiga de sua mãe, com quem Emily tinha vivido pelos últimos quatro meses. Tudo que ela tinha a fazer era fechar a porta de seu quarto. Na escola, seus professores faziam vista grossa quando ela ficava no banheiro feminino sentada no chão perto das pias tentando recuperar o fôlego em vez de ir para a aula.

Os estabelecimentos comerciais no fim da rua Principal eram perfilados de bancos, então ela foi até o mais próximo e sentou. Tinha começado a suar frio. Não ia desmaiar. *Não ia*.

Ela se inclinou para frente e recostou o peito nas coxas de cabeça baixa. *O comprimento do fêmur é um indicativo de peso geral*. Era um pensamento aleatório, algo que ela lembrou da aula de fisiologia.

Um par de mocassins masculinos caros subitamente surgiu à sua frente na calçada.

Ela lentamente ergueu os olhos. Era um jovem com aproximadamente a mesma idade que ela vestindo um terno de linho com o paletó afastado do quadril pelas mãos pousadas de modo casual nos bolsos da calça. Ele estava com uma gravata-borboleta vermelha, e seus cabelos escuros encaracolavam ao redor do colarinho engomado. Ele era bonito, de uma forma bem cuidada, como alguém saído de uma peça de Tenessee

Williams. Ela inesperadamente se sentiu constrangida com seu *shorts* e sua camiseta de corrida. Comparada a ele, ela parecia ter acabado de sair de uma aula de ginástica.

Em princípio, ele não lhe disse nada, apenas olhava. Depois, finalmente, quase relutante, ele disse:

— Você está bem?

Ela não entendeu. Até agora, todo mundo que ela tinha encontrado a tratava como se ela tivesse uma doença contagiosa. Ela respirou fundo, o oxigênio fluindo em sua cabeça com a força de uma enchente.

— Sim, obrigada — respondeu.

— Está passando mal?

— Só tonta. — Olhou para baixo, aos seus pés de tênis de corrida e meias soquetes, e pareceu estranhamente destacada de si mesma. “Meias que cobrem apenas o tornozelo não são aceitáveis. Somente meias três quartos ou até os joelhos.” Era o que dizia o Manual da Escola Roxley para Meninas. Ela frequentara a Escola Roxley por toda sua vivência escolar. Sua mãe ajudara a fundar a escola para dar poder às meninas, incentivando o ativismo e voluntariado.

Silêncio. Ela ergueu novamente o olhar e o jovem tinha sumido feito fumaça. Será que ela estava tendo alucinações? Talvez tivesse invocado algum arquétipo sulista para combinar com seus arredores. Depois de alguns minutos, ela pousou os cotovelos nos joelhos e se ergueu ligeiramente.

Sentiu alguém sentar ao seu lado no banco com um cheiro agradável e fresco de colônia. O estalido de alumínio da abertura da lata de refrigerante assustou-a, e ela sentou ereta num solavanco.

O jovem de terno branco de linho tinha voltado. Agora ele estava sentado ao seu lado estendendo uma lata de Coca.

— Vá em frente — ele disse. — Pegue.

Ela esticou o braço para pegar a lata com a mão ligeiramente trêmula. Deu um longo gole e sentiu a bebida fria, doce e tão marcante que fez sua língua queimar. Ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha tomado algo com um gosto tão bom. Não conseguia parar de beber. Não demorou para que esvaziasse a lata.

Quando terminou, sem fôlego, ela fechou os olhos e passou a lata fria na testa. Quando foi a última vez que tinha bebido alguma coisa? Ao pensar, notou que havia sido um bom tempo: desde antes de entrar no ônibus em Boston ontem.

Ela ouviu o farfalhar de um papel. O jovem disse:

— Não se assuste. — Ela sentiu algo frio atrás de seu pescoço. Gelado. A mão dela foi instantaneamente ao pescoço e cobriu a dele.

— O que é isso? — perguntou.

— Acho que é um picolé — ele respondeu, recostando para olhar. — Foi a primeira coisa que peguei no *freezer* da loja de conveniência.

Pela primeira vez, ela notou que eles estavam sentados na frente de uma loja propositalmente à moda antiga chamada Zim's. A porta estava aberta, e Emily pôde ver grandes potes de doce perto da caixa registradora e uma parede inteira de reproduções de placas antigas nos fundos.

— É mais para turistas, por isso faz muito tempo que não entro aí — ele explicou. — Mas tem cheiro de canela e chão encerado. Você ainda está me ouvindo? Como está se sentindo?

Ela virou de volta para ele e percebeu o quanto estava perto, o suficiente para ver seus olhos verdes, com a íris contornada em preto. Estranhamente, achou que de fato podia senti-lo, sentir um tipo de energia emanando dele, como calor de uma fogueira. Ele era tão estranho e adorável. Por um momento, ficou completamente enfeitiçada. Ela o encarou por um tempo até perceber o que estava fazendo. Então, também notou que sua mão ainda estava sobre a dele em seu pescoço. Lentamente moveu a mão e se afastou.

— Agora estou bem. Obrigada.

Ele tirou o picolé coberto de papel de seu pescoço e ofereceu, mas ela sacudiu a cabeça. Ele deu de ombros e desembrulhou. Mordeu o sorvete e recostou, cruzando as pernas, estudando a loja à frente deles. Por um momento, ela desejou ter aceitado o picolé. Parecia delicioso — fresco, de baunilha e laranja.

— Sou Emily Benedict — ela se apresentou estendendo a mão.

Ele não se virou para ela nem pegou sua mão.

— Eu sei quem você é. — Deu outra mordida no sorvete.

A mão de Emily caiu em seu colo.

— Sabe?

— Eu sou Win Coffey. Meu tio era Logan Coffey.

Ela olhou-o inexpressiva. Isso obviamente era algo que ele achava que ela deveria saber.

— Acabei de me mudar pra cá.

— Sua mãe não lhe disse?

Sua mãe? O que sua mãe tinha a ver com isso?

— Me disse o quê?

Ele finalmente se virou.

— Meu bom Deus. Você realmente não sabe.

— Saber o quê? — Isso começou a preocupá-la.

Ele olhou-a por um longo e desconfortável tempo.

— Nada — ele finalmente disse, jogando o que tinha sobrado do sorvete num cesto perto do banco, depois levantou. — Se você não estiver se sentindo bem o suficiente para caminhar de volta pra casa, eu posso chamar um táxi para levá-la.

— Ficarei bem. — Ela ergueu ligeiramente a lata. — Obrigada pela Coca.

Ele hesitou.

— Desculpe por eu ter recusado apertar sua mão. Perdoe-me. — Ele estendeu a mão. Confusa, pegou a mão dele. Ficou imediatamente chocada por seu calor, que se estendia a ela como videiras. Ele a fez sentir emaranhada nele de alguma forma. Não era exatamente uma sensação ruim, apenas estranha.

Ele soltou a mão dela e ela o observou caminhar pela calçada. A pele dele quase reluzia sob o sol matinal, que refletia nos prédios em tons cegantes de dourado e tangerina. Ele parecia tão vivo, brilhando.

Não conseguia desviar o olhar.

— Emily?

Ela virou e viu o avô gigante caminhando em sua direção, carregando um saco de papel. As pessoas paravam na calçada, olhavam-no admiradas. Ela pôde ver que ele estava tentando disfarçar, mas seus ombros enormes estavam curvos, como no intuito de torná-los menores.

Ela levantou e arremessou a lata de Coca numa lixeira de recicláveis. Vance parou à sua frente.

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou.

— Pensei em encontrá-lo para caminharmos juntos de volta para casa.

A expressão do rosto dele era quase indecifrável, mas, se tivesse de adivinhar, ela chutaria tê-lo deixado *triste*. Ela estava horrorizada.

— Desculpe — ela disse, imediatamente. — Eu não tive a intenção de...

— Era Win Coffey, com quem você estava falando?

— Você o conhece?

Vance começou a caminhar pela calçada. Emily já não via mais Win, mas a altura de Vance obviamente lhe dava vantagem.

— Sim, eu o conheço — respondeu. — Vamos pra casa.

— Desculpe, vovô Vance.

— Não se desculpe, criança. Você não fez nada de errado. Toma, eu lhe comprei um sanduíche de ovo no restaurante. — Ele lhe entregou o saco.

— Obrigada.

Ele assentiu, depois passou o braço incrivelmente comprido ao redor dela e a levou para casa em silêncio.





3

— Você nunca vai adivinhar quem encontrei hoje — disse Win Coffey em pé diante do janelão da sala de estar, olhando o céu cinzento engolir a luz rosada do fim de tarde.

Surgiu um som de saltinhos batendo no chão de mármore branco do salão, e Win pôde ver o reflexo de sua mãe quando ela entrou na sala seguida pela irmã caçula. Sua mãe sentou ao lado de seu pai no sofá, e a irmã de Win atravessou a sala até o sofazinho.

Morgan, pai de Win, dobrou o jornal e colocou-o de lado. Ele tirou os óculos de leitura e olhou para Win, não para a esposa. Fazia tempo que os pais de Win não se olhavam, na verdade. Agora, eles pareciam fantasmas um para o outro, olhando-se apenas de rabo de olho.

— Quem você encontrou?

Bem na hora programada, as persianas começaram a descer automaticamente na sala de estar. Win esperou até que a janela estivesse totalmente coberta antes de se virar. A sala cheirava a laranjas frias e era repleta de móveis antigos — peças de estilo norte-americano e poltronas com estofamentos de bom gosto em tons florais de azul e cinza. Era tão antigo, tão familiar. Nada nunca mudava.

— Emily Benedict.

Seu nome foi instantaneamente reconhecido. A raiva de seu pai foi súbita e tangível. Carregou o ar com correntes quentes.

Win silenciosamente retribuiu o olhar do pai sem recuar. Isso era algo que o próprio Morgan lhe ensinara. E ultimamente eles vinham batendo cabeça o suficiente para que isso se tornasse uma dança conhecida.

— Win, você sabe que meu irmão estaria vivo hoje se não fosse pela mãe dela — disse Morgan, retraído. — E nosso segrego estaria a salvo.

— Ninguém nessa cidade jamais disse uma palavra sobre aquela noite — retrucou Win, calmamente.

— Mas eles sabem. Isso nos deixa nas mãos deles. — Morgan usou os óculos de leitura para apontar em direção a Win. — E ninguém deveria ficar mais zangado que você, a primeira geração a crescer com todos sabendo, com todo mundo olhando-o de um jeito diferente.

Win suspirou. Isso era algo que seu pai jamais poderia entender. Win *não estava* zangado. No máximo, frustrado. Se alguém sabia, por que ninguém falava a respeito? Por que sua família ainda ficava em casa à noite? Por que eles mantinham tradições que simplesmente não faziam mais sentido? Se as pessoas olhassem para Win de forma diferente, era por causa disso, não por conta de algum problema que os Coffey tinham, algo visto somente uma vez há mais de vinte anos. Quem poderia dizer que agora as coisas não seriam diferentes? Ninguém sequer tentara.

— Acho que Emily não sabe — explicou Win. — Acho que sua mãe não lhe contou.

— Pare — alertou seu pai. — O que quer que esteja pensando. Pare. Emily Benedict está fora de questão. Fim de papo.

Uma mulher de vestido branco e avental entrou na sala carregando uma bandeja com um jogo de chá de prata. O pai de Win lançou a ele um olhar que dizia “Agora fique quieto”. Raramente falavam sobre isso entre eles, na verdade Win às vezes achava que sua mãe tinha até esquecido, e ela parecia estranhamente mais feliz dessa forma, mas eles nunca, *jamais* conversavam a respeito disso na frente dos empregados.

Win virou e caminhou até o outro canto da sala onde a irmã estava sentada. Ela mandava uma mensagem de texto para alguém pelo celular. Esse era o horário de crepúsculo, era a hora tradicional da leitura na residência Coffey, pouco antes do jantar. Era uma antiga tradição de família, datada de séculos, que estruturava o tempo noturno, quando todos eram forçados a ficar em casa por conta do segredo, mesmo em belas noites de verão como essa. Agora, Win não via sentido nisso e estava se coçando para sair. Ele sentia que isso vinha aumentando há meses. Não queria mais ficar se escondendo como se houvesse algo errado com ele.

Ele sentou-se ao lado da irmã e a observou ignorá-lo por alguns minutos. Win era quase dois anos mais velho que Kylie, e quando eram crianças ela costumava segui-lo implacavelmente por toda parte. Ela estava prestes a fazer dezesseis anos e ainda o seguia, ou para irritá-lo, ou para protegê-lo. Ele não tinha certeza. E também não tinha certeza se ela sabia.

— Você não deveria testá-lo — disse Kylie. — Se eu fosse você, ficaria bem longe daquela garota.

— Talvez eu esteja apenas conhecendo meu inimigo. — Era inquietante o seu fascínio inesperado por Emily, com seus cabelos loiros rebeldes, seu rosto e seu corpo bem moldados. Quando apertou sua mão naquela manhã, ele não queria soltar. Havia algo vulnerável nela, algo suave sob aquele jeito agudo. Ele passara o dia pensando nela. Tinha sido mais que uma coincidência a filha de Dulcie Shelby vir para a cidade ao mesmo tempo em que ele enfrentava problemas com a forma como sua família decidira viver. Talvez fosse um sinal.

Sim. Era isso.

Tinha de ser um sinal.

— Essa noite, eu vou sair outra vez — disse ele subitamente. — Não conte ao papai. E não me siga.

Kylie revirou os olhos.

— Por que você fica experimentando? Eu posso lhe dizer, por experiência própria, não é tão bom assim.

— O quê?

— Ser comum.

— JULIA! PODE atender a porta, por favor? — gritou Stella lá de baixo naquela mesma noite enquanto Julia fazia sua segunda tentativa, tirando as

madeleines do forno. Ela franziu o rosto para a forma. Ainda não estavam boas.

Stella gritou de novo

— Julia! É o Sawyer, e eu estou na banheira!

Julia suspirou. Ela já tinha visto Sawyer uma vez hoje. Isso era o suficiente. O segredo para sair ilesa dessa estadia em Mullaby era não se ligar a ele.

Julia limpou as mãos no *jeans* e desceu batendo os pés nos degraus, com passos de Godzilla, para irritar Stella, cujo banheiro ficava bem embaixo da escada. Através da cortina transparente da janela da porta da frente, ela viu uma silhueta perto da luz da varanda.

Ela respirou fundo e abriu a porta. Mas sorriu aliviada quando viu quem era.

Emily se remexia de um pé para o outro. Ela estava com a mesma roupa da manhã, *shorts* preto e regata preta, e seus cabelos loiros esquisitos brilhando como um merengue sob a luz da porta.

— Oi, Julia — ela cumprimentou. — Estou interrompendo algo?

— Não. Claro que não. — Deu um passo atrás e acenou para que Emily entrasse. Quando Julia lhe disse que estaria ali caso Emily precisasse, ela não pensou que a garota fosse aceitar sua oferta tão rapidamente. Ainda assim, conforme Julia observava a menina olhando em volta sem jeito, sentiu uma grande afeição. Não era fácil ser de fora, principalmente quando não era por opção.

— Você tem uma bela casa — elogiou Emily. Graças à mãe decoradora, a parte de Stella da casa era aquecida e adorável — com piso em madeira clara, arranjos florais radiantes, peças originais de arte e um sofá de seda listrado, no qual ela não deixava ninguém sentar.

— Não é minha, é da minha amiga Stella. Eu tenho um apartamento lá em cima.

Como se fosse cronometrado, Stella gritou:

— Oi, Sawyer! Não estou vestindo nada além de espuma, quer ver?

— Não é o Sawyer — gritou Julia para ela. — Não posso acreditar que você esteja esperando por ele na banheira. Saia antes que vire uma ameixa. — As sobrancelhas de Emily ergueram-se e Julia disse: — Essa é Stella. Nem queira saber. Venha, eu vou lhe mostrar a minha parte da casa. — Ela foi subindo a escada e gesticulou para que Emily a seguisse.

No alto da escada, Julia teve que dar um passo atrás no corredor estreito para deixar Emily entrar, depois esticou o braço ao redor dela para fechar a porta.

— Só me deixe desligar o fogão — disse, caminhando ao quarto que havia sido transformado numa pequena cozinha. Havia um clima de mágica e deslumbramento na sala. Rastros açucarados de farinha ainda revolviam no ar, como rabiolas de pipas. E havia o cheiro — o cheiro de esperança, o tipo

de cheiro que trazia as pessoas para casa. Essa noite era o conforto de manteiga e a empolgação da raspa de limão.

A janela da sala estava aberta porque Julia estava cozinhando. Conter o cheiro não fazia sentido. A mensagem tinha de sair de alguma forma.

— O que você está fazendo? — perguntou Emily da porta enquanto Julia desligava o fogão.

— Eu testo receitas aqui antes de fazê-las no restaurante. Minhas madeleines ainda não estão no ponto. — Julia pegou uma da primeira fornada. — Está vendo? As madeleines precisam ter um montinho desse lado. Está achatada demais. Acho que não refrigerei a massa por tempo suficiente — ela pegou a mão de Emily e colocou um bolinho esponjoso na palma. — Assim que os franceses servem madeleines, com a curvatura para baixo, como um barco. Nos Estados Unidos, nós gostamos de ver o belo lado em concha, do formato da madeleine, portanto servimos assim — ela virou a madeleine. — Experimente.

Emily deu uma mordida e sorriu. Ela cobriu os lábios com a mão e disse, de boca cheia:

— Você é uma ótima cozinheira.

— Eu treinei bastante. Faço doces desde que tinha dezesseis anos.

— Deve ser legal ter um dom assim.

Julia sacudiu os ombros.

— Não posso levar o crédito. Outra pessoa que me deu isso. — Às vezes, ela se ressentia pelo fato de que jamais teria descoberto essa habilidade sozinha, que só percebera no que realmente era boa por causa de outra pessoa. Ela precisava ficar lembrando a si mesma que não importava como a habilidade chegou ali, era o que ela fazia com aquilo, o amor que emanava era o importante. Emily parecia prestes a perguntar o que Julia queria dizer, então Julia continuou: — Como foi seu primeiro dia inteiro aqui?

Mais uma mordida e Emily tinha terminado a madeleine. Ela levou um instante para mastigar e engolir, depois respondeu:

— Acho que estou confusa.

Julia cruzou os braços e recostou o quadril na geladeira antiquíssima, cor verde azeitona.

— Sobre o quê?

— Sobre o motivo por minha mãe ter ido embora. Sobre a razão para ela não ter mantido contato com as pessoas daqui. Ela tinha amigos? Como ela era quando morava aqui?

Julia parou surpresa. Emily tinha muito a descobrir sobre essa cidade, sobre a devastação que a mãe havia causado. Mas Julia certamente não seria a responsável por lhe contar.

— Como falei, eu não a conhecia bem — respondeu Julia, cautelosa. — Não éramos do mesmo círculo social, na escola e eu tinha meus próprios

problemas naquela época. Você já conversou com seu avô? É a ele que você deve perguntar.

— Não. — Emily alisou um pouco de seus cabelos curtos e esvoaçantes. Sua postura era tão dolorosamente sincera. — Ele tem se escondido em seu quarto o dia todo. Ele e minha mãe não se davam bem? Você acha que é por isso que ela nunca mais voltou?

— Não, eu acho que não é isso. Todos se dão bem com Vance. Venha sentar-se. — Julia passou o braço ao redor do ombro de Emily e a conduziu para fora da cozinha, para dentro da salinha. Esse cômodo tinha a única coisa legal em seu apartamento — um sofá azul de dois lugares que a mãe de Stella lhe dera de um showroom de decoração. Também tinha uma televisão, uma mesinha de centro e uma estante de vime cheia de panelas e tigelas, que transbordavam da cozinha. Julia havia deixado a maior parte de suas coisas num guarda-móveis em Baltimore quando se mudara para cá e trouxera apenas suas roupas e seus utensílios culinários, portanto não havia muita coisa no apartamento. Era comum e limitado, e estava bom para ela. Não fazia sentido ficar confortável. Quando elas se sentaram, Julia disse:

— Tudo que posso lhe dizer é que sua mãe era a garota mais bonita e popular na escola. Ela era assim sem esforço. Roupas perfeitas. Cabelos perfeitos. Absolutamente confiante. Era de um grupo da escola que se autodenominava Sassafrás, composto por garotas cujas famílias tinham dinheiro. Eu não era uma delas.

Emily pareceu perplexa.

— Minha mãe era popular? O vovô Vance tinha dinheiro?

Houve uma batida na porta.

— Com licença — disse Julia ao levantar. Ela imaginou que fosse Stella, motivo pelo qual seu corpo inteiro estremeceu quando abriu a porta, sentindo um sopro de vento com cheiro de grama recém-cortada por ver Sawyer em pé no topo da escada.

— Eu trouxe pizza — disse ele sorrindo. — Desça.

Decididamente alguma coisa estava acontecendo. Um ano de reuniões às quintas, e Sawyer nunca a convidou para descer e comer pizza com ele e Stella.

— Obrigada, mas eu não posso. — Deu um passo atrás para fechar a porta.

Ele inclinou a cabeça.

— Se eu não te conhecesse bem, acharia que você está constrangida.

Isso a atingiu.

— Constrangida? Pelo quê?

— Pelo fato de que agora eu sei que você faz bolos para mim.

Ela fungou.

— Eu nunca falei que faço bolos para você. Eu falei que faço bolos *por causa* de você.

— Então, você falou *mesmo* — disse ele.

O olhar dela cruzou com o dele. Sim, ela falava. E, por mais que desejasse não ser verdade, era. Na única noite em que eles estiveram juntos, ficaram deitados, lado a lado, no campo de futebol do colégio, olhando um céu estrelado como nunca tinha visto antes e nunca vira desde então, e ele lhe contara uma história de como sua mãe costumava assar bolos nas tardes de verão e, não importava onde ele estivesse, aquilo o levava de volta até ela, um farol açucarado flutuando como pólen pelo vento. Ele sentia, segundo disse. Ele *via*.

Os bolos tinham o poder de invocar. Ela tinha aprendido isso com ele.

— Na verdade, o que eu acho que falei é que asso tortas para gente como você — ela explicou. — Afinal, você é meu público-alvo.

Ele parecia não acreditar nela, mas sorriu mesmo assim.

— Bela saída.

— Obrigada.

Os olhos dele passaram por cima do ombro dela. Ele nunca estivera em seu apartamento, e ela não iria convidá-lo agora. Sawyer tinha crescido com dinheiro, e ela não. Mas suas coisas, em Baltimore, eram legais — ligeiramente radicais, ligeiramente boêmias. Essa era ela. Não isso. Ela não queria que ele visse isso.

— Está um cheiro bom aqui em cima — ele comentou. — Quero morar na sua cozinha.

— Não tem espaço suficiente. E eu só cozinho aqui às quintas-feiras.

— Eu sei. Stella me disse logo que você se mudou. Por que acha que sempre venho aqui às quintas?

Ela nunca tinha desconfiado. Ele era bom nisso.

— Não posso descer porque tenho visita. Você e Stella, divirtam-se. — Fechou a porta e recostou sobre ela, soltando um suspiro profundo. Depois de um momento, ela percebeu que não tinha ouvido Sawyer descer de novo. Ela virou a cabeça e grudou o ouvido na porta. Será que ele ainda estava ali? Finalmente, houve um sussurro de movimento e ela o ouviu indo embora.

Ela se afastou da porta e voltou à sala.

— Desculpe por isso.

— Eu posso voltar depois se você estiver ocupada — disse Emily.

— Não seja boba.

— Então, todo mundo devia gostar da minha mãe se ela era popular.

Julia hesitou. Mas antes que pudesse falar algo houve outra batida na porta.

— Com licença, de novo.

— Com quem que você está aqui em cima? — perguntou Stella quando Julia abriu a porta. Stella tinha um rosto comprido e exótico, olhos amendoados e sobrancelhas retas e escuras. Ela estava com um robe estilo quimono e seus cabelos escuros, presos num coque. Algumas mechas, ainda molhadas do banho, estavam grudadas em seu pescoço.

— Sawyer disse que você estava com visita. Você está saindo com alguém? Quem é?

— Não é da sua conta — ela disse, porque sabia que isso deixaria Stella louca. Ela ainda não a perdoara por contar a Sawyer sobre os bolos. E Julia achou absurdo que Stella agora exigisse saber se ela estava saindo com alguém, quando Stella *tinha dormido com Sawyer* três anos atrás sem jamais ter contado.

Fechou a porta, mas assim que caminhou de volta para a sala as batidas recomeçaram. Incessantemente. Agora Stella estava alvoroçada.

— Ela não vai parar até conhecer você — Julia disse a Emily. — Você se importa?

Emily pareceu concordar e foi atrás dela até o corredor.

Assim que Julia abriu novamente a porta, Stella disse:

— Eu não vou embora, até que... — Parou quando Julia abriu mais a porta, revelando Emily em pé ao seu lado.

— Essa é a neta de Vance Shelby — apresentou Julia. — Emily, essa é Stella Ferris.

Stella não conseguiu falar.

— Emily veio para saber como era sua mãe quando morava aqui.

Stella rapidamente se recuperou.

— Ora, é um prazer conhecê-la, Emily! Sawyer e eu fomos amigos de sua mãe. Desça e venha comer pizza conosco. Eu vou pegar meus anuários.

Quando Stella deu um passo ao lado, Emily não hesitou e foi descendo a escada. Com os traços finos de seu rosto e seu corpo alto e esguio, era fácil esquecer como ela era jovem até fazer algo assim.

Antes que Stella pudesse seguir, Julia pegou a manga de seu robe.

— Não fale sobre o que a mãe dela fez.

Stella pareceu insultada.

— Qual é o seu problema? Não sou o bicho-papão.

Emily esperava ansiosamente que elas descessem. Já lá embaixo, Stella liderou o caminho até a cozinha, com o robe farfalhando dramaticamente atrás dela.

Sawyer estava de costas para elas, olhando pela janela da cozinha com as mãos nos bolsos. Ele se virou quando as ouviu entrando. Suas sobrancelhas se ergueram quando viu Emily.

— Olá, quem é essa jovem *tão* bonita? — Ele pronunciou “tão” com ênfase como se falasse de uma bela mulher de luvas brancas. Havia algo inerente

aos modos de Stella e Sawyer ao redor de estranhos que demonstravam sua criação.

— Era ela quem Julia está recebendo, Sawyer, portanto não precisa mais ficar de bico. Essa é Emily, *filha de Dulcie Shelby* — disse Stella, expressiva.

Sawyer não pestanejou.

— Prazer. — Sawyer estendeu a mão e Emily apertou. Ela chegou a dar uma risadinha, mas para Julia não parecia ser de risadinhas. — Vamos comer a pizza enquanto está quente. Julia? — Sawyer foi até a mesa da cozinha e puxou uma cadeira para ela sem deixar muita escolha.

Stella pegou as bebidas e guardanapo de papel, depois, sem cerimônia, comeram a pizza vegetariana na caixa. Julia tentou comer um pedaço rapidamente para poder ir embora. Sawyer estava tranquilo e relaxado, sorrindo para ela como se soubesse o que ela estava fazendo. Stella estava tão confortável com seu robe na mesa de jantar quanto se estivesse com uma roupa Dior. E Emily olhava os três como se fossem presentes a serem abertos.

— Então, vocês conheceram a minha mãe? — Emily finalmente perguntou como se não conseguisse mais esperar.

— Nós a conhecemos bem — disse Stella. — Dulcie e eu fomos amigas de um grupo bem próximo.

— Sassafrás? — disse Emily.

— Isso. Sawyer namorava uma garota chamada Holly, que era do grupo, por isso ele era um dos nossos queridinhos.

— Vocês não eram amigos da Julia?

— Naquela época, eu não era amiga de ninguém — disse Julia.

Emily se virou para ela, curiosa. Ela estava com molho de pizza no lábio superior. Julia sorriu e entregou-lhe um guardanapo.

— Por que não? — perguntou Emily, limpando a boca.

— Ser adolescente é difícil. Todos nós sabemos disso. As Sassafrás faziam parecer fácil. Eu tinha a aparência da verdade.

— O que as Sassafrás faziam? — perguntou Emily. — Serviço comunitário? Levantamento de fundos?

Stella riu.

— Não éramos esse tipo de grupo. Deixe-me pegar os anuários, — Ela jogou a borda da pizza na caixa e saiu da cozinha. Voltou em minutos, possivelmente a única pessoa do mundo que sabia onde encontrar os anuários escolares sem ter que revirar armários, nem ligar para os pais. — Pronto, está aqui. — Ela pousou na mesa diante de Emily um livro verde e prateado com as palavras LAR DOS GATOS GUERREIROS!, depois abriu. — Essas são as Sassafrás, com a sua mãe no meio, é claro. Nós nos encontrávamos nos degraus da frente da escola, todas as manhãs antes da

aula. Aqui está sua mãe, na festa de volta às aulas. Aqui está ela como rainha da formatura. Aqui está o Sawyer com o time de futebol.

Sawyer sacudiu a cabeça.

— Eu raramente jogava.

Stella desviou os olhos para ele.

— Só porque você não queria se arriscar a machucar esse rostinho.

— É uma boa desculpa.

Stella virou a página.

— E aqui está Julia.

Era uma foto dela comendo sozinha na última fileira da arquibancada no campo de futebol. Esse era o território de Julia. Antes da aula, no almoço, ou quando ela matava aula às vezes, até à noite, esse era seu porto seguro.

— Olhe como seu cabelo era comprido! E todo rosa! — disse Emily, olhando mais de perto. — Você está de batom preto?

— Sim.

— Nessa época, ninguém sabia o que pensar de Julia — mencionou Stella.

Julia sorriu e sacudiu a cabeça.

— Eu era inofensiva.

— Talvez para outras pessoas — murmurou Sawyer e Julia automaticamente puxou mais as mangas compridas.

— O pai de Julia mandou-a para o colégio interno depois do terceiro ano — Stella disse a Emily, e Julia virou para eles. — Ela demorou muito pra voltar, e quando voltou, ninguém a reconheceu.

— Eu reconheci — disse Sawyer.

Stella revirou os olhos.

— Claro que *você* reconheceu.

Agora Emily estava esparramada em cima do anuário, folheando as páginas e parando toda vez que se deparava com uma foto de sua mãe.

— Olha! — exclamou. — Minha mãe está usando a pulseira de talismãs! Essa aqui! — Emily ergueu o punho.

Julia se viu encarando o perfil de Emily, com um anseio familiar em seu coração. Sem pensar, esticou o braço e tirou uma mecha de cabelos dos olhos de Emily. Ela nem pareceu notar, mas quando Julia olhou do outro lado da mesa, Sawyer e Stella a olhavam como se tivesse duas cabeças.

— Quem é esse com a minha mãe? — perguntou Emily, apontando um rapaz elegante de cabelos escuros e gravata-borboleta. — Ele está numa porção de fotos com ela.

— Esse é Logan Coffey — disse Julia.

— Era *dele* que ele estava falando. — Emily recostou e sorriu. — Eu conheci um garoto chamado Win Coffey hoje. Ele mencionou que seu tio era o Logan Coffey. Pareceu surpreso por eu não saber quem era.

Ai, que droga, pensou Julia*. Isso não é nada bom.*

— Logan Coffey era namorado dela? — perguntou Emily.

— Todos nós nos perguntávamos isso. Ele e Dulcie negavam — disse Julia, cautelosa. — Basicamente, ele era apenas um garoto tímido e misterioso que sua mãe tentou tirar da casca.

— Ele ainda mora aqui? Vocês acham que eu poderia falar com ele sobre minha mãe?

Houve um silêncio notável. Ninguém queria contar a ela. Julia finalmente disse:

— Logan Coffey morreu há muito tempo, meu bem.

— Ah. — Como se sentisse a mudança na atmosfera, Emily relutantemente fechou o livro. — Acho que devo voltar pra casa. Obrigada por me deixar olhar o anuário.

Stella abanou a mão.

— Leve com você. Isso é de quando eu tinha dez quilos a menos. Não preciso ficar me lembrando.

— É mesmo? Obrigada. — Quando Emily levantou, Julia levantou junto, acompanhou-a até a porta e deu boa-noite, olhando até que Emily sumisse na escuridão sob a abóbada de árvores da casa ao lado.

Quando Julia voltou para dentro, Stella estava ali em pé, com as mãos no quadril.

— Certo, o que está havendo?

— O que quer dizer?

— Por que você está agindo tão esquisita perto dela?

— Não estou agindo esquisita perto dela. — Julia franziu o rosto. — Por que está me olhando assim?

— Só estou surpresa, apenas isso. Quero dizer, ora, vamos. Você é a pessoa menos maternal do planeta. — Stella riu, mas parou quando viu a expressão do rosto de Julia. Ela já tinha se acostumado às pessoas lhe dizendo isso, mas deixara de ser fácil ouvir. Era o preço que se paga quando se tem trinta e seis anos e nenhum interesse aparente de compartilhar a vida com outra pessoa. — Ah, eu não quis dizer de uma maneira ruim. — Julia sabia que Stella não tivera a intenção. Nem as amigas de Julia, de Baltimore, quando diziam: “Você ama demais a sua independência”. Ou: “Você não poderia ser mãe, porque seria mais moderna que seu filho adolescente”. — Vamos lá pra varanda dos fundos beber um vinho.

— Não, obrigada.

— Julia...

— Eu sei que você tem algum doce aqui! — Sawyer deu um grito da cozinha, seguido pelas batidas das portas dos armários.

Stella revirou os olhos.

— Esse homem consegue encontrar meu saquinho de chocolate Hershey não importa onde eu esconda.

— Deixe-o comer antes que ele vá revirar minha cozinha — disse Julia antes de seguir rumo à escada. — Tenho trabalho a fazer.

Emily ficou sentada na varanda depois que chegou em casa com o anuário no colo. Mais cedo, naquele dia, ela já tinha olhado o armário e todas as gavetas do quarto à procura de... alguma coisa. Alguma pista do tempo que sua mãe passara ali. Ela tinha começado a se sentir estranhamente desconfiada, como se houvesse algo que ela precisasse saber e ninguém estava lhe dizendo. Mas só havia o nome de sua mãe gravado no baú empoeirado, no pé da cama, que servia como indicativo de que Dulcie um dia havia morado ali. Não havia nada pessoal. Não tinha fotos, nem cartas antigas, nem uma echarpe, ou um brinco deixado para trás. Por isso que Emily tinha ido até a casa de Julia. Em princípio, ela se sentira estranha por isso, mas agora estava contente por tê-lo feito. O anuário era um tesouro, mesmo que ligeiramente confuso. Um dos princípios da Escola Roxley para Meninas era não haver castas, superlativos, eleições. Como sua mãe poderia ter sido *rainha da formatura?*

Emily lembrou-se de que a mãe nunca lhe deixara ir ao *shopping* por conta da competitividade aberta para se ter algo tão bom ou melhor que a outra pessoa. Ela sempre disse que a moda jamais poderia ser um fator determinante no valor pessoal de alguém. Obviamente que a Escola Roxley tinha uniforme. No entanto, ali no anuário sua mãe estava com as roupas mais modernas da época e usava um *cabelo supertransado*.

Talvez ela ficasse constrangida por quem tinha sido na juventude. Talvez achasse que sua reputação de interiorana ferisse seu passado com o peso da tiara.

Ainda assim, parecia um motivo bem peculiar para jamais ter voltado.

Emily ergueu os olhos do anuário ao ouvir vozes ecoando pela noite inerte vindas da varanda traseira da casa ao lado. O riso de uma mulher. O tilintar de copos.

Sentada no antigo pátio de onde limpara as folhas, ela sorriu e recostou. As estrelas pareciam enroscadas ao redor dos galhos das árvores, como luzes natalinas. Ela viera para cá com expectativas demais. As coisas não eram perfeitas, mas estavam melhorando. Ela até tinha feito amigos ao lado.

Ela respirou fundo, inalando o cheiro doce do calor noturno e começou a ficar sonolenta.

Tinha a intenção de apenas fechar os olhos por um momento.

Mas pegou no sono quase que imediatamente.

Quando acordou, ainda estava escuro. Ela piscou algumas vezes, tentando calcular que horas seriam e quanto tempo ela havia dormido.

Olhou abaixo e viu que o anuário tinha caído de seu colo sobre as folhas do chão da varanda. Com as costas duras, ela se inclinou para pegá-lo. Quando se ergueu novamente, sua pele pinicava.

A luz voltou! A luz que Julia disse que as pessoas achavam ser um fantasma.

Congelada, ficou observando a faixa de horizonte da floresta, depois do velho mirante do quintal dos fundos do vovô Vance. Ela não sumiu, como acontecera na noite anterior. Em vez disso, permaneceu disparando de uma árvore para outra, hesitando entre elas.

Será que ela... *a observava?*

Rapidamente olhou ao lado. Não havia nenhuma luz acesa. Ninguém para ver além dela.

Virou-se de volta para a luz. O que *era* aquilo?

Forçou-se a levantar e lentamente entrou no quarto. Pousou o anuário na cama e parou por um instante. Ela não sabe o que lhe deu, mas, subitamente, saiu correndo descalça pelo chão de madeira. Desacelerou para ser mais silenciosa ao descer a escada e passar pelo quarto do vovô Vance, mas depois deu uma nova arrancada. Demorou um pouquinho por conta da porta trancada da cozinha, mas depois de remexer a fechadura, finalmente abriu a porta e saiu correndo lá para fora.

A luz ainda está lá! Ela saiu correndo atrás, entrou pela área de mata do mirante. A luz rapidamente se retraiu e ela ouviu passos na folhagem.

Passos?

Fantasmas não têm passos.

Depois de uns cinco minutos de perseguição na mata iluminada pela lua, de mãos erguidas para afastar os galhos pendurados, ocorreu-lhe que ela não tinha ideia de aonde estava indo, nem onde daria esse caminho por entre as árvores. Quando a luz subitamente desapareceu, sentiu a primeira pontada de preocupação. O que estava fazendo? Porém, depois de mais alguns passos, irrompeu para fora das árvores. Ficou parada, por um momento, sem fôlego, e dolorosamente percebeu que estava descalça. Ergueu o pé e viu um filete de sangue. Tinha cortado o calcanhar.

Em meio ao silêncio, houve uma batida de porta.

Ela virou a cabeça e olhou em volta, percebendo que estava na área residencial do fim da rua Principal, em pé no meio do parque diante das antigas mansões de tijolinhos. A mata atrás da casa do vovô Vance só podia fazer um ziguezague adentrando outra vizinhança, num labirinto maluco que acabava ali perto do coreto com a lua crescente. Ela olhou para um lado e para outro da rua, depois de volta para dentro da mata. Ela certamente tinha visto a luz terminar aqui, não?

Foi mancando de volta pelo longo caminho até em casa, seguindo pelas calçadas. Sua mente girava. Ela não podia acreditar que tinha acabado de correr por dentro do mato, no meio da noite, perseguindo um suposto fantasma. Isso não era algo comum nela.

Quando chegou à casa do vovô Vance, ela se lembrou de que a porta da frente ainda estava trancada, então teve que contornar pelos fundos. Teve um vislumbre de luz ao virar o canto.

A varanda dos fundos estava com a luz acesa.

Obviamente, o vovô Vance a ouvira correndo para fora e estava esperando por ela. Ela suspirou. Foi preciso que ela saísse correndo pela noite para que ele saísse de seu quarto. Como ela explicaria isso? Ela entrou pela varanda da cozinha e quase tropeçou em algo ao se aproximar da porta.

Inclinou-se abaixo e pegou uma caixa de curativos.

Um som triturado de folhas invadiu o silêncio e ela se virou, resfolegando para ver a luz sumindo de volta para dentro da mata como se nunca tivesse partido.

Logo ela descobriria que o vovô Vance estivera dormindo o tempo todo.





4

Na manhã seguinte, da janela do seu quarto, Win observava Vance Shelby caminhando pela calçada, em direção ao comércio da rua Principal. Ele era um tipo interessante se você o olhasse de forma científica. Win geralmente não olhava as coisas dessa forma. Prova era algo que ele aprendera a não esperar de ninguém, e ninguém esperava dele. Mas Vance Shelby parecia um

louva-a-deus, como se fosse biologicamente feito para agarrar, esconder e proteger coisas. Ele não ia gostar do interesse de Win por Emily. Era uma pena, mas inevitável.

— Win! — seu pai chamou, lá de baixo. — Está claro. Vamos embora.

Win deixou seu quarto e desceu a escadaria de mármore até o salão onde seu pai estava esperando. Embora ficasse frequentemente entediado, ele já não se importava tanto em dar esses passeios com o pai, não tanto quanto era menino. Morgan Coffey gostava de sair bem cedo e cumprimentar os proprietários das lojas e turistas. Desde que Win tinha aproximadamente cinco anos, Morgan o levava para essas trilhas de relações públicas para prepará-lo, Win imaginava. Para que Win soubesse o que esperava por ele. Eles iam a um restaurante diferente a cada manhã, onde Morgan conversava com todos. Win simplesmente gostava da oportunidade de sair de casa assim que possível logo que amanhecia. Se tinha de ser com seu pai, então, era um preço pequeno a pagar.

— Pronto? — perguntou Morgan quando Win o encontrou perto da porta da frente.

— E se eu disser não? — retrucou Win quando o pai abriu a porta.

Morgan inspecionou Win, desde sua gravata-borboleta vermelha até seus mocassins.

— Você parece pronto.

— Então, acho que estou.

Morgan respirou fundo, controlando sua raiva.

— Não banque o espertinho comigo — avisou.

E Win tinha de admitir que era cedo demais para esse tipo de discussão.

Eles caminharam pela calçada. Vance tinha desaparecido — não era uma façanha fácil para um gigante. Essa manhã, Morgan decidira ir ao restaurante Welchel's. Quando eles entraram, rapidamente observou o salão, depois levou Win até uma mesa próxima à porta. Morgan gostava de cumprimentar as pessoas conforme elas entravam. Ele gostava de se concentrar nos turistas, primeiro nas pessoas que não reconhecia. Win frequentemente o observava, admirado. Para alguém aparentemente tão satisfeito com sua vida enclausurada, Morgan Coffey ficava genuinamente empolgado em conhecer novas pessoas. Isso dava a esperança de que, no fim, seu pai entendesse por que Win seguiria em frente com seus planos. Afinal, essas saídas matinais eram por esse motivo. Podiam estar mascaradas como relações públicas, mas tinham tudo a ver com aceitação.

Win não sabia há quanto tempo eles estavam ali — ele imaginava que não fazia muito, porque os pedidos de café da manhã ainda não tinham chegado — e a viu.

Emily passou caminhando pelo restaurante, olhando direto em frente, com o sol batendo em suas costas. Ela tinha pernas e braços longos. Não tinha

puxado o avô em nada, exceto nisso. Porém, embora Vance parecesse ter crescido demais, Emily parecia... perfeita.

Win virou para ver se o pai havia notado. Ele não notara. Na verdade, Morgan deixara a mesa sem que Win sequer percebesse. Agora ele estava do outro lado do salão apertando a mão de alguém. Win virou de volta para a janela, inclinando-se à frente para observar Emily se afastar. Dando uma última olhada no pai, tirou o guardanapo do colo, pousou na mesa, depois empurrou a cadeira para trás e saiu sorrateiramente do restaurante.

Ele seguiu Emily a distância, notando que essa manhã ela estava de chinelos de dedo e tinha um curativo no calcanhar. Ele parou quando ela chegou ao banco do lado de fora do J's Barbecue. Ela não entrou, e ele ficou imaginando o motivo. Emily não parecia fraca como na manhã de ontem. Não, ela estava esperando. Esperando que o avô saísse. O gesto foi encantador, mas angustiantemente solitário.

Ele só estava a algumas lojas de distância, perto o suficiente para que Emily olhasse quando Inez e Harriet Jones o abordaram, vindo por trás, e disseram simultaneamente: "Olá, Win!".

Ele retribuiu o olhar de Emily antes de virar relutantemente para Inez e Harriet. Elas eram irmãs solteironas que moravam ao lado da casa dos Coffey, na rua Principal. As irmãs iam juntas para todo lado, combinavam os vestidos e carregavam apenas uma bolsa. Há muito tempo, quando os Coffey quiseram colocar uma entrada de garagem entre as duas casas, para entrar pela rua de trás sem contornar a quadra inteira, as irmãs Jones concordaram sob a condição de que os Coffey as convidassem para uns drinques toda terceira terça-feira do mês. Portanto, já fazia mais de trinta anos que as irmãs idosas eram um acessório fixo no sofá dos Coffey, entre quatro e cinco da tarde, uma vez por mês.

— Olá, senhorita Jones — ele cumprimentou Inez. — Senhorita Jones — ele disse para Harriet.

— Nós o vimos olhando para aquela coisinha bonita ali — disse Inez, embora Win preferisse que ela não tivesse dito. Emily podia ouvir cada palavra.

Harriet sugou o ar subitamente enquanto agarrava o braço da irmã.

— Irmã, sabe quem é aquela?

— Será que é? — indagou Inez, agarrando-a também.

— Sim, é! — respondeu Harriet.

— O que traz vocês duas para esses lados nessa manhã? — perguntou Win, tentando mudar de assunto.

Inez estalou a língua.

— Ora, mas como ela se parece com a mãe, não é?

— Certamente.

— Posso acompanhá-las até em casa? — interrompeu Win. — Estou seguindo naquela direção. — Ele estendeu o braço tentando afastá-las.

— Sua mãe foi muito audaciosa em mandá-la pra cá — comentou Inez. — Mas que coisa a se fazer com uma criança.

Harriet sacudiu a cabeça. As duas estavam encarando Emily sem disfarçar.

— Ela nunca irá se entrosar.

— E como é que o avô vai tomar conta dela? Ele mal consegue cuidar de si mesmo.

— Eu não sei, irmã — disse Harriet. — Eu não sei.

Win gesticulou novamente.

— Senhoras, vamos?

Inez sacudiu o dedo nodoso para ele:

— Não se transforme em seu tio, Win. Não se iluda por um belo rosto. Que tragédia! — As irmãs olharam-no penalizadas. — Olhe para ela o quanto quiser, mas fique longe. Isso é o que nós faremos. Para demonstrar apoio à sua família. Certo, irmã?

— É melhor assim.

Foi quando elas viraram e o deixaram, caminhando em direção de casa, cada uma segurando uma alça da única bolsa, como um balanço, entre as duas.

Win fechou os olhos, por um momento, antes de virar para Emily.

Ela parecia inquieta, e ele não podia condená-la.

Ele colocou as mãos nos bolsos e caminhou na direção dela, tentando parecer casual e tranquilo.

— Olá, de novo.

Ela não respondeu, virou os olhos para as irmãs Jones, que seguiam pela calçada.

Win detestou que elas tivessem sido tão indelicadas.

— Onde está seu avô? Eu o vi mais cedo — ele disse para desviar a atenção dela nas duas.

— Lá dentro — apontou. — Estou esperando por ele.

— Em vez de comer com ele?

— Eu não sei se ele quer... achei melhor apenas esperar. — Ela o olhou tentando ser discreta, mas não foi. — Você sempre se arruma todo assim tão cedo?

— É meio que uma tradição. — Ele indicou o banco. — Posso?

Ela concordou.

— De onde você vem? — ela perguntou quando ele sentou.

Ele cruzou as pernas sem querer parecer ansioso ou suspeito demais. Cair nas graças de alguém era algo natural, mas ele estava nervoso. Muita coisa dependia disso.

— Daqui. Eu sou daqui.

Ela hesitou, como se ele tivesse respondido uma pergunta totalmente diferente.

— Não, eu quis dizer ontem e hoje. De onde você *acabou* de vir?

Ele riu.

— Ah. Café da manhã com meu pai. Toda manhã.

— Todo mundo daqui vem até a rua Principal tomar café?

— Todo mundo, não. Como vai seu pé? — perguntou sem olhar para o pé. Em vez disso, ele ficou encarando seus olhos azuis sinceros. Ela não era o que ele esperava. Nem um pouco.

— Meu pé?

— Parece que você arranhou o calcanhar.

Ela virou ligeiramente o pé direito para ver o corte com curativo.

— Ah. Eu cortei correndo descalça pelo mato.

— Da próxima vez, você deve calçar um sapato. — Ela ergueu novamente o olhar para vê-lo sorrindo.

Ela estreitou os olhos.

— Obrigada. Vou fazer isso. Quem eram aquelas senhoras com quem você estava falando? — perguntou.

Ele suspirou tristonho.

— Inez e Harriet Jones. São minhas vizinhas de porta.

— Elas estavam falando de mim?

Ele pensou em respostas diferentes, mas resolveu dizer sim.

— Elas sabiam quem sou — ela disse. — Conheceram minha mãe.

— Sim.

— Por que disseram que eu não vou me entrosar?

Ele sacudiu a cabeça.

— Se você tivesse motivo para se preocupar com elas, juro que eu lhe diria.

— Parece que elas não gostam da minha mãe.

Ele catou um fiapo imaginário na manga. Sabia que parecia calmo, mas, por dentro, seu coração estava disparado no peito.

— Se você quiser que eu lhe conte a história, eu conto. — *Deus, o que ele iria dizer?* — Acho melhor que você saiba. Embora eu não tenha certeza se devo ser eu a lhe contar. Sua mãe deveria ter lhe contado. No mínimo, seu avô deveria ter dito algo a essa altura.

— Sobre o quê? Elas mencionaram seu tio. É sobre ele?

— Sim. Nós temos uma história, você e eu. — Ele se aproximou ligeiramente num tom conspirador. — Você apenas não sabe ainda.

Ela inclinou um pouquinho a cabeça.

— Que coisa estranha de dizer.

— Apenas espere. Fica mais estranho ainda. — Uma mulher chamativa de salto alto e *shorts* passou por eles. Ele e Emily viraram-se e observaram-na entrar no J's Barbecue. Foi quando Win viu Vance Shelby lá dentro, olhando

para os dois. Não que alguém que o conhecesse pudesse temê-lo, mas ainda era desconcertante ter alguém tão grande lançando um olhar tão intenso. Será que Vance sabia o que Win estava fazendo? Emily não notara, então ela pareceu surpresa quando ele subitamente levantou e disse:

— Acho melhor eu ir.

— O quê? Não, espere, me conte a história. Conte-me sobre minha mãe e seu tio.

— Da próxima vez que te encontrar, eu conto. Tchau, Emily — disse, se afastando. Foi preciso muito esforço para não olhar para trás até o último momento. Quando ele olhou, pouco antes de entrar no restaurante, onde deixara seu pai, viu que ela ainda o observava.

Agora não tinha como voltar atrás.

O terreno estava preparado.

Ela estava oficialmente curiosa.





5

Julia já tinha assado os bolos do dia e estava escrevendo no quadro-negro antes mesmo que quatro clientes entrassem no restaurante. Vance Shelby tinha chegado e estava sentado sozinho, esperando pelo restante dos idosos de seu grupo de café da manhã. Ele tomava seu café em um pires mais

fundo, em vez de usar a xícara, porque sua borda era maior e sua mão gigante conseguia segurar melhor. Julia ficou tentada a falar com ele sobre Emily. Mas depois pensou melhor. Isso não era de sua conta. Ela só ficaria ali por alguns meses. Não havia necessidade de se emaranhar nessas coisas. Ela seria amiga de Emily enquanto estivesse ali e tentaria ajudá-la a se estabelecer. Era tudo que podia fazer.

Vance estava observando algo lá fora, franzindo o rosto.

Julia tinha acabado de escrever as ofertas do dia — bolo de leite, bolo amanteigado de noz-pecã, enroladinhos de limão e bolinhos de baunilha chai — então, ela pendurou o quadro-negro e virou para ver o que havia chamado a atenção de Vance.

Assim que ela virou, a sineta acima da porta tocou e Beverly Dale, ex-madrasta de Julia, entrou.

Pelo menos não era Sawyer.

Mas era quase tão ruim.

— Julia! — exclamou Beverly, caminhando até o balcão com seus saltinhos brancos de gatinha. — Nossa, eu não te vejo há tanto tempo. Sempre tento chegar aqui cedo, mas não sou uma pessoa matinal, tenho certeza de que você se lembra. Ontem à noite, eu disse a mim mesma: “Beverly, você vai colocar o relógio para despertar e chegar ao restaurante cedo para ver a Julia”. E aqui estou eu!

— Parabéns — cumprimentou Julia, contente porque o balcão estava entre as duas e Beverly não podia abraçá-la. Beverly podia sufocar um elefante com o cheiro de seu perfume.

— Vejo que você continua usando mangas compridas — disse Beverly, sacudindo a cabeça. — Ave Maria, não sei como você consegue ficar à vontade, principalmente com o calor do verão.

— É algodão, não é tão ruim — disse, puxando as mangas mais para baixo e segurando os punhos.

— Eu compreendo. Cicatrizes não ficam bem numa mulher. — Beverly inclinou-se à frente e sussurrou: — Eu tenho uma pequena cicatriz aqui na testa e não gosto que ninguém veja. Por isso peço para minha cabeleireira, Yone, fazer esse cacho.

Julia sorriu e concordou, esperando que Beverly chegasse ao assunto que de fato a levara até ali.

Julia tinha doze anos da primeira vez em que seu pai levou Beverly para casa. À época, ele dissera a Julia que achava que seria bom ter uma companhia feminina para conversar assuntos de garotas, pois ela estava crescendo — como se ele a tivesse trazido por sua causa. Em princípio, Beverly tinha sido atenciosa com Julia. Julia era um bebê quando sua mãe morreu, então ela começou a achar que ter Beverly por perto seria, sim, algo bom. Mas depois Beverly e seu pai se casaram e Julia sentiu a mudança. A

atenção do pai de Julia era implacavelmente direcionada à pessoa que mais demandava. E essa pessoa era Beverly. Independentemente da quantidade de crises de manha, ou de ficar emburrada, e, mais tarde, de seus cabelos rosa choque, ou até de se cortar, isso jamais seria comparado com Beverly, a *sexy* Beverly, com seus cabelos loiros esvoaçantes e suas camisetas decotadas, e seus saltos altos usados até com *shorts*. Ela gostava de fazer as coisas para o pai de Julia — preparar suas refeições, acender seus cigarros, fazer massagem em seus ombros quando ele assistia à televisão. Quando Beverly não tinha as coisas como queria, ela parava de fazer essas coisas e isso era doloroso para Julia, ver o pai tentando ficar de bem.

Beverly e seu pai tinham ficado juntos até uns quatro anos atrás. Quando o pai lhe contou sobre o divórcio, durante o telefonema anual de Natal de Julia, ele disse em seu jeito simples e bondoso: “A Beverly é uma mulher tão vibrante. Ela precisava mais do que eu podia lhe dar”.

O que ela precisava, Julia descobriu depois, era de um homem com grana. O pai de Julia nunca tivera muito dinheiro, mas ele havia se saído muito bem para alguém com escolaridade até a oitava série. Aos trinta anos, ele era dono de sua casa e de seu negócio, sem dívidas. E tinha sido um excelente administrador financeiro, motivo pelo qual Julia ficara tão chocada ao descobrir a extensão de sua dívida depois de sua morte. Ela só podia presumir que Beverly tinha gastado tudo que ele tinha e, quando não havia mais nada, trocado-o por Bud Dale, que tinha acabado de abrir sua segunda loja de amortecedores na cidade.

Julia se lembrava de ter visto Beverly, pela primeira vez em muitos anos, no enterro do pai. Ela envelhecera um bocado, mas ainda tinha aquele poder que mulheres de nariz grande possuem, de serem belas mesmo quando não são.

— Lamento pelo seu paizinho — ela dissera. — Me avise se houver sobrado dinheiro. Acho que parte dele deve vir para mim, você não acha? Nós passamos vinte belos anos juntos. — E ela dissera isso bem na frente de Bud Dale.

Quando Julia vendeu a casa do pai e pegou o pouquinho que restara para quitar a hipoteca e saldar parte da dívida do restaurante, Beverly ficara furiosa. Parte desse dinheiro poderia lhe ter sido dada, insistiu ela. Depois que percebeu o que Julia estava fazendo, ficando ali para trabalhar e quitar a hipoteca do restaurante, de modo a vendê-lo e obter um bom lucro, ela periodicamente vinha abordar Julia para lembrá-la de que, naturalmente, parte do dinheiro deveria ser dela. Como se elas estivessem nisso juntas.

— É sempre parado assim nesse horário? — perguntou Beverly, acenando para chamar uma das garçonetes. — Eu gostaria de dois especiais de café da manhã para viagem. Vou fazer uma surpresa para o Bud no trabalho. Ele nunca vai acreditar que acordei assim tão cedo.

— Logo estará cheio — Julia tranquilizou-a.

— Espero que sim. Parece que você não está ganhando o suficiente para o movimento do café da manhã. E você faz muitas sobremesas. — Ela apontou para o quadro-negro. — As pessoas realmente comem tudo, todo dia? Se tiver sobras, é um desperdício terrível de dinheiro.

— Nunca tem sobra. Eu estava de saída, Beverly — avisou Julia. — O que posso fazer por você?

— Ora, pare com isso. Você não tem lugar algum para ir. Você nunca faz nada, exceto trabalhar e ir para casa. Parece tanto com seu pai.

Julia tentou manter o sorriso. Em determinado ponto de sua vida, ela teria recebido bem a comparação. Agora, ela queria gritar: “Não! Eu fiz muito mais!”.

— Eu sei que serão somente mais alguns meses até que você venda esse lugar. Estão dizendo que a Charlotte está interessada em comprá-lo de você. Eu só queria lhe dizer que não acho isso uma boa ideia.

— Ah, é? — Charlotte era a gerente do restaurante e a pessoa perfeita a quem vender. Ela não somente conhecia o negócio, como se importava com ele. E isso agora significava algo para Julia. Logo que voltou para a cidade, Julia teria ficado contente em vender o restaurante a qualquer pessoa se isso representasse lucro. Agora que ela já estava ali há um tempo, percebera que devia ao seu pai o fato de passar o local a alguém que o amasse tanto quanto ele amara. Isso que lhe acontecera por ficar ali tempo demais. Ela tinha amolecido.

— Acho que você pode acabar entregando o restaurante por menos do que deve só porque ela trabalhou aqui por muito tempo. Mas a finalidade é obter o máximo de dinheiro possível.

— Obrigada por sua contribuição, Beverly.

A garçonete trouxe um saco com duas bandejas cobertas de isopor. Ela entregou o saco à Beverly, que o pegou sem nem sequer agradecer.

— Eu te vejo em breve — anunciou Beverly. — Nós podemos tomar as providências. Deixar tudo regularizado, certo?

Julia não disse uma palavra, mas não tinha a menor intenção de dar a Beverly dinheiro algum pela venda do restaurante. Ela não se importava o quanto Beverly ficasse zangada quando descobrisse. Julia não estaria lá para lidar com isso. Simplesmente seria mais fácil deixar Beverly acreditar no que quisesse. Discutir com ela só tornaria a estadia de Julia ainda mais infeliz e talvez até prejudicasse o negócio.

Julia e a garçonete observaram Beverly saindo. A garçonete — Julia esqueceu seu nome — era nova. Ela estava com a conta de Beverly na mão.

— Não se preocupe com isso — disse Julia. — Ela nunca acha que tem que pagar.

A garçonete amassou a conta, e Julia seguiu para a porta.

Ao abri-la, lá estava Sawyer.

Julia esfregou a testa. Como é que um dia podia ficar tão ruim assim logo cedo?

Sawyer era tão radiante e atencioso mesmo a essa hora. Ela se perguntou se ele dormia ou se simplesmente ficava acordado a noite inteira, transbordando energia e pensado em novos meios para encantar, novas formas de ter as coisas do seu modo. Ele cruzou com o olhar dela e sorriu.

— Julia, você está adorável. Ela não está adorável, vovô? — Sawyer perguntou ao cavalheiro idoso a quem ajudava a passar pela porta.

O velhinho ergueu os olhos e sorriu. Ele tinha olhos profundamente azuis, como os de Sawyer. Os homens Alexander eram maravilhas a serem admiradas.

— Está mesmo adorável, Julia. Essa mecha rosa em seus cabelos dá um charme.

Julia sorriu diante disso.

— Obrigada, senhor Alexander. Aproveite seu café da manhã.

— Espere por mim, Julia — disse Sawyer. — Eu quero falar com você.

Todos os tipos de alerta dispararam. Fogos de artifício começaram a faiscar em sua visão periférica.

— Desculpe — disse ela, saindo pela porta assim que Sawyer e seu avô passaram. — Preciso ir.

Ela caminhou pela calçada na direção de casa. Por um momento, pensou ter visto Emily no fim da rua, mas depois a perdeu de vista.

Julia sabia que podia ir de carro para o trabalho, porém, com a maior parte do dinheiro sendo canalizada para os pagamentos da hipoteca do restaurante, gasolina era um luxo. Às vezes, suas caminhadas para casa a faziam lembrar demais de suas caminhadas para o colégio, porque seu pai não tinha dinheiro para lhe dar um carro. Ela costumava invejar todos os garotos que podiam ter carro e passavam dirigindo. As garotas que eram das Sassafrás, em particular, em suas BMW e em seus Corvettes.

Todo esse sacrifício valeria a pena. Ela tinha que ficar repetindo isso para si mesma. Ela tinha outra vida inteira à sua espera, uma vida em que poderia controlar as lembranças do passado. Quando ela voltasse a Baltimore, poderia retomar de onde havia parado, restabelecendo contato com amigos que só a conheciam como ela era agora, não como tinha sido. Boas amizades zeradas. Ela encontraria um novo lugar para morar, tiraria suas coisas do depósito, depois encontraria o ponto ideal para sua confeitaria. Já tinha trabalhado muito tempo na confeitaria dos outros. Quando tivesse seu próprio lugar, ela faria seus doces com todas as janelas abertas e, se quisesse, só faria biscoitos roxos. *Confeitaria da Garota de Olhos Azuis*. Esse seria o nome. O fato de os olhos de Julia serem castanhos não importava. De qualquer forma, não era por causa dela.

— Julia! — chamou Sawyer.

Ela sentiu um formigamento na nuca e apertou o passo. Mesmo assim, Sawyer deu uma corrida e logo a alcançou.

Ela desviou os olhos para ele.

— Você veio correndo atrás de mim?

Ele pareceu indignado como se tivesse sido flagrado fazendo algo rude.

— Eu não teria precisado se você tivesse esperado.

— O que você quer?

— Eu lhe disse. Quero falar com você.

— Então, fale — retrucou.

— Assim, não. — Ele passou a mão ao redor do braço dela, e a fez parar. — Mantive distância desde que você voltou porque achei que era isso que você queria. Quando eu ouvi dizer que você estava se mudando de volta para Mullaby, eu tive... esperança. Mas, no instante em que a vi novamente e você me lançou aquele olhar de quem queria me matar, eu soube que ainda era cedo demais.

— Eu não me mudei de volta — ela disse, desvencilhando o braço.

— Mas tenho feito um desserviço para nós dois — ele continuou, como se ela não tivesse dito nada. — Isso já demorou demais. Quero falar a respeito disso, Julia. Tenho algumas coisas a lhe dizer.

— Sobre o quê? — perguntou ela.

Ele ficou em silêncio.

Ela tentou rir.

— Isso tem algo a ver com o fato de você achar que eu tenho feito bolos por sua causa?

— Eu não sei. Você me diz.

Eles se olharam por um momento antes que ela dissesse:

— Eu não tenho nada a lhe dizer. E duvido que você tenha algo a dizer que eu queira escutar.

Intrépido, ele continuou:

— Jante comigo no sábado.

— Eu tenho planos para sábado — ela disse.

— Ah, é? — Ele enfiou as mãos nos bolsos e ficou se balançando nos calcanhares, para frente e para trás, surpreso. Esse era um homem que não estava acostumado a ser dispensado. — Com quem?

— Eu estava pensando em levar Emily até o lago — ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Você está demonstrando um interesse notável por essa garota.

— Isso o surpreende tanto assim, Sawyer? — Ela lançou um olhar. — Mesmo?

Ela pôde ver que isso o magoou. E não fez com que ela se sentisse bem como imaginou. Ele hesitou antes de perguntar baixinho:

— Você algum dia irá me perdoar?

— Eu te perdoei há muito tempo — ela disse ao virar e sair andando. — Isso não significa que eu esqueci.

A voz dele ecoou atrás dela:

— Nem eu, Julia.

Quando tinha dezesseis anos, o peso da infelicidade de Julia às vezes lhe tirava o fôlego. Aquilo vinha se acumulando há anos, um tijolo em cima do outro: a adolescência, o novo casamento do pai, seu amor não correspondido pelo garoto mais bonito da escola, o infortúnio de ter Dulcie Shelby como colega de turma. Mesmo assim, até entrar no ensino médio, ela sempre tivera amigas. Sempre fora boa aluna. Sempre conseguira funcionar. Mas depois uma depressão gradual recaiu sobre ela, como se alguém tivesse aberto um lençol e o deixasse flutuar até cobri-la. Até chegar ao segundo ano do ensino médio, ela já tinha desistido de competir com Beverly, a madrasta. Seus cabelos cor-de-rosa e sua maquiagem preta eram tentativas de lutar contra a sensação opressora de estar desaparecendo. Conforme sua aparência começou a mudar e ela foi ficando mais calada, seus amigos passaram a evitá-la, mas ela não ligava. Ela ficaria sem eles, com prazer, se seu pai ao menos a olhasse.

Não funcionou.

Às vezes, ela escutava Beverly dizendo ao seu pai que não prestasse atenção, que isso era só uma fase, que passaria. E, claro, ele fazia exatamente o que Beverly sugeria.

Então, começaram os cortes.

Sua infelicidade e aversão a si própria a venceram um dia quando ela estava na aula de história. O senhor Horne estava escrevendo algo na lousa, Julia estava sentada no fundo da sala, e Dulcie Shelby, algumas cadeiras à frente. Julia ergueu os olhos dos rabiscos que fazia no caderno e viu Dulcie sussurrar com uma de suas amigas depois tirar algo da bolsa. Segundos depois, uma latinha de talco de pulga saiu rolando pelo corredor e parou junto aos pés de Julia.

Dulcie e as amigas riram, e o senhor Horne se virou.

Ele queria saber o que era tão engraçado, mas ninguém na sala disse uma palavra sequer. Julia ficou olhando para baixo, vendo a lata encostada na ponta de seus coturnos.

O senhor Horne finalmente se virou, e assim que o fez Julia pegou um lápis apontado que segurava e arrastou cravando em seu antebraço. Em princípio, ela não percebeu o que havia feito. Apenas ficou olhando as gotinhas de sangue se formando em sua pele, com uma sensação estranha de satisfação, de libertação.

Primeiro, era aleatório, usando o que ela tivesse à mão, mas logo se tornou algo proposital e ela passou a usar giletes que escondia em casa embaixo do colchão. Toda vez que se cortava era intenso e dramático, como ser sacudida

para fora do vácuo da inutilidade, de volta à vida. Isso não apenas a fazia sentir algo, ela se sentia *bem*. A certa altura, ela percebeu que não conseguia parar, que ela não conseguia passar um dia sem se cortar, mas não ligava. Ela realmente não ligava. Não demorou para que seus antebraços ficassem cobertos de riscos como teias de aranha em cortes com cascas, e ela usava camisas de mangas compridas, mesmo nos dias mais quentes.

Ela estava cortando os braços há meses antes que seu pai e a madrasta percebessem. Foi Beverly quem viu as marcas primeiro. Julia tinha acabado de sair do chuveiro numa manhã e estava enrolada numa toalha quando a madrasta bateu na porta e entrou dizendo: “Não ligue pra mim, só vou pegar minha pinça...”.

Ela parou de repente quando viu os braços nus de Julia.

Naquela noite, quando o pai de Julia chegou em casa do trabalho, ele foi até seu quarto. Seu rosto estava franzido e preocupado, e ele se aproximou com cautela, como se estivesse evitando esmagá-la com o peso de sua presença. Ele queria saber o que havia de errado, e Julia se ressentiu com a pergunta. Como ele poderia não saber?

Pouco tempo depois, terminou seu terceiro ano e o pai e Beverly não a perderam de vista naquele verão. Em vez de sentir que finalmente conseguira o queria, ela detestava que eles tentassem impedi-la de praticar a única coisa que a fazia se sentir melhor.

O verão inteiro foi uma longa luta de poder. Na verdade, ela passou a ficar na expectativa pelo início das aulas para poder se afastar deles. E, é claro, o novo ano letivo significaria que ela voltaria a ver Sawyer. O belo Sawyer. Mas faltando apenas alguns dias para que as aulas começassem na escola Mullaby, o pai de Julia lhe disse que a mandaria para um colégio interno. Eles seguiriam de carro até a escola, em Baltimore, no dia seguinte. Ele lhe avisara um dia antes. Um dia. Ele vinha planejando isso pelas suas costas o verão todo!

Naquela noite, ela saiu pela janela da lavanderia e fugiu. Se seu pai não a queria por perto, tudo bem. Mas ela não iria para uma escola imbecil. O problema era que ela não tinha ideia de outro lugar para onde ir. Então, acabou indo parar em seu banco preferido, no alto da arquibancada da escola.

Ela estava ali havia algumas horas quando Sawyer apareceu. Passava da meia-noite, mas subitamente lá estava ele, caminhando ao redor da pista. A lua tinha saído e ele estava de *shorts* branco, portanto ela podia vê-lo claramente de seu lugar.

Ela não havia se mexido, então não sabia o que o fizera olhar para cima. Mas ele olhou e ela perdeu o ar, como acontecia toda vez que ele olhava para ela na escola.

Eles ficaram se olhando por um longo tempo. Então, ele atravessou a pista e subiu as arquibancadas na direção dela.

Sawyer nunca a abordara, mas sempre a observava no colégio. Muita gente olhava, isso não era tão incomum. Mas ele era bem deliberado naquilo. Ela sempre imaginava se esse seria o motivo de ela ter esses sentimentos estranhos por ele, por achar que ele realmente a *via*.

Ele parou diante dela.

— Se importa se eu me sentar?

Ela sacudiu os ombros.

Ele sentou, mas não disse nada por um tempo.

— Você vem muito aqui à noite? — ele finalmente perguntou.

— Não.

— Achei que não. Caminhei nessa pista à noite o verão inteiro e nunca te vi durante as aulas. — Ela ficou pensando por que ele caminhava à noite. Estava nervosa demais para perguntar. — Você está pronta para o começo das aulas?

Ela subitamente levantou. Ficar assim tão perto dele deixava seu coração mais leve. Ele deixava todo o seu mundo mais leve. Mas isso era uma ilusão horrível.

— Preciso ir.

— Para onde você vai? — ele perguntou conforme ela foi descendo ruidosamente as arquibancadas com seus coturnos pretos pesados.

— Eu não sei.

— Eu te acompanho — ele disse, levantando para acompanhá-la.

— Não.

— Não vou deixá-la andar sozinha a essa hora da noite.

Ela desceu a última arquibancada e atravessou a pista de corrida até o campo de futebol. Ela olhou por cima do ombro.

— Pare de me seguir. — Ao chegar ao meio do campo, ela olhou novamente para trás. — Eu disse pare de me seguir.

— Não vou deixá-la andar sozinha.

Isso a fez parar e virar para ele.

— Qual é o seu problema? Pare de ser tão... tão...

— O quê?

— *Legal comigo.* — Ela abaixou e sentou no chão de pernas cruzadas. — Vou ficar aqui sentada até que você vá embora. — Isso não teve exatamente o efeito que ela queria. — Não sente ao meu lado. Não... — Ela suspirou quando Sawyer sentou ao seu lado, bem ali, no meio do campo de futebol americano.

— Qual é o seu problema? — ele perguntou.

Ela desviou o olhar.

— Meu pai vai me mandar para o colégio interno amanhã.

— Você vai *embora?* — ele perguntou, incrédulo.

Ela assentiu.

Ele puxou um punhado de grama do lado deles. Finalmente, ele disse:

— Posso lhe dizer uma coisa?

— Não, a menos que seja tchau.

— Pare de bancar a espertinha. — Isso a fez girar a cabeça de volta. Seu pai e Beverly vinham sendo tão cuidadosos com ela durante o verão inteiro que foi surpreendente ouvir alguém falar de seu comportamento. — Nesse ano que passou, eu, na verdade, acordava na expectativa de ir para a escola porque sabia que veria você. Eu ficava imaginando o que você iria vestir. Eu adorava a hora do lanche porque podia ficar sentado no refeitório olhando pela janela e vendo você na arquibancada. Eu te procurei o verão todo. Onde você esteve?

O queixo dela caiu e ela teve vontade de lhe dar um soco no braço. Ele tinha uma namorada chamada Holly, que era legal, apesar de ser do grupo das Sassafrás, de Dulcie. E eles namoravam havia uma eternidade. As pessoas até se referiam a eles como uma única entidade. Sawyerholly.

— O que há de *errado* com você? — perguntou Julia. — Você e Holly estão juntos. Vocês combinam.

— Só estou dizendo que lamento por nunca ter falado com você. Eu sempre quis falar. Eu sempre quis... — Os olhos dele desviaram aos lábios dela e ela subitamente percebeu como ele estava perto, como se inclinava em sua direção.

Seus lábios estavam a centímetros dos dela quando ela desviou.

— Vá embora, Sawyer. Volte para sua vida perfeita e boa. — Ela sentiu as lágrimas chegando aos olhos e limpou com as costas das mãos. Elas mancharam a mão por causa do lápis preto. As lágrimas continuavam a vir e ela ficava limpando o rosto, sabendo que estava piorando. Deus, por que Sawyer simplesmente não ia embora e a deixava em sua infelicidade horrenda?

Sawyer calmamente tirou sua camisa polo branca e entregou a ela.

— Vá em frente. Pode usar.

Ela pegou relutante e esfregou o rosto com a camisa. Cheirava a algo verde e fresco, como caules de flores.

Quando finalmente parou de chorar, constrangida, ela olhou para a camisa em suas mãos. Ela a estragara.

— Desculpe.

— Não ligo para a camisa. Você vai ficar legal?

— Eu não sei. — Seus olhos começaram a lacrimejar novamente. — Não quero estudar longe. Mas meu pai não me quer mais. Agora ele tem a Beverly. — Claro que a escola tinha sido ideia de Beverly. Por que ela simplesmente não ficou de boca fechada sobre os cortes?

— Tenho certeza de que isso não é verdade — disse Sawyer.

Ela apenas sacudiu a cabeça. Afinal, ele não entendia.

Ele esticou o braço e, hesitante, prendeu uma mecha de cabelo rosa atrás de sua orelha.

— Eu tinha me esquecido de como você era sem maquiagem.

— Eu desapareço.

— Não. Você é bonita.

Ela não acreditava nele. Não *podia* acreditar nele.

— Vai pro inferno, Sawyer.

— Você pode acreditar no que quiser, mas eu não minto.

— Claro que não. Você é perfeito. — Ela parou, depois virou para ele. — Você me acha bonita?

— Sempre achei.

— E quanto a isso? — perguntou, arregaçando as mangas da camisa abotoada que estava usando. Ela mostrou os riscos nos braços. Seu pai e Beverly tinham esvaziado seu quarto de todos os objetos pontiagudos, como se ela fosse uma criancinha, então grande parte dos cortes mais profundos tinha sarado, mas ela ainda usava as unhas quando ficava ansiosa. — Acha que são bonitos?

Sawyer se retraiu, exatamente o que ela queria que ele fizesse. Isso era a prova. Ela realmente não podia ser amada.

— Cristo. Fez isso em você mesma?

Ela baixou as mangas.

— Sim.

Ela esperava que agora ele a deixasse, mas ele não foi. Eles ficaram sentados em silêncio por um bom tempo. Ela finalmente se cansou e se esticou no gramado. Ele a observava, depois lentamente deitou ao seu lado.

Naquela noite, o céu estava incrível, a lua estava quase cheia e as estrelas cobriam o céu como pedras arremessadas. Ela nunca tinha se afastado de Mullaby. Será que o céu era assim em Baltimore?

Quando a barriga de Sawyer roncou, ele riu.

— Não comi mais nada desde o bolo do almoço — disse ele, timidamente.

— Você comeu bolo no almoço?

— Eu comeria bolo o tempo todo se pudesse. Você vai rir disso, mas eu vou te contar mesmo assim. Sabe como tem gente que sofre uma queda por doce? Eu tenho um *sentido* para o doce. Quando era pequenininho, eu podia estar brincando do outro lado da cidade e sabia exatamente quando minha mãe tirava um bolo do forno. Eu *via* o cheiro, a forma como ele flutuava pelo ar. Eu só precisava segui-lo até em casa.

Era algo tão surpreendente de admitir. Ela virou a cabeça e viu que ele a encarava outra vez.

— Você é encantado — ela disse. — Mas provavelmente já sabe disso. Está até na forma como você olha para as pessoas. — Ela o encarou por um momento, deslumbrante de peito nu sob o luar. — Sim, você sabe exatamente o poder que tem.

— Tenho poder sobre você?

Será que ele honestamente achava que ela era imune?

— Claro que tem.

Ele se ergueu num dos cotovelos e ficou olhando para ela abaixo dele. O que ela não daria para saber o que ele via, saber o que o fazia olhá-la daquela forma.

— Posso beijá-la, Julia?

Ela não hesitou.

— Sim.

Ela ficou confusa quando ele puxou a camisa dela de mangas compridas de seus ombros. Embora estivesse com uma camiseta regata por baixo, seus braços ficaram expostos. Ela se contorceu e tentou cobri-los de novo, mas então ele fez a coisa mais extraordinária.

Ele beijou seus braços.

E acabou com ela.

Ele não a via apenas, ele a aceitava. Ele a queria. Àquela altura de sua vida, naquele momento, ela não conseguia pensar em nenhuma outra pessoa no mundo que sentisse isso por ela. Só ele.

Eles fizeram amor naquela noite e ficaram no campo de futebol até o amanhecer. Ele foi com ela até em casa e eles trocaram promessas de manter contato, promessas que somente um deles tinha a intenção de cumprir. Ela partiu para o Reformatório Collier, em Maryland, realmente achando que talvez conseguisse passar por tudo aquilo, porque, no fim das contas, ela agora tinha Sawyer para quem voltar.

Em retrospectiva, ela descobriu que podia perdoá-lo porque a culpa foi dela em colocar sua felicidade nas mãos de outra pessoa.

Mas tinha sido algo tão fácil a fazer. Naquela noite, ele fez com que ela se sentisse verdadeiramente feliz, como não se sentia há muito tempo. Como ela poderia deixar de sucumbir?

Mas, às vezes, ela pensava se também teria *perdido* a felicidade verdadeira naquela noite.

E ela a procurava, desde então.

Em todo lugar, menos ali.





Naquela tarde, sem nada melhor a fazer e ninguém com quem conversar — o vovô Vance novamente enfornado em seu quarto e Julia não estava em casa —, Emily começou a limpar a casa. Ela tirou pó até parecer estar coberta de glacê branco. Primeiro atacou seu quarto, limpando tudo, exceto o lustre, pois não conseguiu encontrar uma escada para alcançá-lo, depois seguiu aos outros cômodos, abrindo persianas e lançando luz aos cantos que pareciam não ver sol há anos. Em princípio, foi uma aventura — aparentemente perseguir a luz, ontem à noite, lhe dera um gostinho de pesquisar o desconhecido, descobrir a história da casa. Mas ela logo percebeu tratar-se de uma história triste. Havia um quarto que obviamente pertencera a um garotinho. Havia barquinhos azuis no papel de parede e ainda tinha grades de segurança na cama. Talvez tivesse sido do vovô Vance quando menino. Ou será que ele tinha um irmão? Se fosse o caso, o que teria acontecido com ele? E havia um quarto com uma cama de tamanho duas vezes maior de uma normal. Também havia no quarto uma penteadeira com um toque feminino. O vovô Vance tinha obviamente compartilhado esse quarto com a esposa. Onde estava ela? Para onde teriam ido todas essas pessoas que um dia viveram ali?

Ela começou a se sentir claustrofóbica, oprimida pela história do lugar. Queria se sentir parte dali, mas sua mãe não lhe contara nada. *Nada*. Por quê?

Ela foi até a varanda de seu quarto para tomar um pouco de ar fresco. Chutou as folhas e decidiu varrê-las. Varreu até fazer uma pilha grande junto à balaustrada. Pousou a vassoura e juntou um punhado de folhas com os braços, depois jogou por cima da lateral. Elas cheiravam a umidade e pareciam que alguém as tinha recortado em papel de artesanato. Ela pegou mais um pouco e arremessou, dessa vez parando para observar as folhas caindo. Só quando as folhas acertaram a cabeça de alguém na varanda da frente que ela percebeu que tinha gente ali.

— Julia! — ela gritou. — Oi!

Julia sorriu para ela com folhas nos cabelos.

— Estamos meio entediadas, não?

— Estou tão contente que você veio! Tenho uma coisa pra te contar.

Ela desceu correndo e saiu pela porta da frente, empolgada por ter alguém com quem discutir sobre a noite anterior. Julia estava em pé na varanda com dois sacos marrons grandes nos braços e as folhas ainda nos cabelos.

— Ontem à noite, eu vi a luz novamente! — disse Emily, animada. — Não é um fantasma, Julia. Eu corri atrás dela, havia *passos*.

Essa revelação não surtiu a reação que ela queria. Julia pareceu desanimada.

— Você *correu atrás* dela?

— Sim.

— Emily, por favor, não faça isso — disse Julia, baixinho. — As luzes de Mullaby são inofensivas.

Antes que Emily pudesse perguntar por que Julia não achava uma grande descoberta, a porta de tela rangeu atrás e Emily virou para ver o vovô Vance se abaixar para passar pela porta.

Ele havia trocado de roupa desde a última vez que ela o vira, essa manhã quando o seguira até o café, como se tivesse roupas específicas para a manhã e outras para a noite. Ela quase não havia dormido durante a noite depois de perseguir a luz pela mata. Estava acordada e o ouviu sair. Tivera a intenção de esperar por ele do lado de fora do restaurante e acompanhá-lo de volta para casa. Mas depois Win a distraiu. Ela o seguira até um restaurante, onde o viu desaparecer por entre a aglomeração. Depois disso, foi para casa e esperou pelo vovô Vance, mas ele sumiu em seu quarto depois de deixar um sanduíche de ovo para ela em cima da bancada da cozinha.

— Julia — ele disse. — Pensei mesmo ter ouvido sua voz.

— Eu trouxe um presente para vocês. — Julia entregou a Vance os sacos que estava segurando, e ele ficou parecendo ter ganhado o Santo Graal recheado de comida. — Com esse calor, achei que cozinhar seria a última coisa que vocês iam querer fazer hoje. Talvez vocês dois possam comer juntos — ela sugeriu, dando um sentido que não passou despercebido por Emily. Ela estava tentando fazer com que eles passassem um tempo juntos. Emily apreciava seu empenho, mas achava que não adiantaria muito.

No entanto, o vovô Vance deu uma xeretada dentro dos sacos e a surpreendeu com seu entusiasmo.

— Você ganhou um presente, Emily! O churrasco de Julia é o melhor da cidade. Tudo por conta de sua churrasqueira a carvão. Essas churrasqueiras elétricas não são a mesma coisa. Minha boca já está aguando. Você nos acompanha, Julia?

— Não, obrigada. Eu preciso ir andando.

— Está certo, minha querida vizinha. Obrigado. — Vance sumiu lá para dentro, deixando Emily na varanda com Julia.

— Essa foi a primeira vez que ele saiu do quarto desde manhã — disse Emily, impressionada.

— Churrasco sempre o fisga.

— Eu me lembrarei disso.

— Escuta — disse Julia —, que tal você ir ao lago Pine Woods comigo no sábado? É o lugar ideal para garotada da sua idade no verão. Talvez você possa conhecer algumas pessoas com quem irá frequentar o colégio.

Talvez fosse uma boa ideia se entrosar. Aquelas senhoras, essa manhã, tinham de estar erradas. Ela poderia, sim, se entrosar ali.

— Está bem, claro.

— Ótimo. Eu te vejo amanhã. Agora vá conversar com seu avô. — Sem mais nenhuma palavra sobre as luzes, Julia acenou para trás e desceu correndo os degraus da varanda.

Emily virou e entrou em casa. Ela pensou em ir para seu quarto e deixar que o vovô Vance comesse em paz, mas depois decidiu fazer mais uma tentativa. Ao chegar à cozinha, ela ouviu a porta da secadora de roupas sendo fechada e Vance saindo da lavanderia. Ele estava novamente olhando a roupa na máquina. Estava estranhamente preocupado com isso, o que era esquisito, pois nessa tarde alguém da lavanderia tinha trazido um saco de roupa e deixado na varanda.

Vance parou ao vê-la.

— Emily. — Ele limpou a garganta. — É... O papel de parede de seu quarto já mudou?

— Mudou? — ela perguntou.

— Ele muda, às vezes. Muda sozinho.

Aquilo pareceu algo que se diria a uma criança. A lua é feita de queijo. Faça um pedido a uma estrela. Tem papel de parede mágico em seu quarto. Ela percebeu que ele talvez a visse como uma garotinha, e estava tentando fazê-la sorrir.

— Não, ainda são flores de lavanda. Mas eu vou ficar de olho — ela disse para animá-lo.

Ele concordou, sério.

— Então, tudo bem.

No silêncio que veio a seguir, Emily olhou em volta e viu que ele tinha colocado os sacos na mesa.

— Vai comer agora? — ela finalmente perguntou.

— Achei que poderia — respondeu. — Gostaria de me acompanhar?

— Não se importaria?

— De forma alguma. Sente-se. — Ele pegou pratos e talheres no armário e colocou sobre a mesa. Eles se sentaram, um de frente para o outro, e juntos tiraram o conteúdo dos sacos, em embalagens de isopor de vários tamanhos, além de pães de hambúrguer e dois pedaços de bolo.

Vance destampou todas as embalagens. Seus dedos incrivelmente longos eram desajeitados, e suas mãos tremiam ligeiramente.

— O que é isso? — perguntou Emily, olhando dentro da embalagem maior de isopor. Havia um bocado de carne picada aparentemente seca.

— Churrasco.

— Isso não é churrasco — disse Emily. — Churrasco é com salsichas e hambúrgueres na grelha.

Vance riu, o que fez Emily rir também.

— Rá! Que blasfêmia! Na Carolina do Norte, churrasco significa porco, criança. Salsicha e hambúrguer numa grelha... Isso é “cozinhar ao ar livre” por

aqui — ele explicou, com um súbito entusiasmo. — E há dois tipos de molho de churrasco na Carolina do Norte: Lexington e do leste da Carolina do Norte. Aqui, olhe. — Ele animadamente encontrou uma embalagem de molho e mostrou a ela, derramando acidentalmente um pouco na mesa. — O molho ao estilo de Lexington é adocicado, à base de tomate, e as pessoas chamam de molho vermelho, e você põe sobre o porco picado ou na costeleta. O restaurante de Julia é do estilo de Lexington. Mas por aqui também há muitos restaurantes do estilo do leste da Carolina do Norte. Eles usam um molho mais ralo e ácido, à base de vinagre e pimenta. E, geralmente, fazem um leitão inteiro. Mas, independentemente do estilo, sempre há bolinhos fritos de milho e salada de repolho. E, se não me engano, esses são pedaços de bolo de chocolate em barra. Julia faz o melhor bolo desse tipo do mundo.

— Com a barra do chocolate?

— Aham. As barras de chocolate são colocadas na massa. Isso significa boas-vindas.

Emily olhou para o bolo que Julia trouxera na manhã anterior, ainda em cima da bancada.

— Achei que o bolo de maçã significasse boas-vindas.

— Qualquer tipo de bolo significa “boas-vindas” — ele disse. — Bem, exceto pelo bolo de coco. Você serve bolo de coco e frango frito quando há uma morte.

Emily olhou-o estranhamente.

— E, ocasionalmente, uma caçarola de brócolis — ele acrescentou.

Emily observou enquanto Vance pegava a embalagem de churrasco e espetava o porco picado com o garfo e colocava no pão de hambúrguer. Ele despejou um pouco de molho em cima e cobriu com salada de repolho. Tampou com a outra parte do pão de hambúrguer e entregou a Emily num prato.

— Um sanduíche de churrasco, ao estilo da Carolina do Norte.

— Obrigada — agradeceu Emily, sorrindo ao pegar o estranho sanduíche. Ele realmente era um homem bom. Ela gostava de ficar perto dele. E ele a fazia se sentir tão pequena, como se houvesse muito mais no mundo além de apenas os seus problemas, sua tristeza. — Isso foi bacana da parte de Julia.

— Julia é uma pessoa maravilhosa. Seu pai se orgulharia dela.

— Eu estava conversando com ela sobre as luzes de Mullaby — disse Emily, torcendo para que ele se interessasse mais que Julia pelo que ela havia descoberto. — Eu as tenho visto à noite.

Vance parou quando estava prestes a entregar os bolinhos fritos.

— Tem? Onde?

— Na mata, atrás da casa — disse, ao esticar a mão e pegar a embalagem dele.

— Eu só vou lhe pedir para fazer uma coisa enquanto estiver aqui, Emily — ele disse, seriamente. — Apenas uma coisa: fique longe delas.

— Mas acho que não é um fantasma — ela continuou. — Acho que alguém está fazendo isso de propósito.

— Ninguém está fazendo de propósito, confie em mim.

Ela não costumava discutir, apesar da paixão que a mãe tinha pelos debates. Mas Emily teve que morder a língua para evitar frisar que o fato de lhe deixar uma caixa de curativos, na noite anterior, parecia algo bem intencional.

— Sua mãe ficava com a mesma expressão no rosto quando era pequenina — ele disse. — Ela era teimosa a minha Dulcie. — Ele rapidamente desviou o olhar como se tivesse falado demais. Subitamente, aquela tensão estranha estava de volta, juntando-se a eles na mesa, pedindo desculpas por ter chegado atrasada.

Emily brincava com os bolinhos fritos em seu prato.

— Por que não fala sobre ela?

Ainda sem olhá-la, ele respondeu:

— Fico confuso a respeito. Não sei o que dizer.

Emily assentiu, embora na verdade não entendesse. Talvez, assim como todas as outras coisas a seu respeito, sua tristeza fosse maior do que a de todos, tão grande que ninguém pudesse ver ao redor. O relacionamento de Vance com a filha deve ter sido bem complicado. Ela havia sido uma mulher difícil de lidar. Extremamente espirituosa, ela era como o vapor do perfume. Você tinha que se contentar com uma pequena borrifada. Depois passava.

Ela não iria forçá-lo. E tentaria não se magoar por ele se esquivar. Afinal, ele a acolhera quando ela não tinha nenhum outro lugar para ir, e estava grata. Então, falaria com outras pessoas da cidade sobre sua mãe. Descobriria mais a respeito através deles. Talvez ela conseguisse descobrir outros membros das Sassafrás. Talvez até voltasse a ver Win Coffey e perguntaria sobre o relacionamento que seu tio tivera com a mãe dela. Ele havia dito que contaria sobre a história da próxima vez que a encontrasse.

Ela gostava dessa ideia. Ver Win outra vez.

Eles comeram em silêncio. Depois, o vovô Vance checou novamente as roupas na secadora, como se algo pudesse ter surgido durante o jantar. Mas, novamente, não encontrou nada, então foi para seu quarto. Emily subiu e terminou de varrer, depois sentou na varanda e esperou pelas luzes.

E assim terminou seu segundo dia em Mullaby.

Mais tarde, naquela noite, Vance saíra mais uma vez de seu quarto para checar a secadora uma última vez antes de ir para a cama e parou, olhando escada acima. Ele não ouviu mais nenhum movimento. Nada de vassoura varrendo. Emily tinha ido deitar.

Ter novamente alguém na casa era algo peculiar, pensou. Ele já quase se esquecera de como era. Emily deixava o ar diferente, vibrante, como se houvesse música por perto, mas ele não chegava a ouvir. Ele estava surpreso pela forma como se sentia bem mais completo com ela por perto, e não sabia como lidar com isso. Ser necessário era parecido com ser alto — não chegava a ser um problema até ter gente ao redor.

Vance era bem mais alto do que todas as crianças do jardim de infância. Essa era sua primeira lembrança de entender verdadeiramente o quanto ele era alto. Até então, embora certamente fosse alto para sua idade, ele ainda era o membro mais baixo de sua família de tamanho normal. Algumas crianças da escola o provocavam em princípio, mas chegou uma época em que elas perceberam não ser uma boa ideia arranjar briga com alguém que poderia derrubá-las simplesmente com o vento que revolvia quando ele passava. Agora, sua família se fora, Vance era o único restante dos Shelby e herdara uma fortuna. Ele sabia que não deveria ter ficado com tudo. Não deveria ter vindo tudo para ele — o legado Shelby, o nome Shelby. Deveria haver irmãos e irmãs que fariam grandes coisas. Deveria haver crianças normais em sua família. Houve, por um tempo. Mas sua irmã mais velha, para quem o papel de parede sempre fora de pirulitos cor-de-rosa, morreu afogada no lago de Pine Woods quando tinha onze anos. E tinha seu irmão caçula, que morreu de uma queda da casa na árvore no quintal da frente quando tinha seis anos. Depois disso, seus pais tentaram ter mais filhos, sem sucesso. Eles estavam empacados com Vance. Vance, que era tão alto que seus pés tocavam o fundo do lago, nunca se afogaria e, cujos braços alcançavam os galhos das árvores, nunca precisaria subir e correr o risco de cair.

Seus pais morreram quando ele tinha vinte e poucos anos. Ele pensou ter visto decepção em seus rostos quando faleceram. Seu legado ia inteiro para o gigante. O que Vance faria com tudo isso? Eles provavelmente pensaram. Ele nunca se casaria. Quem iria querer ficar com ele?

Ele tinha trinta e dois anos e quase nunca se aventurava a sair quando conheceu Lily. Ela era parente dos Sullivan, do fim da rua, e veio visitá-los num fim de semana quando estudava na Universidade Estadual. Se ela fosse uma cor, seria verde. Se fosse um aroma, teria o cheiro de papel novo. Ela era feliz e inteligente e não tinha medo de nada. Os garotos Sullivan, que ficavam atirando bolas no quintal de Vance e desafiando um ao outro para que fosse buscá-las, correndo o risco de serem comidos pelo Gigante de Mullaby, compartilharam essa história com a prima. Lily ficou horrorizada. Ela os pegou pelas orelhas e forçou-lhes a entrar no quintal da frente, subir os degraus da varanda, decidida a fazê-los pedir desculpas. Quando Vance veio até a porta, Lily ficou tão estarrecida que soltou os meninos. Eles instantaneamente saíram correndo. Algumas horas depois, ao notarem que

ela não tinha voltado para casa, eles choraram para a mãe, dizendo que Lily tinha sido devorada pelo Gigante de Mullaby. Quando a mãe deles foi investigar, ela encontrou Lily e Vance sentados na varanda da frente, tomando chá gelado e rindo. Ela parou e recuou. Algo maravilhoso tinha acontecido e ela logo pôde ver. Ninguém nunca tinha feito Vance rir daquele jeito.

Vance e Lily se casaram logo depois que ela se formou e passou a lecionar para a segunda série do Colégio de Mullaby, até ficar grávida de Dulcie. Foi uma época fabulosa. Lily não o deixava ficar em casa. Ela insistia para que eles fizessem compras juntos, iam ao cinema, frequentavam os jogos da Liga Infantil. As pessoas sempre tiveram curiosidade quanto a ele, mas isso era apenas porque ele costumava se esconder. Uma vez que deixou a casa, passou a perceber que Mullaby o aceitava facilmente. Numa cidade cheia de estranhezas, ele era apenas mais uma. Vance ficou tão grato por essa descoberta que ajudou a financiar parquinhos, memoriais de guerra e bolsas de estudos.

Ele próprio quase morreu quando Lily faleceu. Quando aconteceu, Dulcie tinha doze anos. Foi como se a neve tivesse se instalado sobre o mundo deles, deixando tudo frio e silencioso. Foi somente a lembrança que Vance tinha do ar verdejante, da alegria, da inteligência e da fé tão forte que ela tinha em tudo, principalmente nele, que o permitiu sobreviver. Ele não fazia ideia de como Dulcie conseguiu superar aquilo. E essa era uma de suas maiores vergonhas.

Vance achou que uma pessoa pudesse suportar passar por isso somente uma vez na vida.

Então, ele ficou sabendo que a filha tinha morrido.

Quando Merry, amiga de Dulcie ligou, dizendo que ela sofrera um acidente de carro, Vance não conseguia falar. Ele desligou o telefone e foi rastejando lá para cima, ao antigo quarto de Dulcie, mas depois não conseguia descer e ficou lá por uma semana, com o papel de parede do quarto cinza e úmido, como nuvens de tempestade. Ele queria morrer. Que motivo tinha para continuar vivendo? Tudo que o prendia a esse mundo agora se fora.

Quando Julia, da casa ao lado, finalmente chegou até ele, fazia tanto tempo que ele estava sem comer que não conseguia andar. Ele passou uma semana no hospital, onde suas pernas ficavam penduradas para fora da cama e eram necessários três lençóis para cobri-lo.

Depois que ele voltou para casa, havia vários recados telefônicos de Merry. Dulcie tinha uma filha, dissera. E ela precisava de um lugar para morar. Merry não podia ficar com ela, pois estava se mudando de volta para o Canadá. Ela havia contratado um detetive particular para descobrir quaisquer parentes paternos ou maternos de Emily. E Vance era o único.

Ele sempre tivera uma postura passiva na vida. Ele sabia disso. Sua altura o tornava tímido. Seus pais haviam lhe deixado uma fortuna. Sua esposa o

encontrara. Lily sempre cuidara de tudo. E Dulcie basicamente viveu por sua conta desde os doze anos. Agora era a vez dele. Ele finalmente tinha que se apresentar e cuidar de algo.

Até agora, não fizera um trabalho muito bom cuidando de Emily. Dulcie não contara a Emily nada a respeito de Mullaby e o que havia acontecido, então Vance estava apavorado em dizer algo que Dulcie talvez não quisesse que a filha soubesse. Quando Dulcie partiu, ela o fez jurar segredo. *Nunca fale sobre isso*, ela dissera. *E talvez suma. Talvez, algum dia, todos esqueçam.* Ele decepcionara a filha de modos incontáveis, portanto estava decidido a manter sua palavra a respeito disso. E o fizera durante vinte anos. Agora, ele não sabia o que fazer. Emily já atraíra a atenção das luzes de Mullaby. Ela ia querer respostas.

Ele caminhou até a cozinha na escuridão. Mas em vez de ir até a lavanderia checar a secadora, ele foi direto à porta dos fundos e abriu-a. Claro, como Emily dissera, havia uma luz na mata do quintal dos fundos, sem se mover, como se observasse a casa.

Vance saiu na varanda, deixando-se à mostra. A luz imediatamente desapareceu. Ele ouviu alguém resfolegar, depois passos na varanda de cima. Ele saiu na varandinha da cozinha e olhou para cima.

Emily estava ali em pé, olhando a mata.

Ela não o viu, então ele se afastou silenciosamente.

Ele já cometera esse engano uma vez.

Não cometeria novamente.





O Pine Woods era um lago aninhado no meio de uma floresta de pinheiros. Parecia água no fundo de uma tigela azul, como se acidentalmente tivesse derramado e vazado na área rural. Julia estacionou sua velha caminhonete Ford, que pertencera a seu pai, numa das últimas vagas do estacionamento lotado, acima da passarela de pedestres. Fazia muito tempo que ela não ia até ali. A última vez provavelmente foi com seu pai, antes de Beverly. Ela havia se esquecido do quanto era bonito. Quando ela e Emily desceram, elas foram arrebatadas pelos aromas e ruídos do verão. Areia molhada, óleo de coco, barcos a motor, crianças rindo, música tocando.

— Nossa, que animação! — exclamou Emily. — Eu já gostei.

— Eu me lembro que sua mãe também gostava daqui. Me lembro de ter ouvido falar de um lugar na enseada onde as Sassafrás se reuniam e ditavam as regras da praia, o verão todo — contou, jogando no ombro a alça da bolsa de praia e conduzindo Emily pelo estacionamento quente.

Elas caminharam pelo calçadão de madeira e dali até a praia. Por conta da multidão, tinham que andar em fila indiana. Julia ficava olhando para trás a fim de ver se Emily estava acompanhando. Emily sorriu o caminho inteiro, parando para tirar os sapatos, depois virando para alcançá-la.

Elas finalmente pararam na metade do caminho, entre o tablado e a enseada. Nessa ponta do lago, havia casas acima, grandes, de paredes envidraçadas, com vista para as águas azuis cintilantes. Enquanto Julia tirava da bolsa duas toalhas e as abria na areia, Emily abrigava os olhos do sol e olhava em volta.

— Você ficou de encontrar o Sawyer aqui?

— Não. Por quê? — perguntou Julia, tirando o *shorts* branco e revelando a parte de baixo de seu biquíni vermelho. Mas ela ficou com a blusa de tecido fino e mangas compridas.

— Porque ele está vindo na nossa direção.

Julia imediatamente virou e o viu caminhando pela praia até elas. Sawyer se destacava demais para se misturar em qualquer lugar, mas ali era o mais perto que ele chegava, com o sol e a areia. Ele era dourado. Um rei solar.

— Ele é legal — disse Emily, pensativa. — No instante em que o vi, eu sabia que ele teria um sotaque assim. Não sei por quê.

— Tem homens que você sabe que são sulistas antes mesmo de dizerem uma palavra — comentou Julia enquanto ela e Emily observavam Sawyer chegando, impotentes, quase como se não conseguissem desviar o olhar. — Eles nos fazem lembrar algo bom, piqueniques ou fogos de artifício à noite. Homens sulistas abrem as portas para você, te abraçam depois que você grita com eles e mantêm o orgulho, independentemente de qualquer coisa. Mas tome cuidado com o que eles lhe dizem. Eles têm um jeito de fazer você acreditar em qualquer coisa, porque falam *daquele jeito*.

— De que jeito? — perguntou Emily, virando-se para ela, intrigada.

— Espero que você nunca descubra — disse.

— Já falaram com você *daquele jeito*?

— Sim — respondeu, baixinho, na hora em que Sawyer parou junto às toalhas delas.

— Olá, moças.

— Oi, Sawyer — cumpimentou Emily, ao sentar.

Julia sentou na toalha ao seu lado e enfiou o *shorts* dentro da bolsa de praia.

— O que está fazendo aqui?

— Ah, eu não sei, Julia — respondeu. — Caçando ursos?

Ela estreitou os olhos para ele.

— Isso é um eufemismo para alguma coisa?

Ele ignorou e sentou na toalha a seus pés. Ela podia ver o próprio reflexo nos óculos de sol dele enquanto ele a encarava. O que ele estava fazendo? Por que estava sendo tão íntimo? Os dezoito anos de silêncio, enquanto ela ficou fora, mais o ano e meio de gelo que ela lhe dera desde que voltara deveriam ter sido mais que suficiente para desencorajá-lo a sentar em sua toalha de praia a apenas alguns centímetros de suas pernas nuas.

No entanto, ali estava ele.

E tudo porque ela dissera a Stella que fazia bolos por sua causa.

Imbecil, imbecil, imbecil.

— Minha irmã está na cidade para passar o fim de semana — ele disse. — Ela e a filha estão na casa da família, no lago. Eu vim para vê-las.

— Então, isso não tem nada a ver com o fato de que eu lhe disse que traria Emily aqui hoje?

— Ora, isso seria fácil demais, não?

— Pra você, tudo é fácil, Sawyer.

— Nem tudo. — Antes que ela tivesse chance de responder, ele apontou o queixo na direção atrás dela. — Lá está minha sobrinha. Ingrid! — ele chamou.

Julia e Emily viraram para ver a bela adolescente ruiva mudando de direção e vindo até eles. Julia lembrava que a irmã mais velha de Sawyer tinha cabelos ruivos.

— Essa é Julia Winterson — ele disse à sobrinha.

Ingrid sorriu.

— Eu reconheço a mecha rosa do cabelo dela. De vez em quando, eu a vejo na cidade quando eu e minha mãe estamos visitando — ela disse. — Aliás, eu adoro.

— Obrigada — agradeceu Julia. — Essa é a Emily. Ela acabou de se mudar pra cá.

— Tem uns garotos lá na enseada fazendo uma festa com comida ao ar livre e me perguntaram se eu queria ir. Vou perguntar à minha mãe. Quer vir,

Emily? — perguntou Ingrid.

Emily olhou-a, vagamente.

— Pra que é?

— O que quer dizer?

— É um clube?

— É uma festa — respondeu Ingrid, lançando um olhar interrogativo a Emily ao virar para sair. — Já volto.

Emily ainda parecia confusa.

— Você está tornando isso mais complicado do que realmente é — disse Julia, rindo e afagando a mão de Emily. — Tudo que tem a dizer é: "Eu adoraria ir!".

— Assim — disse Sawyer. — Julia, você gostaria de sair comigo na segunda-feira à noite?

— Eu adoraria! — ela respondeu, encenando. — Está vendo? Fácil. É só uma festa. Você não ia à festas em seu antigo colégio?

— Bem, eu ajudava a organizar festas com minha mãe. Geralmente eram para angariar fundos. E alguns clubes de serviços comunitários da escola costumavam ter festas de fim de ano.

— Que tipo de escola você frequentava?

— Roxley Escola para Meninas. Minha mãe que ajudou a fundar. É uma escola baseada em ativismo social e consciência global. O voluntariado faz parte do currículo.

Novamente surgia uma pista de que Dulcie talvez tivesse feito algo de bom da vida. Emily já mencionara algo a respeito sobre Dulcie e suas causas. Por mais incrível que parecesse, Dulcie só podia ter mudado depois de ir embora dali. Bem, não havia motivo para essa festa. Era somente por diversão.

Emily lançou um olhar duvidoso.

Julia riu novamente.

— Você ficará bem. Estarei bem aqui quando você quiser ir pra casa. Sem pressão.

Ingrid voltou logo depois e perguntou:

— Está pronta, Emily?

Emily levantou, mostrou um sorriso que Julia tinha certeza não ser verdadeiro e saiu andando com Ingrid.

— Quem poderia imaginar que Dulcie tinha criado uma menina tão decente? — perguntou Sawyer.

— Ela é uma garota legal, não é?

— Você é muito boa com ela. Não me surpreende.

Julia sacudiu os ombros, inquieta, percebendo que agora estava sozinha com ele e não podia fugir do assunto que sabia que ele queria falar.

— Acho que ela precisa de alguém com quem possa contar até se estabelecer. Eu me lembro de como era ter essa idade. E, acredite, sou

profundamente grata por agora estar do lado de cá.

Sawyer ficou quieto por um momento enquanto a observava. Ela gostaria que ele tirasse os óculos de sol. Não gostava de ver no reflexo a própria expressão tão desconfortável.

Ela supunha ser algo natural ficar tensa perto dele. Seus colegas de adolescência sempre lembrariam de seu constrangimento e de suas mágoas. Essa era uma das grandes injustiças da vida: que você pode seguir adiante, ser realizada e feliz, mas no instante em que vê alguém do colégio, imediatamente se torna a pessoa que era naquela época, não a que é agora. Quando estava perto de Sawyer, ela era a antiga Julia — a filha atrapalhada de um homem que não tinha terminado o colégio e fazia churrasco para sobreviver. Sawyer nunca tinha feito nada para que ela se sentisse assim, mas isso inevitavelmente acontecia. Ela podia culpá-lo por muitas coisas, mas não por isso.

— Por que você não tira a camisa? — ele finalmente perguntou.

— Aposto que você diz isso para todas as garotas. — Ao ver que ele não responderia, ela continuou: — Você sabe por quê. — Ela esticou o braço até a bolsa de praia e pegou uma garrafa d'água, mas Sawyer agarrou seu braço.

Ele segurou o braço e lentamente ergueu a manga. Foi preciso muito esforço para que ela não o puxasse. Ela teve de lembrar a si mesma que ele já tinha visto as marcas. A maior parte das pessoas já vira. Ela não podia esconder o tempo todo.

Ele passou o polegar sobre as cicatrizes. Algumas eram finas como arame, outras eram grossas, em relevo. Era algo surpreendentemente carinhoso a fazer e deixou seu coração doendo, só um pouquinho.

— Com quem você contava quando tinha a idade dela, Julia?

Você.

— Ninguém. Por isso que eu sei. — Ela deslizou o braço, tirando-o das mãos dele. — Não gosto de pegar sol nas marcas. O bronzeado deixa uma aparência pior.

— Você sentia que podia recorrer ao seu pai ou à sua madrasta?

— Meu pai não sabia o que fazer comigo. E Beverly considerava sua função cuidar do meu pai, não ser uma mãe para mim. Mas foi ela quem o convenceu a me mandar para longe para estudar. Eu sempre serei grata por isso. Deixar esse lugar provavelmente salvou minha vida.

— E agora você mal pode esperar para partir novamente — ele disse.

— Seis meses, em contagem regressiva.

Ele se esparramou de lado na frente dela com a cabeça apoiada na mão.

— Então, a que horas eu devo ir buscá-la?

— Me buscar pra quê? — perguntou ao encontrar a garrafa d'água e dar um gole.

— Para nosso encontro na segunda-feira. Você aceitou meu convite. Eu tenho uma testemunha.

Ela fungou.

— Não seja ridículo.

— Estou falando sério.

— Não está, não. Vá convencer outra a tirar a camisa. Seu charme não funciona comigo. Tenho um campo de força que o repele.

— Por favor. Você não faz ideia do que fazer se eu aplicá-lo com potência total.

— Você não está me assustando.

— Estou sim. E por isso já vou parar. Eu quero falar a respeito, Julia — ele disse. — Mas não agora. — Ele virou de barriga para cima, seus pelos dourados das pernas e dos braços cintilando ao sol.

— Você não tem escolha — ela disse. Ele não respondeu. Ela esperou que ele fosse embora, mas ele não foi. Talvez tivesse até pegado no sono.

Ela tirou um livro da bolsa e se afastou dele o máximo que pôde, imaginando que parte lastimável de seu coração estava gostando dessa proximidade.

A parte que sempre teria dezesseis anos, ela imaginava, eternamente congelada, antes que tudo mudasse.

Quanto mais perto elas estavam da festa, mais nervosa Emily ficava. Ela nem teria pensado duas vezes a respeito não fosse pelas duas senhoras. Agora estava preocupada com o que todos pensariam dela. Ela ficava repetindo para si mesma que não havia motivo para achar que não se entrosaria. Apenas seria um caso temporário de garota nova na área.

O grupo estava reunido distante da praia, numa gruta formada pelas árvores atrás da enseada. Havia música tocando. Alguns garotos estavam segurando bebidas em copos plásticos. Alguns caras trocavam passes de futebol, entrando no caminho de todo mundo. Havia alguns adultos ali, um dos quais manejava a churrasqueira e parecia um mestre de cerimônias. Era um homem grandalhão, sociável, com cabelos negros e uma voz retumbante.

Depois que elas chegaram ao meio da festa, Ingrid a deixou sozinha. Emily caminhou pelos arredores em direção ao fundo da gruta, perto das árvores. Ela respirou fundo algumas vezes. Não havia razão para entrar em pânico.

Julia disse que ali era o local onde as Sassafrás se reuniam no verão. Emily podia ver que era um local popular para muitos garotos há bastante tempo, porque os troncos das árvores eram cobertos de entalhes com nomes e iniciais. Um, em particular, chamou-lhe a atenção. Ela ficou imaginando se D.S. seria para Dulcie Shelby. Isso a fez sorrir. Era legal imaginar um garoto que um dia tivesse sido tão apaixonado por sua mãe a ponto de entalhar as iniciais deles numa árvore. Sua mãe não tinha namorado muito na vida adulta. Os poucos encontros românticos que tivera foram com homens que

conhecera através de seu trabalho, e todos foram flertes passageiros. Ela nunca quis nada sério. Tinha sido muito aberta com Emily quanto a isso. “Sempre deixe que saibam suas necessidades e expectativas”, ela costumava dizer. “Dessa forma, ninguém se magoa.” Até onde Emily podia ver, o único relacionamento sério que sua mãe tivera fora com seu pai, e nem esse tinha começado assim. Eles tinham se conhecido num confronto com pescadores, em alto-mar, por causa da matança de golfinhos. Passaram dez dias juntos num barco, e Emily tinha sido o resultado. Seu pai morrera dois anos depois, num acidente de um barco da Sea Shepherd, tentando impedir a caça ilegal de baleias. Seus pais nunca chegaram a se casar e Emily não tinha qualquer lembrança dele, então ele era como a maioria das coisas no passado de sua mãe: misterioso e não mencionável.

Enquanto estava ali em pé, olhando a árvore, de costas para a festa, ela subitamente sentiu algo estranho, como fitas de ternura se enroscando nela por trás. Era alarmante e, em princípio, ela quis lutar contra aquilo, sacudir os braços e abanar o que quer que fosse. Mas ela se deteve porque não queria parecer idiota na frente de todo esse pessoal. Esperou e percebeu que a sensação não era ruim. Nem um pouco. Fechou os olhos e sentiu-se quase... confortada.

Abriu novamente os olhos e algo a fez virar.

Ali estava Win Coffey.

Ele estava com uma bermuda de praia, escurecida pela água, grudada em suas coxas. Seus cabelos estavam molhados e pingando nos olhos, e ele cheirava à água morna do lago.

Ela limpou a garganta.

— Eu quase não o reconheci sem o seu terno — disse.

Ele ergueu um dos cantos da boca, entretido.

— Esse é um tipo de traje diferente.

— Mas não está de gravata-borboleta.

— Fica difícil para nadar. Eu tentei.

Os olhos dela passaram dos lábios para o queixo, depois aos filetes de água escorrendo por seu peito nu. Constrangida, rapidamente cruzou com os olhos dele outra vez. Parecia que ele tinha saído da água e seguido direto na direção dela. Mas como ele poderia saber que ela estava ali? Como poderia tê-la visto da água? Por cima do ombro dele, ela podia ver que alguns garotos os olhavam e cochichavam uns com os outros. Win parecia não ligar. Ele era claramente entrosado. Tinha que contar algum ponto, seu interesse por ela.

— Todo esse pessoal aqui frequenta a mesma escola? — perguntou.

— Alguns têm casas de veraneio no lago e vão embora no outono — explicou, sem tirar os olhos dela. — Alguns moram e estudam aqui.

— Em Mullaby High?

— Sim.

— Estou indo para o último ano.

— Eu sei. Eu também. — Ele passou as duas mãos nos cabelos escuros molhados, alisando para trás. Isso quase a fez perder o fôlego. — Não que não seja legal vê-la novamente, mas eu preciso perguntar: O que você está fazendo aqui?

— Aqui? — ela perguntou. — Você quer dizer nesta festa?

— Sim.

— Tentando me entrosar.

— Não está funcionando. Prepare-se.

— Pra quê? — E assim que ela perguntou, uma garota de cabelos escuros e biquíni laranja parou ao lado de Win.

— Você é Emily Benedict, não é? — ela perguntou, com a mesma combinação de aversão e curiosidade que Win tivera no primeiro dia em que ela o encontrara, mas com um pouquinho mais de acidez.

— Sim — respondeu Win, antes que Emily pudesse responder. — Emily, essa é minha irmã Kylie.

— Você não foi convidada — falou Kylie, secamente. — Vai estragar minha festa.

— Eu... eu vim com a Ingrid — explicou-se Emily, sentindo uma pontada de constrangimento.

— Você deve ir embora.

Win finalmente tirou os olhos de Emily e lançou um olhar de censura à irmã.

— Kylie, pare de ser grossa.

— Não estou sendo grossa. Estou falando sério. É melhor ela ir embora. — Kylie apontou por cima do ombro dela. Win virou para ver que o grandalhão, anfitrião, tinha deixado a grelha e caminhava lentamente na direção deles.

Win xingou.

— Vamos embora. — Ele pegou Emily pelo braço e juntos eles foram saindo da festa, seguindo a margem de árvores. Quando chegaram a uma parte comum da praia, Win parou assim que estavam fora de vista da gruta.

Ela esfregou a parte em que ele havia segurado. Seu braço estava morno.

— Desculpe — ela disse, meio abalada pela velocidade com que aquilo aconteceu. — Eu não sabia que era uma festa particular.

Eles ficaram de frente um para o outro, na praia lotada, com o ruído de verão movimentado ao redor deles.

— Não é.

Ela levou um momento para assimilar aquilo. Não era uma festa particular. Isso significava que *ela* não era bem-vinda. Apenas ela.

— Ah.

— Seu avô já lhe contou? — perguntou Win, aparentemente, do nada.

— Contou o quê?

— Sobre sua mãe e meu tio. É tudo por causa disso. — Ele apontou o queixo de volta para a gruta.

Confusa quanto ao motivo de ser expulsa da festa ter algo a ver com sua mãe e o tio dele, ela disse:

— Na verdade, eu estava torcendo para encontrar com você novamente para que pudesse perguntar. Você disse que, da próxima vez que me visse, me contaria.

— Eu disse mesmo, não disse? A próxima vez parecia tão distante. — Win hesitou, antes de dizer: — Meu tio cometeu suicídio quando era adolescente.

Ela não estava esperando por isso e não sabia o que responder. O melhor que pôde dizer foi:

— Eu lamento.

— Ele fez isso por causa de sua mãe.

Ela sentiu um solavanco de susto. Subitamente pensou nas iniciais na árvore: D.S. + L.C.

Dulcie Shelby e Logan Coffey.

— Eles estavam apaixonados — disse Win, observando-a atentamente. — Ou, pelo menos, ele estava apaixonado por ela. A família dele não queria que ele ficasse com ela, mas ele foi contra a vontade deles, contra anos de tradição. Então, sua mãe partiu o coração dele, como se o que ele fez, seu sacrifício, não importasse.

Emily tentava desesperadamente dar sentido àquilo.

— Espere aí. Você está dizendo que culpa minha mãe pela morte dele?

— Todos a culpam, Emily.

— O que quer dizer todos? — Ela pôde ouvir a própria voz se elevando.

Win também notou. Ele arrumou o elástico da cintura do *shorts*, depois pousou as mãos nos quadris esguios.

— Desculpe. Eu deveria ter pensado num jeito mais gentil de dizer isso. É mais difícil do que achei que seria.

— Você achou que seria mais difícil do *quê*? — ela perguntou. — De me convencer que minha mãe foi responsável pelo suicídio de seu tio? Eu tenho uma novidade pra você: minha mãe era uma pessoa maravilhosa. Ela jamais faria qualquer coisa se achasse que poderia ferir outra pessoa. Jamais.

Win subitamente olhou por cima do próprio ombro como se sentisse algo prestes a acontecer.

— Meu pai está procurando por mim. Venha por aqui. — Ele pegou a mão dela e foi guiando o caminho para longe da água, em direção aos pinheiros.

Seus pés descalços chutavam areia conforme ela corria para acompanhá-lo.

— Para onde estamos indo?

— Fora de vista — ele disse no momento em que ela pisou no solo fresco cheio de pontas de pinheiro. O cheiro de resina de pinho era forte. Aquilo a

fez lembrar de guirlandas de Natal e enfeites vermelhos. Era um mundo completamente diferente, uma estação completamente diferente, a apenas alguns passos de distância do lago.

— Estou descalça — ela disse ao puxá-lo para fazê-lo parar.

Ele se virou para ela.

— Você parece que fica sempre descalça no mato.

Ela não achou engraçado.

— Por que você está fazendo isso?

— Acredite ou não, estou tentando ajudá-la.

— Me ajudar a fazer o quê? — Ela jogou as mãos ao ar, frustrada.

— A se adaptar.

Ela debochou dele, pois, se a adaptação a esse lugar significava acreditar no que ele dissera sobre sua mãe, ela nunca iria se adaptar.

Antes que ela pudesse dar as costas e voltar para a praia, ele disse:

— Está bem, resumindo, é o seguinte: sua mãe era conhecida por ser mimada e cruel. Meu tio era inocente e tímido. Ela usou os sentimentos que ele tinha por ela para enganá-lo e fazê-lo revelar um antigo segredo da família Coffey para a cidade inteira só porque ela podia. Depois ela deu as costas para ele. Devastado por tê-la perdido e magoado a própria família, ele se matou. Ela deixou a cidade sem nem sequer pedir desculpas. Eu sei que isso é difícil de ouvir. Mas isso pode explicar um bocado o modo como as pessoas aqui agem... de certa forma, ao seu redor.

— Agem de que forma?

As sobrancelhas escuras dele se arquearam.

— Você ainda não notou?

Emily hesitou.

— Você notou, sim.

Ela sacudiu a cabeça. Estava zangada com ele por dizer essas coisas, mas ainda mais zangada consigo mesma por ficar ali ouvindo.

— Você não conheceu minha mãe. *Eu* conheci minha mãe. Ela jamais daria as costas a alguém.

Os olhos de Win passaram de suaves para compassivos. Estava claro que ele lamentava por ela estar magoada por suas palavras, mas não parecia triste por tê-las dito. Era a isso que ele se referia ao dizer que os dois tinham uma história?

— De qualquer forma, por que devo confiar em você? — ela o desafiou. — Por que devo acreditar em alguma coisa que você diz?

Ele sacudiu os ombros.

— Você provavelmente não deveria. Provavelmente não deveria ter nada a ver comigo. Estou surpreso que seu avô ainda não tenha lhe dito para ficar longe de mim. Ele dirá, em breve. Pode guardar minhas palavras.

O vento aumentou, por um momento, sacudindo o topo das árvores. Uma cascata de agulhas dos pinheiros, verdes e marrons, subitamente começou a cair ao redor deles. Emily observava Win através das agulhas, um encanto peculiar se apossando dela. Quem era esse menino estranho? O que ele queria dela?

— Que segredo seu tio revelou? — ela se pegou perguntando.

Ele levou um bom tempo para responder, como se estivesse lutando consigo mesmo. Seus lábios finalmente se curvaram num sorriso cínico, quebrando o clima de encanto.

— Você não acreditaria, se eu contasse.

Ele compartilhava alguns segredos com prazer. Mas não os dele. Ela não deveria ter dificuldade em deixar de lado algo dito por alguém tão malicioso. Mas isso perdurou em sua mente e deixou-a furiosa.

Ela se virou tensa e caminhou de volta para o lago. De volta ao verão.

Atravessou a praia e seguiu até o local onde Julia estava sentada de pernas cruzadas em sua toalha lendo um livro. Sawyer estava esticado aos seus pés como um imenso gato cor de marmelo.

Julia ergueu os olhos quando a sombra de Emily recaiu sobre ela.

— Emily? O que há de errado? — perguntou, pousando o livro ao lado.

— Nada. Eu gostaria de ir pra casa se não tiver problema. — Ela subitamente estava desesperada para falar com o avô. Ele era sua única e verdadeira ligação à sua mãe. Ele lhe diria que o que Win disse era mentira.

Sawyer sentou-se. Ele tirou os óculos escuros.

— Você parece aborrecida — disse.

— Estou bem. — Ela mostrou um sorriso só para garantir.

— Minha irmã foi grossa com ela. Peço desculpas. — A voz de Win, vindo de trás dela, a fez virar. Ela não tinha visto que ele a seguira. Ele cruzou com seu olhar com uma expressão aflita.

Sawyer levantou. Para alguém tão bonito, ele certamente conseguia ser bem impositivo quando ficava zangado. Ele era tão alto quanto Win, mas bem maior.

— O que ela disse que aborreceu Emily?

Antes que Win pudesse responder, Julia perguntou:

— A festa é *sua*?

— É a festa de aniversário da minha irmã.

— Jesus — disse Julia, pegando a bolsa e rapidamente enfiando as toalhas, o livro e a garrafa d'água. Ela levantou-se. — Eu não sabia. Venha, querida. Vamos pra casa.

— Eu posso levá-la — disse Win. — É meu caminho e além disso preciso estar em casa antes de anoitecer. — Ele estendeu a mão e, sem pensar, Emily pegou. Ela logo caiu em si e quis tirar, mas ele segurou firme. A mão dele estava morna e seca, como se ele tivesse acabado de tirar uma luva.

— Eu vou levá-la pra casa — disse Julia.

— Não seria trabalho nenhum.

Sawyer deu um passo à frente.

— Não acho que seja uma boa ideia, Win.

Win ficou olhando para Emily por um instante antes de dizer:

— Parece que esse é o consenso. — Ele finalmente soltou a mão dela. E ela imediatamente sentiu falta do contato. Isso era loucura.

Julia passou o braço ao redor dela e foi conduzindo o caminho.

— Venha.

— Você precisa que eu vá junto? — Sawyer gritou atrás.

— Não. — Julia parou, olhando de volta para ele. Depois acrescentou: — Mas obrigada.

Julia e Emily caminharam atravessando a praia e seguiram ao estacionamento em silêncio. Quando entraram na caminhonete, com os bancos de couro quentes pelo sol, Julia logo enfiou a chave na ignição. Por mais que Emily quisesse duvidar, a reação de Julia estava dando algum crédito ao que Win lhe dissera.

— Win disse que o tio dele cometeu suicídio por causa da minha mãe — disparou Emily.

Julia ligou o motor. Ela obviamente não queria comentar.

— Isso não é verdade, é?

— Sendo ou não verdade, ele não deveria ter contado a você — disse Julia, virando para tocar o braço dela.

Emily quase desmoronou. Ela gostava da forma maternal como Julia a tratava, mas era demais naquele momento.

— Ele disse que ela era cruel — ela continuou, afastando a mão.

Isso fez Julia se retrair um pouquinho.

— Isso é algo que seu avô tem que lhe contar. Não eu. E certamente, não o Win. — Julia encarou-a por um momento, sua empatia e seu desejo sincero de melhorar as coisas à flor da pele. — Levei um bom tempo para perceber isso. Nós podemos escolher aquilo que nos define. Isso não faz muito sentido agora, mas fará. Está bem?

Emily assentiu relutante.

— Tudo bem, então. — Julia engatou a ré. — Vou levá-la pra casa para que você converse com seu avô.





8

— Que bom, você está em casa — disse o vovô Vance, abaixando-se para sair de seu quarto assim que Emily entrou pela porta da frente. Ela ficou surpresa por ele sair por conta própria. Estava preparada para fazê-lo sair nem que fosse pondo fogo na casa. — Eu estava pensando que você precisaria de um carro para poder ir ao lago sempre que quiser em vez de ficar presa aqui. Por acaso tenho um, sabe. Um carro, eu quero dizer.

— Vovô Vance...

— Na verdade, eu não dirijo. Nunca pude dirigir. Com essas pernas, não. Mas sua avó tinha um carro. Venha, eu vou lhe mostrar.

O que era isso tudo? Ainda ontem eles estavam comendo churrasco em silêncio. Ele a conduziu pela cozinha, onde precisou virar de lado, pois seus ombros eram mais largos que a passagem da porta para a varanda. Ela o seguiu até lá fora, contornando a lateral da casa. Havia uma velha garagem que parecia não ser usada, nem sequer aberta, há séculos. A entrada da garagem, que vinha da rua, já não existia, então, a garagem ficava no quintal cheio de mato, como se fosse uma ilha que tinha perdido sua ponte de ligação à terra firme.

Quando Vance ergueu a porta da garagem ao alto, os flocos de poeira cintilaram sob a luz do sol, mas não dava para enxergar muita coisa lá dentro. Ele esticou o braço, tateando em busca do interruptor. A luz fluorescente acendeu, zunindo, piscando e reclamando, até finalmente resolver acender direito sobre o carro.

— É um Oldsmobile Cutlass 1978 — ele disse. — Embaixo de toda essa poeira, na verdade, é marrom. Se você não se importar em dirigir algo tão velho, eu posso pedir para alguém dar uma olhada.

Emily ficou olhando.

— Minha mãe costumava dirigir isso?

— Não. Quando fez dezesseis anos, ela quis um conversível, então comprei um para ela. — Ele parou. — Se você quiser algo diferente, eu posso providenciar.

— Não — respondeu, imediatamente. — Acho que gosto desse. Parece um carro robusto.

— Um carro robusto, hein? Lily ia gostar disso.

Ela se virou para ele.

— Quem é Lily?

Vance pareceu chocado.

— Lily era minha esposa, criança — explicou. — Sua mãe nunca falou sobre ela?

— Ela não me contou nada. — Emily prendeu os cabelos atrás das orelhas. *Fale com ele*. — Vovô Vance, hoje, lá no lago, havia uma festa. No fim das contas, era uma festa dada pelos Coffey e me pediram para ir embora.

Se a indignação fosse algo que pudesse ser visto, teria exatamente a aparência de um homem de quase três metros se erguendo ereto.

— Alguém lhe pediu que fosse embora?

— Bem, não com todas as letras — ela explicou, ainda constrangida por isso. — Mas ficou bem claro que os Coffey não gostam de mim. Bem, exceto Win. Eu acho. Na verdade, não tenho muita certeza quanto a ele.

— Isso foi a única coisa que eu lhe pedi para fazer, Emily! — exclamou. — Para ficar longe deles.

Win estava certo. Ele disse que o vovô Vance logo lhe pediria isso.

— O senhor me pediu para ficar longe das luzes de Mullaby, não para ficar longe dos Coffey. Eu não sabia que estava fazendo algo errado.

Vance respirou fundo e sacudiu a cabeça.

— Você está certa. Nada disso é culpa sua. — Ele olhou para o carro por um longo período antes de apagar a luz. — Com tanto tempo que passou, eu tinha esperanças de que todas essas feridas tivessem cicatrizado.

— É por causa da minha mãe? — ela perguntou, hesitante. — Win me disse umas coisas bem inacreditáveis hoje. Ele disse que ela era cruel. Mas isso não pode ser verdade. A mamãe era uma pessoa maravilhosa. Ela não era uma pessoa maravilhosa? Eu sei que o senhor não quer falar sobre ela, mas, por favor, apenas me diga isso.

— Dulcie dava muito trabalho quando era menina — ele disse, baixando a porta da garagem. — Ela era muito cabeça dura e espirituosa. Conseguia provocar as pessoas com sua energia. Mas também era brilhante, feliz e curiosa. Ela herdou isso de Lily. Dulcie tinha doze anos quando Lily morreu. — Ele desviou o olhar e esfregou os olhos, constrangido. — Eu não sabia como lidar com ela sozinho. A única coisa em que pude pensar foi dar a ela tudo que ela pedisse. Em princípio, ela me testava, pedindo coisas absurdas, só para ver até onde eu ia. Mas eu nunca dizia não. Então, ela tinha o melhor de tudo. Conforme foi ficando mais velha, ela passou a ter grande prazer em provocar as pessoas que não tinham tanto quanto ela. Às vezes, ela podia ser bem cruel. Julia era alvo frequente.

Emily se sentiu como se tivesse perdido um degrau ao subir a escada.

— Minha mãe era cruel com a Julia?

Ele assentiu lentamente.

— E com outras pessoas — acrescentou, relutante.

Emily sentia sua própria resistência a isso, querendo refutar. Ele não podia estar falando sobre sua mãe. Sua mãe havia sido uma boa pessoa, uma pessoa altruísta. Ela queria salvar o mundo.

— Ela era a líder de seu grupinho e sua palavra era a lei. Tinha uma força incrível sobre eles. Quem ela aceitasse, eles aceitavam. Quem ela rejeitasse, eles rejeitavam também — disse. — Então, quando ela pegou aquele garoto tímido e problemático embaixo de sua asa, chamado Logan Coffey, e disse a todos que o aceitassem, eles o fizeram.

— Win disse que ele se suicidou.

— Sim.

Emily parou, imaginando se ela realmente deveria perguntar o que estava prestes a perguntar.

— Minha mãe teve algo a ver com isso?

Ela esperou, na expectativa, até que ele finalmente respondeu.

— Sim.

— O que foi que ela fez? — sussurrou.

Vance pareceu relutar quanto ao que dizer. Ele olhou o céu por um momento, depois disse:

— O que Win lhe disse?

— Ele disse que Logan amava minha mãe, mas sua família não aprovava. Disse que Logan rompeu a tradição da família com ela, mas minha mãe só quis enganá-lo para que ele revelasse um segredo dos Coffey.

Vance suspirou.

— Os Coffey são bem mais sociáveis hoje em dia, mas você tem que entender, naquela época eles eram muito reclusos. Status era algo importante para Dulcie. Isso começou comigo, por lhe dar tudo que ela queria. Isso tudo por sua tristeza em ter perdido a mãe. Quanto mais ela tinha, mais ficava feliz. Quando os Coffey não a deixaram entrar em seu círculo social, quando torceram o nariz para seu relacionamento com Logan, isso a deixou zangada. Não apenas zangada. Furiosa. Ela tinha dificuldades com seu temperamento, depois que Lily morreu. Explodia com frequência. Os Coffey tinham e ainda têm uma peculiaridade: eles não saem à noite. Nunca. Mas Logan saía à noite por causa de Dulcie. Ela reuniu grande parte da cidade na frente do coreto do parque numa noite dizendo que ia se apresentar para eles. Ela tinha uma voz adorável para cantar. Em vez disso, ela levou Logan ao palco.

Ela esperou por mais. Tinha de haver mais.

— Isso não faz sentido algum — disse. — Ele cometeu suicídio porque ela o fez sair à noite? Esse é o grande segredo? Isso é ridículo. É a coisa mais ridícula que eu já ouvi.

— A tradição sempre foi importante para os Coffey — disse Vance. — E Logan era um jovem muito sensível e problemático. Seu suicídio quase fez os Coffey irem embora. Se eles partissem com o dinheiro deles, Mullaby teria sido arruinada. Essa foi a gota d'água. Ninguém mais quis ter nada a ver com Dulcie, depois disso, depois do que ela tinha custado à família Coffey, depois do que quase custou à cidade. Ela finalmente fez algo que ninguém podia perdoar, algo do qual eu não consegui livrá-la.

Emily estava a vários palmos de distância quando percebeu que estava recuando dele.

— Faz vinte anos que não falo sobre isso — disse Vance. — E eu não falaria sobre isso com você, porque seria melhor que você não soubesse. Os Coffey obviamente acharam diferente. Eu lamento.

Emily continuou recuando. Vance simplesmente a observava como se esperasse que ela o deixasse, como se estivesse acostumado a isso. Sem dar mais nenhuma palavra, Emily virou e foi andando para dentro de casa.

Quando chegou ao seu quarto, ela simplesmente ficou ali em pé sem saber o que fazer. Vir para cá havia sido um erro. Um erro enorme. Ela devia saber que sua mãe tinha um bom motivo para não lhe contar sobre esse lugar. Esse lugar não era certo. Havia algo muito errado quanto a ele. Ela sempre sentiu isso. As pessoas cometiam suicídio apenas por quebrarem uma tradição. Por saírem à noite. E essa pessoa que lembravam ser Dulcie Shelby não tinha nada a ver com sua mãe.

Enquanto estava ali em pé, ela começou a ouvir um som de revoada, como se houvesse algo dentro do quarto com ela.

Ela rapidamente se virou e não pôde acreditar no que viu. Ela deu a volta completa, cambaleando ligeiramente.

O papel de parede não era mais de flores de lavanda.

Ele tinha mudado para pequenas borboletas de todas as cores imagináveis.

De canto de olho, ela pôde jurar que viu algumas delas tremulando. Não havia um padrão na estampa, elas simplesmente estavam por toda parte. Havia um frenesi estático, como se elas quisessem desesperadamente sair. Desse quarto. Dessa cidade.

Ela caminhou até a parede ao lado da cama e pousou a mão sobre o papel.

Lutando contra sua incredulidade, por um momento ela soube exatamente como elas se sentiam.

Ela baixou a mão e lentamente foi saindo do quarto, depois desceu a escada correndo. Vance estava entrando na cozinha, vindo do quintal.

— O papel de parede do meu quarto — ela disse, ofegante. — Quando foi que o senhor o trocou?

Ele sorriu.

— A primeira vez é sempre a mais difícil. Você irá se acostumar.

— O papel de parede parece antigo. Como fez para que ele tivesse aquela aparência? Como subiu tão depressa? Como faz para que ele... mude?

— Eu não fiz isso. Simplesmente acontece. — Ele abanou os braços como um mágico. — Isso começou com minha irmã. Ninguém sabe o motivo. É o único quarto da casa onde acontece, você pode mudar para qualquer outro quarto se quiser.

Ela sacudiu a cabeça. Era loucura demais para um dia.

— Não sou criança, vovô Vance. Papel de parede não muda sozinho.

Em vez de discutir, ele perguntou:

— Mudou para quê?

Como se ele não soubesse.

— Borboletas. Borboletas malucas!

— Apenas pense naquele quarto como a verdade universal — disse o vovô Vance. — A forma como vemos o mundo muda o tempo todo. Tudo depende de nosso humor.

Ela respirou fundo e tentou ser delicada.

— Eu agradeço pelo senhor querer que seja algo mágico, e tenho certeza de que foi preciso muito esforço, mas não gosto daquela estampa. Posso pintar por cima?

— Não vai funcionar — ele disse, sacudindo os ombros. — Sua mãe tentou. A tinta não gruda naquele papel de parede. E também não dá pra arrancar.

Ela parou. Ninguém nessa cidade cedia um centímetro. Nem com sua mãe, nem com esse... papel de parede estranho.

— Então, o que está dizendo é que estou empacada no quarto temperamental?

— A menos que queira mudar.

Emily recostou na geladeira vermelha, pois ficar em pé sozinha subitamente pareceu uma tarefa e tanto. O vovô Vance a observava silenciosamente. Até aquele momento, ela não tinha percebido que ele pendia para um lado como se o lado esquerdo do quadril estivesse doendo.
— Ainda estou esperando que alguém me diga que tudo isso é só uma brincadeira que estão fazendo comigo — ela finalmente disse.

— Conheço muito bem essa sensação — ele concordou, baixinho.

Ela o olhou nos olhos.

— Isso melhora?

— Eventualmente.

Não era a resposta que ela queria. Teria que conviver com aquilo.

Que escolha tinha? Ela não tinha nenhum outro lugar para onde ir.

Há mais de setenta anos, durante uma noite de lua cheia, em fevereiro — as pessoas chamavam de Lua de neve — quando o lago Pine Woods congelava e as plantas aquáticas ficavam presas no gelo parecendo fósseis e as crianças patinavam por cima, a casa ao lado da mansão dos Coffey, na rua Principal, pegou fogo.

Quando o caminhão dos bombeiros chegou, as labaredas se erguiam para fora das janelas. O veículo teve de ser empurrado pelos seis homens mais fortes da cidade, pois o motor não pegava por conta do frio. A cidade se reuniu ao redor do parque, do outro lado da rua, para observar, cobertos com cobertores, vendo as nuvens de gelo que saíam de seus hálitos e pairavam acima. À época, Vance tinha somente quatro anos de idade e sua

altura ainda não era uma preocupação para ninguém de sua família. Na verdade, nessa época, seu pai chegava a se orgulhar do menino robusto que tinha. Vance estava usando um gorro vermelho naquela noite. Tinha uma bolinha no topo, na qual a irmã, logo atrás dele, dividindo um cobertor, ficava batendo de brincadeira.

Todos que observavam o fogo estavam de olhos fixos nas chamas douradas, azuis e alaranjadas. Era como observar a lembrança de um verão que o inverno escuro e implacável quase os fizera esquecer. Alguns estavam tão hipnotizados, tão ávidos por um clima mais quente e o fim das dores nas juntas, das privadas congeladas e da pele tão seca que rachava e caía como papel, que caminhavam perigosamente perto da casa em chamas e tinham de ser afastados pelos bombeiros, cobertos de fuligem.

Primeiro, uma pessoa viu, depois outra, e logo toda a multidão observava, não o fogo, mas a casa ao lado — a mansão Coffey. Todos os empregados estavam debruçados para fora das janelas na lateral da casa de frente para o fogo, e jogavam quaisquer líquidos que tivessem à mão, nas chamas ao lado, tentando evitar que o incêndio chegasse à mansão Coffey. Eles jogavam água dos vasos de flores, potes de pêssegos nadando em calda, um globo de neve do quarto de uma das crianças, uma xícara de chá que havia sobrado do café da manhã.

A cidade observava admirada e lentamente começou a perceber que os Coffey não saíam e sua equipe leal de empregados corajosamente tentava salvá-los.

O incêndio acabou sendo controlado, e a mansão Coffey não foi afetada, exceto por alguns arbustos queimados de azaleias que o frio mesmo já tinha matado. Na manhã seguinte, começou a circular uma história de que os Coffey tinham se reunido no porão enquanto o fogo rugia na casa ao lado, alegando preferirem morrer a sair à noite.

As pessoas sempre souberam sobre a aversão dos Coffey às horas noturnas, mas ninguém jamais percebera o quanto eles eram sérios a respeito. Foi a primeira vez que os cidadãos de Mullaby começaram a pensar: “E se eles *não tivessem saído* naquela noite...”.

E se *não pudessem* sair.

Dulcie adorava essa história quando era pequenina. Às vezes, Vance tinha de contar duas vezes antes que ela fosse para a cama. Dulcie sempre fora próxima à mãe, mas nunca quis muito papo com o pai. Talvez por ele ter sido tão cauteloso com ela quando era um bebê. Ela era incrivelmente pequenina comparada a ele. Ele ficava com medo de acidentalmente pisar nela ou perdê-la em suas mãos imensas quando a pegasse. Então, quando encontrava algo como a história dos Coffey, que aproximava Dulcie, ele ficava radiante. À época, ele não sabia que estava

construindo a estrutura do desastre. Até chegar à adolescência, ela era obcecada pelos Coffey.

Ele não queria isso para Emily.

Naquela noite, depois que Emily foi para cama, Vance levou uma cadeira até a varanda dos fundos e esperou, de lanterna em punho e um dente de alho na outra mão para dar coragem. E surgiu a lua cheia de julho, conhecida como a lua de rena — tempo para os jovens e amantes.

As luzes de Mullaby já existiam há muito tempo e havia dúzias de histórias sobre elas. Mas, depois do incêndio, começou um boato de que as luzes eram, na verdade, fantasmas dos membros da família Coffey que já tinham falecido, correndo livres pela noite, como não puderam fazer durante a vida. Esse boato perdurava e até hoje ainda era o que as pessoas de Mullaby contavam aos forasteiros que perguntassem.

Quando a luz apareceu na mata naquela noite, ele ficou de pé e acendeu a lanterna.

— Volte para o lugar de onde veio — ele disse suavemente, sabendo que a luz podia ouvi-lo. — Eu sei o que minha filha fez a vocês. Mas você não pode ter a Emily.





No fim da tarde de segunda-feira, Julia estava caminhando de volta para casa, vindo do correio com um punhado de correspondência nos braços. Ela estava se recuperando das notícias que acabara de receber.

Ao virar a esquina para pegar a estrada Shelby, ela ergueu novamente o cartão-postal do alto da pilha.

Ainda não conseguia acreditar.

O cartão era de Nancy, uma de suas melhores amigas em Baltimore. Pelo fato de não poder pagar um telefone em seu apartamento enquanto morasse ali, uma vez por mês Nancy escrevia com as novidades sobre o antigo grupo de amigos de Julia — jovens formados que adoravam uma badalação e uns drinques e falavam bastante sem dizer muito. Julia desconfiava que eles eram amigos de colégio e gostava da ideia de ser um deles. Esse cartão, particularmente, tinha deixado Julia balançada. Nele, Nancy — que Julia nem sabia estar saindo com alguém — tinha escrito que subitamente se casara. Ela também escreveu que um amigo deles, Devon, tinha se mudado para Maine e outro, Thomas, tinha aceitado um emprego em Chicago. Nancy prometia contar os detalhes a Julia assim que retornasse para casa de sua lua de mel na Grécia.

Sua lua de mel.

Na Grécia.

Julia não esperava que tudo ficasse inerte enquanto ela estivesse fora, apenas não achou que as coisas mudariam tanto. E todas de uma vez. Ela achou que teria mais quando regressasse. Mas agora, quando deixasse Mullaby e voltasse a Baltimore, ela quase não teria amigos com os quais reatar. Isso havia sido parte do plano, parte do que a fazia seguir em frente.

Ela procurou se reanimar. Ainda tinha sua *Confeitaria da Menina de Olhos Azuis*. Afinal, a confeitaria era o principal motivo para que ela estivesse fazendo isso, razão para ter se confinado nesse inferno por dois anos. Ficar distante dos amigos sempre foi um risco. Amizades zeradas são frágeis e temperamentais. Ela sabia disso. Não havia história para unir as pessoas, pelo bem ou pelo mal.

Então, ela simplesmente lidaria com isso.

Já tinha lidado com perdas muito piores.

Julia ouviu um som de água derramando e olhou abaixo, para a calçada, onde viu Emily na frente da casa de Vance. Ela estava com um balde aos seus pés, uma esponja na mão e junto ao meio-fio um carro grande, que se recusava terminantemente a ficar limpo apesar do esforço de Emily. E era um bocado de esforço. Esforço para suar a frustração.

Julia enfiou o cartão-postal dentro de um dos catálogos em seu bolo de correspondência, depois caminhou até Emily. Ela não a via desde sábado e ficou imaginando se ela e o avô estariam se comunicando melhor, se Vance finalmente teria lhe contado tudo. Ela parou a alguns metros de distância.

— Belo carro.

Emily ergueu os olhos. Seus cabelos loiros claros, como sempre, pareciam suspensos no ar, meio presos num rabo de cavalo, meio pendendo ao redor de seu rosto.

— O vovô Vance vai me deixar usá-lo. O mecânico virá pegar amanhã de manhã, mas eu o empurrei para fora da garagem para poder lavar primeiro.

— Eu não sabia que o Vance ainda tinha isso. — Julia caminhou até o carro e inclinou-se para olhar pela janela empoeirada. — Foi da esposa dele, não foi?

— Sim.

Julia ficou olhando Emily esfregar o capô por alguns instantes.

— Você conversou com seu avô?

— Sim. — Essa única palavra transmitiu tudo que Julia precisava saber. Emily usou o antebraço para afastar um pouco de cabelo do rosto, depois continuou a esfregar. — Eu não sabia que seria assim. Mas minha mãe sabia. Tenho certeza de que foi por isso que ela nunca voltou nem me contou sobre esse lugar. Estou começando a pensar que ela não me queria aqui.

Julia desviou o olhar de Emily para o carro e olhou de volta. Se Julia tivesse um carro na idade de Emily, ela sabia exatamente o que teria feito. Que droga, ela estava pensando nisso mesmo agora.

— Está planejando partir?

Emily pareceu surpresa por Julia perceber tão depressa. Ela sacudiu os ombros.

— Não tenho para onde ir.

— Bem, se você esperar um pouquinho, o Festival de Churrasco de Mullaby é nesse fim de semana. É um grande acontecimento por aqui. Quer ir comigo?

Emily não olhou para ela.

— Você não precisa fazer isso, Julia.

— Fazer o quê?

— Se esforçar tanto para ser minha amiga. Minha mãe foi cruel com você. Você não precisa ser legal comigo.

Ai, droga.

— Então, Vance lhe disse isso também?

— Ele disse que minha mãe costumava implicar com você. O que ela fazia? — Emily finalmente olhou-a nos olhos. Se ela fosse mais sincera, desmancharia no ar e o vento a levaria.

Julia sacudiu a cabeça.

— Você não deveria se preocupar com isso. Não tem nada a ver com você.

— Por favor, me diga.

— Não foi exatamente meu momento de glória, Emi — disse Julia. — Mas, se você precisa saber, fora o cabelo rosa, as roupas pretas e o batom preto,

eu ia todo dia pra escola com uma coleira de couro cheia de tachinhas, que parecia de cachorro. Sua mãe trazia petiscos caninos para escola e jogava em mim nos corredores. Uma vez, ela até me deu remédio de pulgas. Quando não tinha nada à mão, ela simplesmente latia pra mim. — Julia parou ao lembrar. Fazia muito tempo que não pensava nisso. — Para ser honesta, eu dava muito motivo para o deboche. Você viu as fotos. Eu provavelmente atraí aquilo pra mim.

— Não faça isso. Não justifique. Ninguém jamais deve comprometer a dignidade de outro ser humano. — Ela sacudiu a cabeça. — Minha mãe me ensinou isso. Você acredita?

— Na verdade, sim — respondeu Julia. — Acredito.

— Você me disse que ela era popular.

— Era.

— Mas ninguém gostava dela?

Julia pensou a respeito por um instante.

— Logan Coffey gostava.

Emily soltou a esponja que estava segurando dentro do balde aos seus pés.

— Lamento pelo que ela fez a ele.

— Eu jamais a culparia por algo que sua mãe fez, meu bem. Ninguém que valha o seu tempo faria isso. Você não é quem sua mãe foi. Na verdade, estou começando a achar que você é quem sua mãe *se tornou*. Talvez valha a pena ficar, só para provar isso a todos.

Emily parecia estar repensando, quando elas ouviram uma porta bater. Elas se viraram e viram Sawyer em pé, ao lado de um Lexus branco, híbrido, estacionado atrás da caminhonete de Julia na casa ao lado.

Ele tirou os óculos escuros e pendurou na gola da camisa, depois caminhou na direção delas.

— Ele está aqui para o encontro de vocês? — perguntou Emily.

Julia se virou para ela.

— Que encontro?

— Ele te convidou para sair segunda-feira à noite. Nós estávamos no lago.

Julia jogou as mãos para trás e gemeu.

— Ai, droga.

Emily riu.

— Você esqueceu? Esqueceu que tinha um encontro com *ele*?

— Mais ou menos. — Julia olhou para ela e sorriu, contente porque pelo menos Emily estava achando isso engraçado.

— Olá, moças — cumprimentou Sawyer, por trás de Julia.

— Oi, Sawyer. Julia não esqueceu que vocês vão sair — disse Emily. — Ela... está só atrasada. É culpa minha. Ela estava indo se trocar quando eu a segurei para mostrar meu carro. Não é, Julia?

Julia olhou-a estranhamente, antes de notar que Emily achava estar *ajudando*.

— Certo — concordou Julia. — Me avisa se você vai ao festival no sábado, está bem?

— Farei isso.

Julia virou e pegou o braço de Sawyer, e o levou à casa ao lado.

— Ela está pensando que você está aqui para me levar para sair — ela se aproximou dele e sussurrou. — E acabou de se esforçar muito para livrar minha cara, pois achou que eu tinha esquecido. Finja que está acompanhando, está bem?

— Está bem — ele disse, amigavelmente, enquanto eles subiam os degraus da casa de Stella. — Mas eu *estou* aqui para te levar para sair. E obviamente, você esqueceu, *mesmo*.

Eles entraram na casa e Julia colocou a correspondência na mesa do salão.

— Não vou sair com você — ela arriscou.

— Você aceitou na frente de Emily. E ela acabou de lhe dar cobertura. Que tipo de exemplo você vai dar?

— Isso é golpe baixo. Apenas espere até que ela vá lá pra dentro.

Ele foi até a janela da sala e abriu a cortina.

— Isso pode demorar um tempo. Aquele carro está imundo.

Julia sorriu.

— Ela parece empolgada com ele.

— Como ela estava quando você a levou para casa no sábado? Agora ela parece estar bem.

— Está lidando com as coisas. Seu avô finalmente lhe disse algumas coisas sobre a época em que sua mãe viveu aqui. Acho que agora ela estará mais bem preparada para o desprezo dos Coffey.

— Ela realmente não tem nada a ver com Dulcie. — Ele deixou a cortina cair de volta, depois caminhou até o sofá listrado de seda, de Stella — aquele em que ela não deixava ninguém sentar — e sentou, cruzando as pernas e esticando os braços abertos no encosto. Ela se pegou encarando-o. Ele era simplesmente tão perfeito. — Você tem consciência que quanto mais tempo eu ficar aqui, mais provável será que ela ache que estamos fazendo algo escandaloso? — perguntou.

— Como o quê? Roubando os móveis de Stella?

— Para de se fazer de besta.

— E você para de ser manipulador.

Ele sacudiu os ombros.

— Se for preciso, não tenho problema com isso.

— Cuidado, Sawyer, você está agindo igual a quando tinha dezesseis anos. E eu aqui achando que você tinha progredido tanto.

— E aí está — ele disse, satisfeito.

— O quê?

— Exatamente o que eu queria falar.

Ela tinha caído direitinho.

— Não — ela disse. — Stella estará em casa a qualquer minuto.

— Ela não chegará em pelo menos uma hora ou mais — ele fixou os olhos nos dela, encurralando-a naquele ponto. — Você disse que tinha me perdoado. É verdade?

— Não farei isso. Não terei essa conversa. — Ela sacudiu a cabeça, inflexível.

— Por quê?

— Porque isso é meu, Sawyer! — exclamou. — É minha lembrança, minha tristeza. Não é sua. Não vou compartilhar isso com você. Na época, você não quis. Agora não pode ter.

As palavras ficaram penduradas no ar, como uma guirlanda. Ela quase podia vê-las.

Sawyer levantou e, por um instante, ela achou que estivesse vindo em sua direção e deu alguns passos para trás. Mas ela logo descobriu que ele estava indo até a lareira da sala de Stella. Parou ali e colocou as mãos nos bolsos, olhando a lareira vazia.

— Holly e eu não pudemos ter filhos.

Julia parou, diante dessa súbita mudança de assunto. Sawyer e Holly tinham se casado logo depois da faculdade. O pai dela comentara com Julia, de passagem, uma vez. Aquilo doeu um pouquinho, mas não a surpreendeu muito. Sawyer e Holly namoravam desde o colégio. O que a deixou surpresa, ao se mudar de volta para Mullaby, foi descobrir que o casamento deles durou menos de cinco anos. Todos, incluindo ela, achavam que eles ficariam juntos para sempre. Julia, em particular, sabia de tudo que Sawyer tinha feito para preservar o relacionamento com Holly quando eles eram adolescentes.

— O mais irônico é que eu é que sou o problema — prosseguiu Sawyer. — Eu peguei catapora, no meu primeiro ano da faculdade, e tive uma reação estranha. Não há uma semana que passe sem que eu me lembre do que aconteceu com a gente, Julia, e como eu reagi. Meu medo e minha estupidez não apenas pioraram uma época horrível da sua vida, mas também destruíram o que acabou sendo minha única chance de ser pai de uma criança. Isso que eu queria lhe dizer. No instante em que eu a vi novamente, eu sabia que você estava presa ao que tinha acontecido e que, aos seus olhos, eu ainda era aquele garoto totalmente imbecil. Talvez isso faça com que você se sinta um pouco melhor.

— *Me sinta melhor?* — ela perguntou, incrédula.

Ele sacudiu os ombros.

— Saber que eu tive o que mereci.

Pela primeira vez, Julia percebeu que Sawyer talvez tivesse ficado tão abalado quanto ela pelo que tinha acontecido. Ele era simplesmente melhor em esconder isso.

— Qual é o seu problema? — ela perguntou. — Como pode pensar que eu me sentirei melhor com isso?

— Não sente?

— É claro que não.

Ainda olhando para a lareira, ele disse:

— Eu li que um aborto raramente afeta a capacidade de uma mulher para ter mais filhos. Isso é verdade?

Ela hesitou.

— Imagino que sim.

— Fico contente — ele disse, baixinho.

Isso tinha sido dela, só dela, por tanto tempo. Ela achou que ele não ligasse, talvez nem merecesse saber o que ela mantivera em segredo, em seu coração, essa esperança que guardara por tanto tempo.

— Seu desgraçado. Eu estava feliz em ficar com raiva de você. Por que você simplesmente não deixou as coisas assim?

Ele sorriu ligeiramente.

— Porque eu me divirto dizendo à belas mulheres que sou estéril.

Nesse instante, a porta da frente se abriu e lá estava Stella. Ela sempre cheirava a rosas, de sua loja de flores, quando voltava do trabalho. O cheiro entrava na sala antes dela, como um bicho de estimação empolgado.

— Eu lhe disse que ela estaria em casa num minuto — disse Julia.

— Estou interrompendo algo? — perguntou Stella, esperançosa, desviando o olhar de Julia para Sawyer. — Posso voltar mais tarde. Na verdade, eu nem preciso voltar. Posso ficar fora a noite toda.

— Você não está interrompendo nada. Boa noite. — Julia virou e subiu correndo a escada para seu apartamento.

— Noite? — disse Stella. — Não são nem cinco horas da tarde.

Julia trancou a porta atrás de si e foi direto para seu quarto. Ela sentou na beirada da cama, depois caiu para trás e ficou olhando os raios alongados de sol esticados no teto.

Subitamente tinha uma grande decisão a tomar, uma decisão que achou que nunca fosse *precisar* tomar.

Voltar para cá tinha bagunçado tudo.

Suas primeiras seis semanas no Reformatório Collier, em Maryland, foram difíceis. Lá havia algumas garotas duronas. Julia passava boa parte do tempo chorando em sua cama do dormitório e usava todo seu tempo permitido com telefonemas para ligar para Sawyer. A empregada dele sempre dizia que ele não estava em casa. Julia se recusava a ligar para seu pai ou falar com ele quando ele ligava, por tê-la mandado para lá. Seus terapeutas não

pressionavam. Suas sessões de terapia eram estranhas no início, mas depois ela passou a ansiar por elas.

Na verdade, sua terapeuta foi a segunda pessoa para quem ela contou quando percebeu que estava grávida.

Julia ficou eufórica ao descobrir. Em sua cabeça, isso significava que ela poderia ir para casa e ficar com Sawyer. Eles se casariam, morariam juntos e criariam o filho deles. Ele podia fazê-la feliz. Ele podia torná-la melhor. Ela sabia que ele podia. Ele a via. Ele era a única pessoa que a via.

Ela ligava para a casa dele incessantemente, até que obviamente esgotou a empregada. Quando Sawyer veio ao telefone, ela ficou surpresa com seu tom.

— Julia, você tem que parar de ligar pra cá — ele disse, bruscamente.

— Eu... eu senti sua falta. Onde você esteve?

Silêncio.

— Esse lugar é horrível — ela prosseguiu. — Eles querem me dar medicação.

Sawyer limpou a garganta.

— Talvez seja uma boa ideia, Julia.

— Não, não é. — Ela sorriu, pensando no quanto isso seria maravilhoso. — Pode fazer mal para o bebê.

Silêncio outra vez. Então:

— Que bebê?

— Estou grávida, Sawyer. Vou contar ao terapeuta, depois ao meu pai. Devo voltar pra casa em breve.

— Espere, espere, espere — ele disse, rapidamente. — *O quê?*

— Eu sei que é uma surpresa. Também foi pra mim. Mas você não vê? Essa é realmente a melhor coisa que poderia ter acontecido. Eu vou voltar pra casa para que a gente possa ficar junto.

— É meu? — perguntou.

Ela sentiu uma primeira pontada em seu coração, fina e aguda.

— Claro que é seu. Aquela foi a minha primeira vez. Você foi meu primeiro.

Ele esperou tanto tempo para dizer algo que ela achou que tivesse desligado.

— Julia, eu não quero um bebê — ele finalmente disse.

— Bem, é tarde demais para isso — ela brincou, tentando rir.

— É?

— O que você quer dizer?

— Eu tenho dezesseis anos! — ele subitamente explodiu. — Não posso ser pai! E estou com a Holly. Essa é a *pior* coisa que poderia me acontecer agora! Eu tenho *planos!*

Uma segunda pontada, depois uma terceira, golpearam-na por dentro, tornando difícil respirar.

— Você está com a Holly? — Ela sabia que ele namorava a Holly, mas imaginou, depois do que aconteceu no campo de futebol... da forma como ele a tocou...

Como ele pôde fazer isso com ela e ainda estar com Holly?

— Eu sempre estive com ela. Você sabe disso. Nós vamos nos casar depois da faculdade.

— Mas naquela noite...

Ele a interrompeu, dizendo:

— Você estava aborrecida.

— Então, não é só o bebê? — ela quase sussurrou. — Você não quer a *mim*?

— Lamento. Muito mesmo. Achei que você soubesse.

Você achou que eu soubesse? Os olhos dela começaram a encher de lágrimas e sua respiração estava ofegante. Ela achou que teria falta de ar.

Ele deveria salvá-la.

— Eu vou cuidar disso — arriscou, virando para desligar o telefone público. Sawyer talvez não quisesse o bebê, mas ela queria. Ela cuidaria dele sozinha.

Sawyer entendeu errado.

— Isso é bom. É a melhor coisa a fazer. Eu sei que será difícil, mas vai passar antes que você perceba. Apenas faça um aborto e tudo ficará bem. Deixa que eu mando algum dinheiro. — A voz dele agora estava agradável, tão aliviada. Ela sentiu uma onda de ódio tão forte que brotava de sua pele e provocava estática no fone.

Um aborto? Ele queria que ela fizesse um aborto? Ele não queria o bebê, mas também não queria que ela ficasse com ele. Como ela podia ter achado estar apaixonada por uma pessoa assim?

— Não. Eu posso me virar sozinha.

— Me deixa fazer alguma coisa.

— Você já fez o bastante — ela disse, e desligou.

Contar ao pai dela foi horrível. Quando sua terapeuta fez com que ela ligasse para ele, ele quis que ela fosse para casa imediatamente, achando que ela tinha ficado grávida na Collier. Mas ela admitiu que tinha sido antes de deixar Mullaby. Embora ele exigisse saber quem era o pai, ela nunca lhe contou. No fim, todos concordaram que ela deveria ficar na Collier. Afinal, ela não era a única garota grávida ali.

Por volta do terceiro mês, Julia começou a ter desejo de bolos. A sensação era inacreditável. Havia momentos que ela achava que ficaria maluca com isso. Sua terapeuta lhe disse que era apenas um desejo comum de gravidez, mas Julia sabia que não. Essa criança crescendo dentro dela obviamente tinha o senso mágico e doce de Sawyer. Quando Julia não conseguia doces suficientes durante o dia, saía escondida do dormitório para ir até o refeitório. Foi quando ela assou seu primeiro bolo. Depois de um tempo, ela se tornou

muito boa naquilo, porque era a única coisa que acalmava o bebê. Também tinha um efeito incomum no restante da escola. O cheiro de bolo lentamente percorria os corredores enquanto ela assava à noite, e as meninas em seus dormitórios, até mesmo as que sempre tinham pesadelos, subitamente sonhavam com suas avós, suas festas antigas de aniversário.

No quinto mês, a terapeuta de Julia começou a conversar com ela sobre opções de adoção. Ela se recusava terminantemente a considerar isso. Mas a cada sessão, a terapeuta perguntava: “Como você pretende cuidar dessa criança sozinha?”, e Julia começou a ficar com medo. Ela não sabia como faria. Sua única opção era seu pai, mas quando ela tocou no assunto, ele imediatamente disse não. Beverly não queria um bebê em casa.

Na primavera, numa onda tão forte de dor que ela se encolheu na aula de francês, Julia entrou em trabalho de parto. Tudo foi tão rápido que ela deu à luz na ambulância, a caminho do hospital. Ela podia sentir a frustração do bebê, sua impaciência, conforme manobrava seu caminho rumo à liberdade. E Julia não podia detê-la. Por mais que quisesse, não havia nada que ela pudesse fazer para manter essa criança fisicamente ligada a ela. Sua filha tinha mente própria e seus próprios objetivos. Depois que terminou, o bebê passou a fazer um estardalhaço sobre a dificuldade de sua jornada, chorando a quem quisesse ouvir, da mesma forma que aquelas senhorinhas de casaco de *tweed* reclamam de longos trajetos quentes em trens rumo à cidade. Aquilo fez Julia rir, segurando a recém-nascida resmungona em seus braços na ambulância. Ela era perfeita, com os olhos azuis e cabelos loiros de Sawyer.

No dia seguinte, o pai de Julia foi até Maryland vê-la no hospital, e ela pediu, pela última vez, para que ele a levasse, com seu bebê, para casa.

Ao pé da cama do hospital, com seu boné nas mãos, parecendo tímido e deslocado, ele novamente disse não. Depois disso, ela desistiu de algum dia ter um relacionamento verdadeiro com o pai. Nada jamais seria igual.

Foi a decisão mais difícil que Julia teve de tomar: abrir mão de sua menininha. Agora que o bebê era independente do corpo de Julia, ela sabia que não tinha como cuidar dela sozinha. Mal conseguia cuidar de si mesma. Ela odiava Beverly por não querer o bebê em casa e odiava o pai por ser tão fraco. Mas, acima de tudo, ela odiava Sawyer. Se ao menos ele a amasse. Então, ela poderia ter ficado com o bebê. Ele a estava privando da única pessoa no mundo que algum dia precisaria totalmente dela, a única pessoa no mundo que ela sabia que a amaria pelo resto da vida. Sem perguntas. Sem limites.

Disseram-lhe que um casal de Washington adotou o bebê. Julia recebeu duas fotos. Uma era a foto oficial do hospital, a outra era de Julia na cama do hospital segurando-a — quentinha e macia, cheirando a cor-de-rosa. Julia guardou as fotos imediatamente, porque doía demais olhá-las, e encontrou-as

anos mais tarde dentro de um antigo livro escolar quando estava arrumando suas coisas para se mudar, depois da faculdade.

Demorou muito tempo para que ela ficasse bem novamente. Ela voltou a se cortar, logo depois de ser liberada do hospital. Sua terapeuta escolar trabalhou incansavelmente para que Julia fosse admitida num programa de verão patrocinado pela Collier, pois ela não estava pronta para ir para casa. Julia ainda se sentia vulnerável demais para voltar a Mullaby após o verão, então seu pai concordou que ela ficasse na Collier e fizesse seu último ano do ensino médio.

No ano seguinte, ela se inscreveu para uma faculdade e foi aceita. Embora não tivesse feito bolos desde que estava grávida, aqueles meses de aprendizado a deixaram hábil o suficiente para conseguir um emprego numa confeitaria e ajudar seu pai a pagar as mensalidades da faculdade. A essa altura, com a ajuda de sessões contínuas de terapia, Julia conseguia pensar em Sawyer sem que o mundo todo se transformasse numa bola vermelha de fúria ao seu redor, e ela se lembrava do que ele lhe dissera sobre seguir o aroma dos bolos de sua mãe até em casa. Isso se tornou um símbolo para ela. Talvez, um dia, no futuro, assar os bolos trouxesse a filha — que tinha o sentido do doce como seu pai — de volta para Julia. Então, ela explicaria o motivo que a fez dá-la. No mínimo, isso levaria o amor de Julia até ela.

Onde quer que ela estivesse.

Quase vinte anos depois, Julia ainda chamava por ela. Sabendo que ela estava por aí, no mundo, era isso que fazia Julia passar por cada dia. Ela não conseguia imaginar uma vida sem saber disso.

Sawyer estava vivendo essa vida inimaginável.

E foi quando ela soube que tinha de contar a ele.

Ela achou que era infeliz ali antes.

Mas os próximos seis meses seriam infernais.

Julia ouviu uma leve batida na porta. Ela abriu os olhos e ficou surpresa ao ver que o céu estava num tom de amora-preta e a primeira estrela da noite já tinha saído. Ela levantou e foi até a porta do quarto.

— Julia? — Stella chamou. — Julia, você está bem? Você está tão quieta aqui em cima. O Sawyer já foi embora, se era isso que você estava esperando. — Houve uma pausa. — Certo. Eu estarei lá embaixo se você precisar de mim. Se quiser conversar.

Ela ouviu Stella descer a escada.

Julia recostou a cabeça no batente da porta por um momento, depois caminhou até o corredor. Ela parou na porta que dava para a escada, depois passou direto rumo à cozinha.

Um bolo beija-flor, ela resolveu, ao acender a luz da cozinha. Era feito com bananas, abacaxi e noz-pecã, e um glacê de *cream cheese*.

Julia o faria leve o suficiente para sair flutuando.

Ela esticou o braço para abrir a janela.
Para flutuar até sua filha.





10

O carro tinha um toca-fitas de oito faixas.

O volante era imenso, mais parecia um leme de barco.

O interior cheirava a pastilha para garganta.

E ela adorou o carro.

Emily amou esse carro.

No dia seguinte, quando o mecânico de Vance foi entregá-lo, ela sentou ansiosamente atrás do volante. Mas depois percebeu que não conseguia

pensar em lugar algum aonde quisesse ir. Quanto mais pensava a respeito, menos queria deixar Mullaby. Embora jamais dissesse isso em voz alta — ela jamais contaria a ninguém — havia uma parte dentro dela que agora achava um consolo estranho em conhecer o outro lado da mãe. Dulcie tinha estipulado um padrão impossível em Boston, e Emily achava que nunca fazia o suficiente, nunca se importava o suficiente, nunca trabalhava com afinco suficiente. E, às vezes, ela se ressentia com isso, o que a deixava ainda pior. Mas, no fim das contas, nem a própria Dulcie conseguia fazer jus àqueles padrões. Ao menos, não aqui.

Emily ficou sentada no carro até ficar quente demais, então saiu. Ela não podia fazer uma visita ao lado, porque Julia tinha saído mais cedo. E não podia voltar para dentro de sua própria casa, porque o vovô Vance estava tirando um cochilo e o novo papel de parede de borboletas de seu quarto a deixava nervosa. Ela podia jurar que ele se movia de vez em quando e não conseguia imaginar como. Caminhou à toa, até os fundos da casa. O quintal estava com o mato tão alto que ficava difícil enxergar o coreto nos fundos da propriedade. Olhando ao redor, ela ficou perplexa ao acabar somente com um corte no tornozelo naquela noite em que perseguira as luzes de Mullaby.

Desde que voltara do lago, ela não vira as luzes na mata, e estava ligeiramente decepcionada. Entender o sentido de pelo menos uma coisa ali já seria legal.

Sem nada melhor a fazer, ela começou a catar gravetos e galhos espalhados pelo quintal. Olhou na garagem para ver se encontrava um cortador de grama, mas não achou. Mas encontrou tesouras de poda, foi até o coreto e começou a aparar os arbustos, assustando um sapão que estava escondido ali na sombra.

Conforme ela lentamente foi abrindo caminho ao redor do coreto, diminuindo as moitas para que os postes e treliças ficassem aparentes, o sapo gordo a seguia.

A certa altura, Emily arrancou um pedaço de madeira e um galho caiu no sapo. Ela riu e abaixou para tirar de cima dele, e foi quando ela viu.

Um grande coração com as iniciais D.S. + L.C. entalhado dentro.

Estava entalhado no mastro traseiro do coreto, perto da parte inferior, igual à árvore do lago.

Seus dedos tracejaram as linhas do coração. Logan Coffey estivera nesse quintal dos fundos. Ela não sabia o motivo, mas seus olhos desviaram para as árvores apenas por intuição, mas ali, num dos troncos que demarcavam a entrada da mata, havia outro entalhe.

D.S. + L.C.

Ela pousou a tesoura nos degraus do coreto e entrou. O sapo a seguiu por alguns degraus, depois parou. Ela viu outro coração, mais para dentro da mata. Depois outro. Eles formavam uma trilha, irresistível para não seguir. A cada três ou quatro árvores, havia um coração com as iniciais dentro. Alguns eram mais difíceis de encontrar do que outros e ela passou pelo menos quinze minutos abrindo lentamente seu caminho pela mata, até que finalmente chegou a uma clareira.

Esse era exatamente o local onde a luz a levou na noite em que ela a perseguira.

O parque na rua Principal.

Ela olhou para o local do outro coreto e ali, entalhado na base da estrutura, ao lado dos degraus, estava o coração com as iniciais.

Ela caminhou até o coreto e ajoelhou, tocando o entalhe.

Por que será que os corações a conduziam até aqui? Teriam algo a ver com o fato de sua mãe trazer Logan Coffey até o palco do coreto naquela noite?

Ela levantou outra vez e olhou ao redor do parque. Estava cheio de gente naquele dia. Algumas pessoas estavam almoçando, outras tomando banho de sol. Algumas jogavam *frisbee* com seus cães.

E lá estava Win Coffey.

Ele estava com alguns adultos, no meio do parque. Um dos homens era o grandalhão da festa no lago. Ela não percebera antes, mas ele era claramente um parente de Win — se é que os cabelos escuros, o terno de linho de verão e a gravata-borboleta eram alguma indicação. Os adultos gesticulavam em direção à rua para o enorme *banner* do festival que tinha sido erguido, mas a cabeça de Win estava virada para outra direção, olhando para ela.

Sem pensar, ela se escondeu atrás do palco. Então, imediatamente se arrependeu. Qual era o problema dela? Numa cidade pequena seria inevitável que eles se encontrassem. Mas ela não queria que ele achasse que ela o estava seguindo. Esconder-se assim que o viu não ajudou muito a evitar essa impressão.

Ela esperou alguns minutos antes de endireitar os ombros e caminhar de volta, contornando o coreto. Era um parque público. Ela tinha tanto direito de estar ali quanto ele.

Assim que contornou a parte traseira, ela fez uma exclamação de surpresa.

Lá estava ele, de frente para ela. Ele estava recostado num dos ombros, na lateral do coreto, com as mãos nos bolsos da calça.

— Você está se escondendo de mim? — ele perguntou.

— Não — respondeu, rapidamente. — Quero dizer, eu não sabia que você estaria aqui. Não sabia nem que *eu* estaria aqui. Eu estava apenas seguindo uma trilha dessas marcas, vindo dos fundos da casa do meu avô. — Ela apontou para o entalhe.

Sem se mover, ele baixou os olhos ao coração.

— Estão pela cidade inteira. Depois que meu tio morreu, meu avô tentou raspá-las, até perceber que havia muitas, por todo lado, mais do que ele provavelmente encontraria.

— Dulcie Shelby e Logan Coffey. É o que significam?

Ele concordou.

— Apesar do que todos pensam sobre ela, ela não era essa pessoa — ela se pegou falando, enquanto novamente apontava o entalhe. — Não quando ela foi embora.

— Eu sei — ele disse. Ao erguer as sobrancelhas, ele sacudiu os ombros. — Eu fiz uma busca no Google com o nome dela, no dia seguinte ao que nos conhecemos. Descobri muita coisa sobre sua mãe. Li sobre a escola que ela ajudou a fundar em Boston. E vi sua foto na página da escola.

Isso fez suas bochechas parecerem que ela tinha acabado de morder uma maçã verde. Ela torceu para que não fosse a foto da angariação natalina de alimentos. Ela parecia estar com prisão de ventre naquela foto. Mas era sempre a foto que eles usavam nos impressos da escola. Quando Emily reclamou, sua mãe dissera: “Não seja fútil. Sua aparência não importa. É a boa ação que conta”. Emily costumava achar que sua mãe não fazia ideia do que era ser adolescente.

— Você sabe muito mais de mim do que eu de você — Emily finalmente disse. — Não acho justo.

Win se inclinou na direção dela, provocando um estranho tranco em seu coração. Os olhos dele foram aos lábios dela e ela subitamente ficou imaginando se ele iria beijá-la. A coisa maluca era que, apesar de tudo, havia uma pequena parte dela que queria que ele fizesse isso.

— Isso significa que você está curiosa? — ele perguntou.

— Sim — respondeu, honestamente, engolindo em seco. — Principalmente quanto ao fato de que sair à noite tenha sido o motivo para que seu tio se suicidasse. Minha mãe pode não ter sido uma pessoa muito legal aqui, mas que tipo de segredo é esse para fazer alguém se matar?

Ela não percebeu o que tinha dito até que ele subitamente recuou e lançou um olhar inquisidor.

— Você descobriu bastante coisa desde a última vez que conversamos.

— Meu avô disse que não me falou porque achou que seria melhor se eu não soubesse. Ele não ficou muito contente ao saber que você assumiu a

tarefa de ser meu guia ao passado de minha mãe.

— E como *você* se sente?

— Ainda amo minha mãe.

Ele hesitou, como se isso fosse um efeito colateral indesejado de suas ações.

— Eu não estava tentando fazer com que você se sentisse de outro modo. Desculpe. Só estava tentando ajudar.

Algo a fez pensar se ele tinha a intenção de ajudá-la, ou ajudar a si mesmo.

— Por que era algo tão importante ser visto à noite? — ela subitamente perguntou. — Quero dizer, agora você sai à noite, não sai?

— Não.

— Não? — perguntou, surpresa. — Por quê?

— Você não acreditaria se eu contasse.

— Você já disse isso antes. Como sabe?

Ele olhou-a de um jeito que fez todos os nervos de seu corpo se sentirem vivos. Como acontece quando alguém chega por trás e lhe dá um susto — há um espasmo súbito, um suspiro ofegante.

— Cuidado com o que você deseja — ele disse.

— Win, o que você está fazendo aqui atrás? — Um homem vestido como Win subitamente apareceu, contornando o coreto. Ele era grande, mas não gordo, como se sua própria importância o fizesse ocupar tanto espaço. Ele cheirava a charuto e roupa engomada de tintureiro. Olhou para Win, que se retraiu como um nó-cego, com clara antipatia. Então, os olhos do homem recaíram sobre Emily. — Ah — ele disse, como se algo subitamente tivesse feito sentido. — Você deve ser Emily Benedict.

— Sim.

Ele deu um sorriso amarelo, cheio de dentes, mas sem expressão nos olhos.

— Sou Morgan Coffey, prefeito de Mullaby. E pai de Win. Acho que a vi na festa de minha filha no último sábado, não? Não me lembro de você ter sido convidada.

— Eu não sabia que precisava de um convite. Peço desculpas.

— Tudo bem. — Ele estendeu a mão e ela apertou. Seu aperto de mão era de esmigalhar os ossos. — Bem-vinda à cidade.

— Obrigada — agradeceu, tentando tirar a mão.

Mas ele ficou segurando, erguendo levemente o braço dela, com os olhos na pulseira de pingentes que estava usando.

— Onde arranjou isso? — perguntou.

Puxando outra vez, ela deslizou a mão para fora da dele e escondeu a pulseira com a outra mão.

— Era da minha mãe.

Morgan Coffey parecia completamente perplexo.

— Meu pai deu isso à minha mãe quando eles se casaram.

Emily sacudiu a cabeça. Ele certamente estava enganado.

— Talvez seja apenas parecida.

— O talismã da lua tem algo escrito: “Seu, da escuridão à luz”.

Emily não precisava olhar. As palavras já tinham quase apagado, mas ainda estavam ali. Ela podia sentir as lágrimas chegando aos seus olhos.

— Eu lamento — ela disse, remexendo a pulseira para tirá-la. Ela estendeu a mão segurando a pulseira, com o coração partido. — Ela deve ter roubado. — Depois do que ela tinha descoberto sobre a mãe, isso não era impossível.

Um músculo se retraiu no maxilar dele.

— Ela não roubou. Win, vamos embora. — Morgan Coffey virou sem dar mais nenhuma palavra.

Sem pegar a pulseira.

Win ficou olhando ele se afastar, depois disse a Emily:

— Na verdade, isso foi melhor do que eu imaginava.

Ela desviou o olhar, contendo as lágrimas.

— Acho que não quero saber como você achou que seria.

Ele sorriu e se aproximou dela. Pegou a pulseira que ela ainda segurava na palma da mão e colocou de volta em seu pulso.

Seu toque era morno e parecia maior do que ele, de alguma forma, como se ela pudesse senti-lo além dos lugares que ele havia tocado. E lá estava novamente aquela sensação confortante. Ela respirou fundo, as lágrimas sumindo. Como ele fazia aquilo, como fazia com que ela se sentisse tão cautelosa, e tão *afeiçoada* a ele?

Ele ergueu os olhos da pulseira e cruzou com seu olhar. Ainda estava tocando seu pulso e ela tremia pelo esforço de se manter imóvel.

— Eu a verei no festival desse fim de semana?

Julia a convidara, mas Emily ainda não lhe dera uma resposta. Mas agora ela tinha a resposta.

— Sim.

— Amigos? — ele perguntou, parecendo que estava lhe pedindo que fizesse algo perigoso. Ele a fazia se sentir corajosa por estar ali em pé, por enfrentá-lo, e ela não sabia o motivo. Ela nunca tinha se sentido corajosa. Não assim, como se houvesse escolhas que ela finalmente pudesse fazer sozinha.

Ela assentiu.

— Amigos.

Quando Sawyer parou na entrada da garagem naquele dia, ele viu Julia sentada nos degraus da frente de seu sobrado com uma caixa branca de bolo no colo. Nunca tinha lhe ocorrido que ela soubesse onde ele morava. Isso fez com que ele se sentisse importante para ela, de alguma forma. Se bem que talvez fosse sua alucinação se manifestando. Ela se manifestava frequentemente para ele, falando sobre Julia. Mas isso explicava a picape preta estacionada junto ao meio-fio, a dois quarteirões de distância. Quando ele passou por ela, achou parecida com a de Julia, mas não fazia ideia do motivo para que ela tivesse estacionado tão longe. Ele ficou imaginando se ela não queria ser vista perto dele.

Ele parou em frente à sua garagem e desligou o motor. Saiu do carro levando uma pasta com ele. Passara o dia olhando propriedades com potencial para locação. O negócio de administração imobiliária de sua família vinha lentamente se expandindo aos municípios vizinhos. Seu pai havia sido contra isso, no começo. Por muito tempo, o único cliente deles fora os Coffey, que eram donos da maior parte das propriedades alugadas de Mullaby. Tinha sido uma batalha constante com seu pai para fazê-lo sequer pensar na ideia de assumir a administração de outras propriedades. Agora o negócio estava indo tão bem que eles pensavam em abrir um escritório filial.

Conforme ele se aproximou, Julia levantou. Ela estava de *jeans* e uma bata azul-marinho, com as tirinhas de amarrar o decote penduradas. Estava tão linda e suave, com seus imensos olhos castanhos e seus cabelos castanhos-claros brilhando sob o sol da tarde. Ele não viu a mecha rosa e teve um ímpeto incrível de encontrá-la. Sempre fora fascinado por ela, atraído a ela da mesma forma que pessoas curiosas são sempre atraídas por coisas que não compreendem. Mas ele fizera um trabalho espetacular em arruinar qualquer chance que poderia ter com ela, e fizera isso com a impressionante idade de dezesseis anos. Realmente deveria ganhar um prêmio ou algo assim. O de “arrependimento mais longo do mundo”.

A noite que ele e Julia tiveram fora incrível, algo com que ele sonhara durante anos. Até aquela noite, ela só havia sido uma fantasia. Ele era o garoto popular almofadinha; ela era a *punk* durona da escola. Ele jamais achou que teria uma chance com ela, então mantinha distância e a observava de longe. Aquela noite foi tudo que ele tinha sonhado, embora meio agridoce. Ele falou para valer — totalmente — tudo que dissera no momento, envolvido na fantasia que se tornara realidade. Mas a adolescência é como ter luz suficiente apenas para enxergar o degrau à sua frente, nada além. Quando Julia partiu para a escola no dia seguinte, ele havia ficado com medo. Ele e Holly tinham aprovação não somente dos

pais dele e dos dela, mas de todos da escola. Principalmente depois do que tinha acontecido com Dulcie e Logan naquele mesmo verão, e como a cidade inteira tinha se virado contra ela e olhava desconfiada para suas amigas, ele queria manter o que tinha e isso não incluía Julia. Julia era como água em suas mãos. Ela escorria. Adorável, estranha e imprevisível, ela tinha sido tudo que ele não era. Nada com que ele estivesse acostumado. Ele reagira mal quando ela ligou e disse que estava grávida. Quando ele olhava para trás, naquela conversa, era como assistir a um filme. Era a única forma como ele conseguia lidar com isso, desassociar totalmente. Aquele não era ele. Aquele era um fantasma dele, algum garoto horrível que forçara uma garota problemática a fazer um aborto porque ele não queria enfrentar as consequências de seus atos.

Mas ele acabou enfrentando de qualquer forma. O destino tem um jeito de revidar. Ele achou que tinha seguido em frente, primeiro com Holly, depois se jogando no negócio da família. Mas então Julia voltou para a cidade e ele percebeu, pela primeira vez, que ele não tinha superado nada.

Ele apenas estivera esperando.

Esperando que ela voltasse e o perdoasse.

— Eu não sabia que você sabia onde eu moro — disse, subindo os degraus em direção a ela.

— Aparentemente, eu não sabia. Alguém me disse uma vez que você era dono de uma casa grande na rua Gatliff. Imaginei que você morasse lá. Mas Stella me disse que você e Holly moraram lá quando estavam juntos, e que você tinha se mudado pra cá depois do divórcio.

— Na verdade, Holly e eu ainda somos donos daquela casa. — Ele parou na varanda e ficou em pé na frente dela. — Quando ela se mudou para Raleigh, nós concordamos em alugar e dividir a renda.

— Por que você não continuou simplesmente morando lá?

— Era grande demais. Minha família nos deu de presente de casamento. Cinco quartos. Era uma grande indireta para os netos.

— Ah — disse Julia, sem jeito.

— Não fique constrangida. Eu não estou. Já me entendi com isso.

Ela deu uma olhada incrédula. Depois, mudando de assunto, empurrou a caixa de bolo em sua direção.

— Eu lhe trouxe um bolo beija-flor — explicou. — Eu fiz ontem à noite.

Ele pousou a pasta e pegou a caixa dela, estarrecido.

— Você realmente fez um bolo pra mim?

— Não fique todo emotivo. Eu tenho que lhe dizer uma coisa. Na verdade, algumas coisas. Vou deixar a mais importante pra mais tarde.

Mais tarde. Isso era curioso. E incentivador. Mais tarde significava que havia um meio-tempo. Tempo para estar com ela.

— E o bolo é para me amolecer?

— O bolo é porque você gosta.

Ele gesticulou para a porta.

— Entre — ele chamou, subitamente empolgado pela ideia de tê-la em sua casa. Era quase como se, ao passar o limiar, algo significante pudesse ser realizado. Ela estaria mais perto dele. Ele estaria mais perto de seu perdão.

Mas ela sacudiu a cabeça.

— Não posso. Fiquei sem gasolina vindo pra cá.

— Ah. Por isso que eu vi sua caminhonete estacionada a algumas quadras daqui.

Ela assentiu.

— Eu só estava esperando que você chegasse em casa para lhe dar isso e lhe dizer uma coisa, depois tenho que caminhar até o posto de gasolina.

— Eu posso te levar.

— Eu vou, numa boa — ela disse, dispensando-o. Ela não queria nada dele. No entanto, ele queria tanto dela. — Eu realmente faço bolos por sua causa. Bem, eu comecei a fazer por causa de você. Isso que eu queria lhe dizer.

Por essa ele não esperava. Ele se balançou ligeiramente para trás, equilibrando-se nos calcanhares.

Ela enfiou as mãos no fundo dos bolsos do *jeans*, curvando levemente os ombros.

— Foi o que você me disse sobre a forma como você sempre sentia quando sua mãe fazia bolo. Eu adorei aquela história. A questão é que num determinado momento da minha vida, quando tantas coisas ruins estavam acontecendo, você me deu algo de bom. Algo em que me apoiar. Eu vou abrir minha própria confeitaria quando me mudar de volta para Baltimore. E tudo começou com você.

Ele se sentia incrivelmente humilde. Ela estava sendo tão generosa.

— Eu não te dei nada além de dificuldade. Como você pode agradecer por isso?

— Eu aprendi a me ater às partes boas.

Ele não sabia o que dizer. Por alguns momentos, ele relutou antes de dizer:

— E isso nem é o mais importante?

Ela sorriu.

— Não.

Por um lado, ele realmente queria saber. Por outro, ele queria que isso durasse. Por mais curioso que estivesse, ele viveria eternamente na

expectativa se isso significasse poder ficar com ela assim.

Sawyer mexeu na caixa de bolo e abriu. Ele adorava bolo beija-flor. Teve que se conter para não enfiar a mão e arrancar um pedaço na hora. A mãe tentava esconder os bolos dele quando era pequeno, mas ele sempre encontrava. Não podia evitar. Naquela idade, ele ainda não tinha desenvolvido a força de vontade para resistir. Tinha herdado seu gosto por doces de seu avô. Esse era o motivo por se sentir tão próximo dele, mais próximo do que de qualquer outra pessoa em sua família. Seu avô quem lhe ensinara a desligar "aquilo", depois de algumas dores de barriga. E também havia sido ele a contar para Sawyer que ninguém podia ver o que ele via, portanto ele deveria ser cuidadoso quanto a quem ele contasse. Agora, Sawyer normalmente deixava desligado, a menos que estivesse distraído ou cansado, então sem querer ele via a purpurina prateada ondulando para fora das janelas das casas, ou o rastro cintilante atrás da lancheira de uma criança. O único momento em que ele conscientemente ligava era quando Julia assava os bolos nas noites de quinta-feira. Ela estava escondida dele, mas ele podia vê-la fazendo isso. Ela era tão boa naquilo, o cheiro era tão lindo. E ele que a havia inspirado. Ele estava desconcertado.

— Você é a única pessoa para quem contei sobre meu sentido do doce — confessou. Ele nunca contara nem para a ex-esposa.

— Detesto ter que lhe dizer isso, mas seu segredo vazou.

Ele fechou a tampa da caixa antes que a tentação o dominasse. E sacudiu a cabeça.

— Nada disso. Isso não vai mais funcionar. Você pode ser durona e sarcástica o quanto quiser, mas nós dois sabemos que você realmente arrasta uma asa por mim. Você acabou de admitir.

— Se você disser a alguém, eu nego.

— Venha — chamou, sentindo-se leve como algodão. — Eu te levo até sua caminhonete. Acho que até tenho um pouco de gasolina num galão na garagem.

— Não, eu...

Mas ele já tinha pegado a pasta e estava descendo os degraus.

Quando já estava com o bolo e a pasta no banco traseiro do carro e o galão de gasolina no porta-malas, ela estava na entrada da garagem, com uma expressão constrangida e ridiculamente adorável.

Ele abriu a porta do passageiro para ela, que suspirou e entrou.

Quando Sawyer sentou atrás do volante e ligou o carro, ela se manteve ocupada brincando com seu sistema de navegação. Ele apenas sorriu quando ela programou o GPS para levá-los ao Posto de Frank, na rodovia.

Em vez do posto, em questão de minutos, ele estava na caminhonete dela. Ambos desceram e ele colocou a gasolina do galão no tanque dela. Ela agradeceu, mas antes que pudesse entrar, ele disse impulsivamente.

— Jante comigo essa noite.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é uma boa ideia.

— Ora, vamos. Restam seis meses pra você aqui. Viva um pouquinho.

Ela respirou fundo.

— Você está seriamente me pedindo para ter um caso com você?

— É claro que não — ele falou, fingindo estar chocado. — Eu disse jantar. Sua mente pervertida que foi para o quarto.

Ela sorriu e ele ficou contente. Isso foi bem melhor do que a aspereza que ela lhe dispensara desde que voltara. Sem pensar, ele ergueu a mão aos cabelos dela, afagando-lhes, enroscando os dedos por dentro para que pudesse ver a mecha rosa. Ele sempre ficava imaginando o motivo para que ela a tivesse mantido. Só podia ter a ver com o cabelo rosa que ela usava quando era adolescente. Seria sua forma de se lembrar? Ou talvez fosse seu lembrete para nunca voltar.

Quando eles cruzaram os olhares, ele ficou estarrecido ao ver que os olhos dela estavam imensos. E passaram rapidamente pelos lábios dele.

Ela achou que ele fosse beijá-la.

E ela não ia fugir.

Subitamente, ele sentiu seu sangue pulsando com força, aumentando num ritmo constante, que até rugia em seus ouvidos. E ele se inclinou abaixo e pousou os lábios nos dela.

Tocá-la, beijá-la, era tudo de que ele se lembrava. Havia tanta química entre eles. Nossa, ele quase podia sentir exalando dela. Ela simplesmente o deixara entrar. Foi sem esforço. Ele se lembrava do campo de futebol, da forma ávida que ela se dera para ele, como ele tivera essa mesma sensação. E ele se lembrava de pensar, à época: *Essa garota deve estar apaixonada por mim*.

Ele ergueu os lábios dos dela, assustado.

— Preciso ir — ela disse rapidamente sem olhá-lo nos olhos, obviamente constrangida. — Obrigada pela gasolina. — Ela escancarou a porta da caminhonete e pulou dentro.

Ele ainda estava de pé na calçada, muito tempo depois de ela ter ido embora.

O que acabou de acontecer aqui?, ele pensou.

Que diabos acabou de acontecer?





Há muito tempo atrás, numa época quase esquecida, as terras que cercavam Mullaby foram uma plantação, um criadouro de porcos. Naqueles dias difíceis da Carolina do Norte, quando o gado já não se mostrava tão viçoso, os sítios suínos eram a bênção do estado. Como os cidadãos de muitas cidadezinhas da região, o povo de Mullaby se orgulhava muito do cozimento lento do porco nas churrasqueiras, e isso logo se tornou uma parte importante do que os caracterizava. Primeiro, era uma tradição dominical, depois um símbolo da comunidade, e acabou se transformando numa forma de arte, a arte da velha Carolina do Norte, uma arte nascida de trabalho tão duro que poderia derrubar um homem vigoroso.

Mas conforme os anos foram passando, os pequenos sítios e os comerciantes de suínos que se estendiam para dentro do Tennessee foram gradualmente desaparecendo. Soergueram-se novos bairros e *shoppings*, e veio a rodovia interestadual, levando embora as pessoas que guardavam a memória e trazendo as que não sabiam de nada. Eventualmente, as origens e os motivos acabaram se desgarrando, e tudo que restou foi um inconsciente coletivo, uma tradição sem memória, um sonho que todas as pessoas de Mullaby tinham, na mesma data, todos os anos.

Nas primeiras horas da madrugada do dia do Festival de Churrasco de Mullaby, um nevoeiro recaía, adentrando janelas e penetrando as visões noturnas. *Você irá esquecer quando acordar*, sussurrava o nevoeiro, *mas saiba disso agora e orgulhe-se.*

Isso é sua história.

Stella já tinha saído há horas quando Julia finalmente deixou a casa. Stella considerava o festival seu dia de libertinagem. Ela começava cedo e só voltava para casa no dia seguinte. Às vezes, Julia ficava preocupada com ela. Não podia evitar. No último ano e meio, ela passara a conhecer bem Stella. Julia nunca vira alguém *se esforçar tanto* para ficar feliz com o que tinha.

A Stella que Julia conhecia agora era muito diferente da Stella que ela conhecera no colégio. Naquela época, Stella era notoriamente exibida, exatamente igual à Dulcie Shelby. Elas eram unha e carne. Ela tinha uma BMW preta reluzente que havia sido comprada especialmente para combinar com seus cabelos pretos brilhantes. E Julia se lembrava de ter ouvido falar sobre a mãe decoradora de Stella, que morava em Raleigh — enquanto Stella morava em Mullaby, com o pai — e havia projetado o quarto de Stella para ter o visual de um cinema completo, com telão de projeção e uma máquina de fazer pipoca. Tinha até sido publicado numa revista de *design*. Para ser honesta, quando Julia voltou, ela ficara surpresa ao saber que Stella ainda morava ali. Julia sempre imaginara aquelas garotas ricas da escola morando em lugares exóticos. Elas tinham tudo, todas as oportunidades. Quando se tem tanto, por que desperdiçar? Como se contentar com menos?

No fim das contas, o problema de Stella foi se apaixonar pelo cara errado. O conto mais velho da história. Seu ex-marido a enganara, gastando toda sua herança. A experiência transformara Stella numa mulher engraçada, que debochava de si mesma, trabalhava numa floricultura, morava numa casa que mal conseguia pagar e tomava vinho barato. Às vezes, Julia se perguntava se Stella não gostaria de ter tudo de volta, se ela trocaria tudo que havia aprendido para ser novamente uma garota invejada.

Julia nunca havia perguntado. O passado das duas era um assunto delicado, motivo pelo qual Julia não lhe contara sobre Sawyer e o beijo, embora realmente quisesse. E o fato de não conseguir contar algo tão pessoal a Stella significava que elas não eram tão próximas como Stella achava. Isso a deixava triste, embora ela não conseguisse saber o motivo. Julia não queria se aproximar de ninguém ali. Sua verdadeira vida era em Baltimore.

Era meio-dia quando Julia finalmente caminhou até a casa de Vance para levar Emily ao Festival de Churrasco de Mullaby. Ela bateu na porta e ouviu Emily descer a escada correndo com um entusiasmo incomum. Julia ficou instantaneamente desconfiada.

Emily saiu correndo pela porta, e Vance veio logo atrás.

— Tem certeza de que não quer vir conosco? — Emily perguntou ao avô, quase pulando de um pé para o outro.

— Tenho — respondeu Vance. — Divirtam-se, vocês duas.

Julia e Vance ficaram observando Emily descer correndo os degraus da varanda da frente.

— Eu a trarei de volta antes de anoitecer — Julia disse a Vance. — E vamos lhe trazer alguns petiscos do festival.

— Isso é gentil de sua parte, Julia. Ela está parecendo terrivelmente empolgada, não está? — perguntou Vance, conforme Emily desapareceu sob as árvores.

— Sim — Julia respondeu, pensativa. — Ela está.

— Empolgada com churrasco. Ela parece muito comigo. — Ele parou, depois pareceu repensar. — Quero dizer, não há muito em mim que eu quero que ela puxe, mas...

Julia pousou a mão no braço dele.

— Ela *é* muito parecida com você, Vance. E isso é uma coisa boa.

Quando Julia encontrou-a na calçada, Emily perguntou:

— Por que ele não vem? Ele adora churrasco.

— Vance tenta ficar longe das multidões — explicou Julia enquanto elas caminhavam em direção ao centro da cidade.

— Acho que me acostumei tanto a isso que às vezes me esqueço.

— Então, você está se entrosando mais do que pensa. E como vocês dois estão indo?

Emily sacudiu os ombros, distraída.

— Tudo bem, eu acho. Melhor.

— Isso é bom.

Ao chegar à rua principal, Julia notou que Emily ficou meio surpresa. Os novatos geralmente ficavam. A maioria das pessoas imagina que, pelo fato de Mullaby ser pequena, o festival seria pequeno também. Mas o Festival de Churrasco de Mullaby é, na verdade, o maior do sudeste e atrai gente do país inteiro. A rua estava fechada aos carros, e tendas brancas se estendiam até onde a vista alcançava. À distância, podia-se ver o topo de uma roda-gigante. O cheiro era intenso e delicioso, como estar dentro de um forno.

Conforme elas foram abrindo caminho pela rua lotada, passaram por inúmeras tendas de churrasco que, afinal, era o foco do festival. Dentro das tendas, os sanduíches de churrasco eram feitos em linha de montagem. Molho ou não? Salada de repolho no sanduíche? Deseja bolinhos fritos de milho? Os sanduíches eram vistos nas mãos de quase todo mundo na rua, meio embrulhados em laminado. Também havia barracas vendendo torresmo de porco, espigas de milho, espetinhos de frango, picles fritos e, claro, bolos fritos. As barracas de artesanato também pontilhavam a área.

— Eu não sabia que era tão grande assim — comentou Emily, girando a cabeça, tentando absorver tudo. — Como se encontra alguém no meio de tudo isso?

— Está procurando alguém em particular? — perguntou Julia.

Emily hesitou.

— Não. Na verdade, não.

Mas, para testar sua teoria, Julia propositalmente conduziu Emily até o palco principal. Havia vários palcos espalhados pelo festival, onde bandas tocavam — folk e bluegrass, na maioria —, mas o principal ficava bem no meio da rua Principal. A multidão tinha que se abrir ao redor, feito água.

Havia um grupo de pessoas, a maioria da família Coffey, reunidas no pé dos degraus do palco, homens de chapéus e mulheres com belos vestidos acinturados. Win estava com um chapéu de palha de aba curta, que ficaria ridículo em qualquer outra pessoa de sua idade. Claro que os olhos de Emily foram direto até ele. E ele pareceu perceber exatamente quando isso aconteceu, pois ergueu os olhos e olhou para ela. Nenhum dos dois seguiu em direção ao outro, mas o estado de alerta intenso era quase palpável.

— Por que Win... por que os *Coffey* estão tão arrumados? — perguntou Emily. — Quero dizer, mais que o habitual.

— Porque esse festival pertence a eles. A família deles que criou, como um evento anual, cerca de sessenta anos atrás. É o xodó deles. Daqui a pouquinho eles farão sua grande apresentação no palco, quando irão julgar o churrasco e o concurso de bolos.

O pai de Win olhou para o filho, depois seguiu seu olhar. Ele imediatamente chamou Win ao mesmo tempo em que Julia levou Emily para longe.

Ela e Emily se divertiram nas horas seguintes. Comeram muito e compraram camisetas comemorativas com os dizeres ENGORDEI QUE NEM PORCO NO FESTIVAL DE CHURRASCO DE MULLABY. Era um gasto excessivo ao qual Julia não podia se dar ao luxo — ela reservava muito pouco dinheiro para gastar, pois queria guardar o máximo possível para a hipoteca do restaurante —, mas valeu a pena.

Julia não ia ao festival há anos. Seu restaurante tinha uma barraca ali em algum lugar. Ela não tinha nada a ver com isso. Seus gerentes que montavam tudo. Ela se lembrava do quanto seu pai adorava o festival. E havia uma época em que Julia adorava vir com ele. Ela achava que o evento tinha perdido o atrativo para ela, mas estava gostando de ver tudo através dos olhos de Emily. Pela primeira vez, em muito tempo, ela percebeu que de fato sentia falta de algo nesse lugar.

Cansadas, suadas e felizes, elas finalmente chegaram aos brinquedos do parque de diversão na outra ponta da rua. Estava ficando tarde, então o plano delas era andar em alguns brinquedos, comprar umas raspadinhas e uns agrados para Vance, depois ir para casa.

Até que Sawyer apareceu, de calça cáqui e camisa polo, abrindo caminho em direção a elas. Julia teria rapidamente desviado se Emily não o tivesse visto antes e dito: “Olha lá o Sawyer!”, como se ele fosse um pássaro raro e colorido que elas tivessem de observar imóveis.

Ninguém podia negar que ele era, de fato, uma visão. Mas os músculos dos ombros dela se retesaram quando ele se aproximou. Ela o evitara propositalmente desde a última terça-feira, tentando arquitetar um plano. Ela não sabia o que fazer sem a raiva que antes sentia por ele. Isso havia sido sua companhia constante há anos, e agora ele tinha rompido isso, agora que ela decidira contar sobre o que realmente havia acontecido tantos anos atrás, e se sentia vulnerável demais. Ela estava andando na corda bamba sem rede protetora e aquele beijo provou o quanto seria fácil cair.

Conforme caminhava em direção a elas, ele lançou um olhar tão fervoroso que ela quase ficou constrangida. Mas, ao contrário de sua expressão, suas palavras foram:

— Espero que você esteja contente. Meu sistema de navegação fica tentando me levar para o Posto do Frank a semana inteira.

Emily riu e Julia disse:

— Desculpe.

— Tenho a impressão de que você *gosta* de me apontar para a direção errada. — Antes que ela pudesse responder, ele se virou para Emily e perguntou: — Você está se divertindo?

— Nós tivemos um dia ótimo — disse Emily.

— Não ficaremos muito mais tempo — acrescentou Julia. — Vamos andar nos brinquedos e depois ir pra casa.

Ele escolheu interpretar isso como um convite em vez de um fora. Sawyer nunca tinha sido bom com rejeição. Raramente acontecia com ele.

— Ótimo, então vou acompanhá-las.

— Não queremos prendê-lo — disse Julia. — Certamente você está aqui com alguém.

— Eu vim sozinho, se é isso que você está perguntando. Encontrei a Stella mais cedo, mas depois o grupo dela ficou grande demais. Stella é como um cometa coletando destroços no espaço conforme vai passando.

Isso fez Emily rir outra vez, mas Julia, mais curiosa do que queria admitir desde que Sawyer lhe dissera que já havia dormindo com Stella, perguntou seriamente:

— Você não quis fazer parte do rabo do cometa da Stella?

— Eu subitamente fui distraído por outro corpo celestial — ele disse, cruzando seu olhar.

Emily limpou a garganta.

— Tenho certeza de que vocês dois querem ficar sozinhos. Por que não vão andar num brinquedo juntos? De qualquer forma, eu quero dar uma volta sozinha.

Julia desviou os olhos de Sawyer.

— Acho que isso não é uma boa ideia, Emi — ela disse, pousando a mão em seu ombro na tentativa de mantê-la ali.

— Por que não? — perguntou Emily.

— Sim, Julia — disse Sawyer, sorrindo. — Por que não?

— Porque eu disse ao seu avô que ficaria de olho em você.

— Vou ficar bem.

— Mas...

— Julia — disse Emily, racionalizando —, eu tenho dezessete anos, não quatro.

Julia sabia que não ganharia essa.

— Encontre-me perto do coreto da banda em uma hora. Uma hora.

Emily beijou o rosto de Julia. Foi um gesto inesperado dela, algo meigo, de filha.

— Obrigada.

— Uma hora — Julia gritou, enquanto via Emily sumir na multidão. Ela teve um ímpeto esmagador de arrastá-la de volta, de protegê-la de tudo que tanto a magoara quando era adolescente.

Ela finalmente se virou para Sawyer, que estava com as sobrancelhas erguidas.

— Ela estava procurando uma desculpa para se afastar de mim. Win Coffey esteve de olho nela a tarde inteira. E eu a vi olhando pra ele.

— Isso seria inevitável — disse Sawyer. — Aqueles dois teriam ímãs grudados um ao outro independentemente de qualquer coisa. O atrativo do proibido.

— Não quero que ela se magoe. Ela já passou por muita coisa.

— Você realmente se importa com ela, não é? Nada aconteceu ainda. E Win é um garoto bem legal. Mas se ele realmente a magoar, vai ter que se entender comigo. Agora — ele continuou, aproximando-se ligeiramente, levando o rosto junto ao dela —, vamos conversar sobre a última terça-feira.

— Eu tenho uma ideia melhor — ela sugeriu. — Vamos entrar na casa dos espelhos.

Sawyer pareceu confuso. Ela não podia condená-lo.

— Isso é uma ideia melhor?

— É a casa dos espelhos. Quem não adora? — perguntou, caminhando em direção à pequena estrutura. Parecia ridículo até para ela. Mas conversar sobre a última terça-feira estava bem longe de seus planos. Ele a queria. Ela sabia disso desde que tinha voltado. Mas primeiro havia o probleminha de contar-lhe sobre a filha deles. Isso mudaria tudo.

Sawyer a seguiu e comprou os ingressos. Quando eles entraram, o chão ondulante a fez perder o equilíbrio e cair de costas contra ele. Ele pegou a mão dela e a puxou pela sala. Muitos garotos preferiram ficar nessa sala e se equilibrarem sobre as ondas de madeira, então, quando Julia e Sawyer foram aos tropeços para o corredor de espelhos, eles eram os únicos ali.

Ela precisava estender as mãos para seguir em frente. Para que lado era o caminho e qual deles era apenas o reflexo? Qual delas era a verdadeira Julia? Ela se virou rapidamente quando viu Sawyer desaparecer de trás dela.

— Para onde você foi? — gritou.

— Não tenho certeza — ele gritou de volta.

Ela virou e tentou seguir sua voz. Ela quase caminhou rumo a um espelho, depois seguiu pelo canto até o corredor onde achou que ele tivesse entrado. As luzes estroboscópicas não ajudavam. Era como estar dentro de uma caverna psicodélica. E a música frenética ali dentro parecia o pulsar de um coração.

— Se você quiser que eu me desculpe por tê-la beijado, eu me desculpo — disse Sawyer. Ela teve um vislumbre dele, depois ele sumiu de novo. — Mas não será pra valer. Eu lamento muitas coisas, mas não isso.

Ali! Ali estava ele outra vez! Não. Ele se mexeu.

— Fique parado para que eu possa encontrá-lo — disse. — Eu não quero que você se desculpe. É que... eu logo irei embora. Nada irá mudar isso. Se você puder aceitar isso, então...

Gargalhadas irromperam da sala ao lado.

— Então... o quê? — perguntou Sawyer. — Eu posso beijá-la de novo?

— Não foi isso que eu quis dizer. Há muita coisa que você não sabe. — Ela virou outra esquina e se viu num canto sem saída que parecia um vestiário espelhado de provador de loja. Ela recuou.

— Está começando a fazer sentido — disse Sawyer. — Eu até coloquei a ideia em sua cabeça, não foi? "Viva um pouquinho, já que só tem seis meses aqui." Ou esse era seu plano, o tempo todo, esperar até alguns meses antes de partir, depois aproveitar o último momento?

Ela parou, magoada. Como é que isso pegou um caminho tão errado tão depressa? Ela estava tentando fazer algo bom.

— Você acha que sou capaz disso?

— Você é capaz de sumir por dezoito anos sem olhar para trás. Tem algum arrependimento disso? — A voz dele estava se afastando.

Ela disparou à frente, decidida a alcançá-lo.

— Não fui eu que segui adiante sem olhar para trás. E como você sabe que eu não olhei para trás? Você estava olhando? Não, não estava. E você não faz ideia de quais são os meus arrependimentos, Sawyer Alexander, portanto não sugira isso.

— Você está certa. Não o farei. Você nunca os compartilhou comigo. Queria tudo para você. Mas o que você está dizendo é que a única forma de fazer isso é temporária. A única forma que você pode me deixar entrar é sabendo que pode me deixar num determinado momento. Sem laços. Sem ter de lidar com o passado complicado.

— *Onde está você?* — ela gritou, frustrada.

— Tenho novidades pra você. Você não pode ter isso temporariamente. Falando nisso, você não está nem perto de onde eu quero que esteja.

— O que isso significa?

— Fique em Mullaby, Julia, e descubra. — Ela ouviu o ranger de uma porta abrindo, depois fechando.

— Sawyer? Sawyer! — Ela levou alguns minutos para descobrir o caminho da saída. Passou pela porta e se viu na esteira de barris. Ela passou correndo pelos jatos de ar, mas, quando finalmente estava do lado de fora outra vez, o ar do festival tinha textura de algodão-doce, e ele não estava em parte alguma.

O que ela estava tentando dizer era que não achava uma boa ideia buscar um relacionamento diante do que tinha a lhe contar. Talvez ele a odiasse depois que ela contasse. Ela não tivera a intenção de dizer que queria ter um flerte com ele. Mas ele achou que era isso e pareceu bem ávido por virar a mesa. E para quê? Só para ter as coisas de seu jeito? Sendo ou não o que ela queria dizer, temporário deveria ser um sonho realizado para ele. Em vez disso, ele insinuou que ela não podia tê-lo a menos que fosse segundo as regras dele. A menos que ela ficasse.

Será que ele achava honestamente que amarrá-la daria certo?

Ela achou que ele lhe daria a eternidade uma vez, e olhe como isso acabou bem.

Julia desceu a rua, em direção ao coreto, bufando de indignação. Isso era bom. A raiva estava de volta. Ela não lhe devia nada. Podia simplesmente se afastar agora. Nada mais precisava ser dito.

Ai, Deus. Se ela ao menos estivesse dizendo isso para valer.

Se ele ao menos não a tivesse beijado.

Se ele ao menos não tivesse dito...

Julia tinha quase chegado à área dos brinquedos do parque de diversão quando ouviu:

— Julia! Juuuuuulia!

Ela se virou e viu Beverly caminhando com suas sandálias de salto alto. Seu marido, Bud Dale, caminhava a seu lado, parecendo um burro de carga, carregando todas as suas sacolas.

— Beverly — cumprimentou Julia, num cumprimento seco. Depois ela se virou para o marido de Beverly: — Faz tempo que não o vejo, Bud. Como vai você?

— Estou bem, Julia. Gentileza sua perguntar. — Havia algo na forma como ele disse aquilo. Fez Julia parar. Isso era algo que seu pai diria, daquele mesmo jeito de bom garoto. Beverly deixara o pai de Julia, mas se casara com um homem igual a ele.

— Tenho uma grande surpresa para você — disse Beverly.

— O que é?

— Não está comigo agora — respondeu, o que Julia achou difícil acreditar, levando em conta a quantidade de sacolas que Bud estava segurando para ela. — Mas eu irei vê-la amanhã por volta da hora do almoço, está bem? Estou muito empolgada com isso.

— Claro. — Julia já ia virando. — Nos vemos depois.

— Por que você tem que ser assim, Julia? — perguntou Beverly, colocando as mãos no quadril. — Por que você está sempre tão infeliz? Isso não é uma qualidade atraente. Por que não se enfeita um pouquinho? Tire essa mecha horrível do cabelo. Sorria para os homens, mostre um pouquinho de pele. — Beverly se endireitou, puxando o decote V da camisa. — Ah, eu sei que você não gosta das suas cicatrizes, mas quando estiver na cama com um homem, não é para os braços que ele vai olhar, se é que me entende.

— Obrigada por sua ajuda. Tchau, Bud.

— Foi bom vê-la, Julia — ele disse enquanto ela se afastava.

— Sempre tentei ser uma mãe para ela. — Ela ouviu Beverly dizer. — Sabe, compartilhar minha experiência. Mas eu acho que há algo de errado com ela que não pode ser consertado.

Julia lutou consigo mesma tentando não virar e confrontar Beverly. Beverly não tinha sido mãe nenhuma para ela. Julia simplesmente continuou

andando, dizendo a si mesma que não teria que aturar isso, nem Sawyer, por muito tempo.

Entre os dois, seria de se estranhar que ela estivesse infeliz? Ela ficaria ótima assim que estivesse de volta a Baltimore. Embora ela não conseguisse se lembrar de ter sido incrivelmente feliz lá, ela sabia que abrir sua confeitaria mudaria as coisas.

E pelo menos ela não estaria ali.

Emily caminhava lentamente, cercada pela névoa quente dos vendedores de comida e a musiquinha vinda dos brinquedos infantis. Ela tentava disfarçar que estava procurando por ele. Talvez Win não estivesse querendo dizer que pretendia passar algum tempo com ela no festival quando perguntou se ela estaria lá. Mas, até agora, não houvera nenhuma oportunidade para saber.

Ela o vira diversas vezes naquele dia, apenas de relance, quando Julia a puxava, ou o pai dele o distraía. Emily ficou extremamente aliviada quando Sawyer foi até elas naquele momento. Aquilo lhe deu a desculpa perfeita para sair sozinha, embora Julia não parecesse feliz com a ideia de ficar sozinha com Sawyer, como Emily achou que ela ficaria.

Menos de cinco minutos depois, quando ela seguia rumo ao posto de informações, onde vira Win pela última vez dando instruções aos visitantes, ela sentiu uma familiar mão morna em seu braço.

Ela virou e sorriu.

Win tinha tirado o paletó e a gravata e arregaçado as mangas. Ele também havia dado fim no chapéu de palha. Ele transmitia um ar de tranquilidade caribenha com sua camisa branca abotoada, tremulando toda vez que o vento aumentava. Seus olhos estavam verdes e intensos quando ele a olhou.

— Oi — Foi a brilhante frase de abertura que ela disse. Ela não pôde evitar. Estar assim tão perto dele a deixava nervosa.

— Olá — ele disse.

— Você notou que há uma conspiração para nos manter a pelo menos dez metros de distância o tempo todo? Quem poderia imaginar que ser amigo seria tão difícil?

Ele acenou à frente, indicando que eles caminhassem.

— Acho que essa é a diferença entre nós — ele disse, olhando por cima do ombro, distraído. — Eu sabia o quanto seria difícil.

— Então, você ganha uma medalha pela coragem?

— Desculpe — ele disse. — Eu não quis dizer dessa forma. Estou contente em finalmente poder passar um tempo com você.

Ligeiramente amolecida, ela disse:

— Eu gostaria de entendê-lo, Win.

Isso fez um sorriso despontar nos lábios dele.

— Se você soubesse o quanto é revigorante ouvir isso.

— Ora, vamos. Você quer dizer que todos conseguem entendê-lo, menos eu?

Ele sacudiu os ombros, enrugando o tecido da camisa.

— Pelo menos, todo mundo em Mullaby.

— Nossa, como se eu já não me sentisse uma estranha no ninho.

— Está vendo, isso é exatamente o que eu quero dizer. Você vive numa cidade muito estranha, no entanto quem se sente estranha é *você*.

Enquanto caminhavam, seus braços se tocavam conforme eles esbarravam na multidão. Ela gostava do jeito não intencional daquilo. Todas as outras coisas sobre Win eram tão deliberadas.

— Bem, fico contente que eu possa dar uma sacudida nas coisas para você — ela disse, fazendo-o rir.

Eles estavam caminhando havia apenas alguns minutos quando ele parou e a conduziu a uma pequena fila.

— Vamos andar nesse brinquedo — sugeriu, subitamente.

— Por que nesse? — perguntou, ao segui-lo. Estar com ele às vezes parecia um jogo, só que ela não conhecia as regras. Nem sabia quem estava ganhando.

— Porque é o que está mais perto — respondeu. — E meu pai está próximo.

Emily olhou para trás, tentando encontrar Morgan Coffey, mas não conseguiu vê-lo. Win pagou pelos ingressos e eles atravessaram a plataforma até a roda-gigante. Pegaram os primeiros lugares vagos, e o atendente baixou a barra de segurança diante deles.

Win colocou o braço no encosto do assento atrás dela e olhou o céu conforme a roda-gigante lentamente erguia-os. Emily, no entanto, olhava para baixo, vendo a multidão ficar cada vez menor. Ela finalmente achou o pai dele. Ele estava em pé, imóvel como uma rocha, observando os dois, com uma expressão fantasmagórica de raiva.

— Ele logo irá embora — disse Win, ainda olhando o céu crepuscular. — Não vai querer que ninguém saiba que está incomodado por estarmos juntos.

— Você e seu pai não se dão bem, não é?

— Somos parecidos em muitas coisas. Mas não concordamos em tudo. Por exemplo, ele é muito apegado ao modo que as coisas sempre foram feitas. Eu não concordo.

A roda-gigante parou com eles quase no topo.

— Tenho pensado muito em você nessa última semana — ela confessou, e isso saiu bem mais sonhador do que ela pretendera.

Ele desviou o olhar do céu para os olhos dela. Seu sorriso era travesso.

— Ah, é?

— Não assim — ela retrucou, rindo. Ela parou de rir quando seu banco balançou para frente e para trás ao vento. Ela agarrou a barra de segurança

diante deles. Claro que ele não parecia assustado por estar tão alto assim. — Eu só não consigo entender uma coisa.

— O quê?

— Você por acaso não é um lobisomem, é?

— Como? — ele perguntou.

Ela lentamente soltou a barra e recostou.

— Só há dois motivos que posso pensar para que você não saia à noite: cegueira noturna e lobisomem.

— E você resolveu optar por lobisomem?

— Foi um chute.

Win não respondeu por alguns instantes. Ele finalmente respondeu:

— É tradição. Já dura séculos.

— Por quê?

— Essa é uma boa pergunta. Acho que é porque tradições são assim.

— Isso é outra coisa que você e seu pai discordam?

A roda começou a se mover novamente.

— Sim. Mas ir contra a tradição é uma coisa importante. — Ele se virou para ela. — De todas as coisas que vou te contar, essa é a que você precisa entender melhor.

Ela subitamente se sentiu empolgada.

— Que coisas você vai me contar?

— Coisas estranhas e surpreendentes — ele disse com uma voz dramática, como se estivesse narrando um livro.

— E por quê? Por que você vai fazer isso?

— Eu já lhe disse, nós temos uma história.

— Tecnicamente, não temos — ela frisou. — Seu tio e minha mãe tiveram uma história.

— A história faz um círculo. Estamos exatamente onde eles estavam, vinte anos atrás. O que é deles é nosso, o que é nosso será deles.

— Você pensou muito nisso.

— Sim, pensei.

A roda deu mais uma volta antes de parar novamente. Dessa vez, eles foram até o ponto mais alto. O banco dos dois rangia e balançava, para frente e para trás. Emily agarrou novamente a barra.

Win sorriu para ela.

— Você não está com medo, está?

— Claro que não. Você está?

Ele olhou o horizonte.

— Eu gosto de ver as coisas dessa perspectiva. Sei como tudo é lá de baixo. Gosto de ver possibilidades do que está além. Do que está além daquele círculo que eu estava falando.

Ela não percebeu que o encarava até que ele virou e a encarou também. O ar ao redor deles subitamente mudou. Ela estava tão perto que podia sentir seu cheiro, um toque de colônia, e ela via a transpiração na dobra de seu pescoço. Os olhos dele desviaram para os lábios dela. Algo quente e exasperado preencheu seu corpo. Ela nunca tinha sentido nada assim. Deu a sensação de que o universo inteiro deixaria de existir se algo não acontecesse *naquele instante*.

Mas o momento passou, e o peito dele subia e descia, respirando fundo. Ele tirou o braço do encosto do banco.

Depois de outra rotação, a roda parou e o atendente destravou a barra de segurança. Os dois desceram sem dar uma palavra e caminharam para fora da plataforma.

— Desculpe, mas eu preciso ir — ele disse.

Ela estava se sentindo estranha, meio inebriada e formigando.

— Está bem.

Mas ele não foi embora.

— Meu pai está ali na esquina, esperando — ele explicou. — Eu quero poupá-la do que talvez ele diga.

— Está bem.

No entanto, ele não foi.

— E logo vai escurecer.

— E você não quer que seu pelo e suas garras comecem a crescer na minha frente — ela brincou. — Já entendi.

Os cabelos escuros dele estavam enrolando com a umidade. Ele passou os dedos pelos fios.

— Não, acho que não entende.

— Então, me explique. Essas coisas estranhas e surpreendentes.

Isso o fez sorrir, como se fosse exatamente o que ele queria ouvir, como se estivesse planejando isso.

— Vou contar. Da próxima vez. — E se virou para sair.

— Espere — ela chamou, e ele parou. — Eu preciso te perguntar uma coisa.

— O quê?

Ela resolveu ser direta e falar:

— Você me culpa pelo que minha mãe fez?

— Claro que não — ele respondeu, imediatamente.

— Mas seu pai sim.

Ele hesitou.

— Não posso falar por ele.

— Meu avô me disse que minha mãe ficou zangada porque os Coffey não queriam deixar que ela entrasse em seu círculo social, e por isso ela fez o que fez.

— É a história oficial — ele disse. Ele olhou-a com uma curiosidade súbita e intensa.

Ela prendeu os cabelos atrás das orelhas e os olhos dele seguiram o movimento.

— Eu só quero que você saiba que... não estou zangada.

— Perdão?

— Que sua família não goste de mim. Eu entendo o motivo. E não estou zangada.

— Ah, Emily — ele disse.

— O quê?

— Você está tornando isso muito difícil.

— O quê? Ir embora?

— Isso também. Então, da próxima vez?

Ela assentiu. Ela gostava disso, da continuidade, da expectativa. O que ele faria? O que ele diria? Ela estava apaixonada demais por ele, fascinada demais. Mas não conseguia evitar. Queria se entrosar ali, e ele fazia com que ela se sentisse entrosada.

— Da próxima vez — ela concordou, enquanto ele se afastava.

Emily encontrou Julia perto do coreto, como prometido, e deu para ver que o astral de ambas tinha mudado desde a última vez em que elas estiveram juntas. Elas compraram um sanduíche de churrasco e um pouco de picles para o vovô Vance, depois seguiram para casa. Nenhuma das duas falou muito.

Julia deu um tchau distraído quando elas chegaram à casa do vovô Vance. Emily observou-a indo embora. Ela decididamente estava matutando alguma coisa.

Quando Emily entrou em casa, bateu na parede ao lado da porta sanfonada do quarto do vovô Vance.

— Vovô Vance, estou em casa.

Quando ele abriu a porta, ela deu uma olhada em seu quarto, que obviamente havia sido uma sala de estar. As cortinas estavam fechadas para manter o calor de fora, mas a luz passava pelo tecido cor de ferrugem e lançavam uma claridade permanente de pôr do sol sobre o quarto. O cômodo aparentava cheiro de abafado, mas, na verdade, havia um leve aroma de perfume pairando no ar, como se uma mulher tivesse acabado de sair instantes antes.

Havia fileiras e mais fileiras de fotografias nas prateleiras da parede dos fundos, fotos mais velhas da mesma mulher, uma bela mulher de cabelos loiros e o sorriso da mãe de Emily. Aquela só podia ser sua avó Lily. Onde estariam as fotos de sua mãe, pensou. Será que ele tinha alguma?

Ela ergueu a comida embrulhada no papel laminado.

— Eu lhe trouxe umas coisas do festival.

— Maravilha! Acho que vou comer na cozinha. Você me acompanha? — Ele seguiu na frente. Assim que chegaram à cozinha, Vance foi diretamente para a lavanderia. Emily ouviu a porta da secadora abrindo e fechando. Depois, Vance saiu. — Então, que tal nossa festinha de churrasco?

Emily sorriu.

— Não tinha nada de festinha.

— O que você e Julia fizeram? — Ele foi até a mesinha e distraidamente esfregou os joelhos, como se doessem.

— Passeamos por lá. Comemos demais. Ela me comprou essa camiseta. — Emily caminhou até ele e colocou a comida na mesa, sentando-se ao seu lado. E tirou a camiseta do saquinho que estava carregando.

— Ah! Essa é boa — disse Vance, ao ler o que estava escrito na camiseta. — Você viu gente da sua idade?

Emily hesitou, antes de dizer:

— Só Win Coffey.

— Bem, o festival é deles — ele disse, desembrulhando sua comida e começando a comer. — Você precisa conhecer outras pessoas da sua idade. Eu lembro que meu amigo Lawrence Johnson tem um neto... ele está no ensino fundamental, eu acho.

Confusa, Emily disse:

— Acha que ele vai querer que eu fique de babá?

— Sim, acho que ele é muito novo para você — concordou Vance. — Ainda é julho. As aulas só começam mês que vem, e você vai ficar entediada. — Ele subitamente pareceu preocupado. — Aquela amiga de sua mãe, a Merry, disse que cuidaria de sua matrícula e da transferência dos seus créditos. Você acha que eu devo checar com a escola, só para ter certeza?

Emily estivera tão concentrada no que estava fazendo ali que não havia pensado muito em Merry ultimamente. Isso a deixou assustada.

— Merry provavelmente cuidou de tudo. Ela é muito detalhista, exatamente como a mamãe. — Emily olhou para baixo, a camiseta em seu colo. — A mamãe ajudou a fundar a escola que eu frequentei. Sabia disso?

Ele assentiu.

— Merry e eu conversamos longamente. Sua mãe teve uma vida notável. Merry me contou muito a seu respeito também. Ela disse que você esteve envolvida numa porção de atividades.

Emily sacudiu os ombros. Sua antiga vida agora parecia tão pesada.

— Havia exigências escolares.

— Aposto que há muitas atividades em que você pode se envolver aqui. Muitas coisas que pode fazer à noite.

Ela sabia o que ele estava fazendo, sendo sutil como um homem de três metros. Ele não queria que ela se envolvesse com Win. E entendia o motivo. Ao mesmo tempo, ela se perguntava se poderia mudar isso, se a razão para

ter vindo pra cá, o esquema geral das coisas, era endireitar isso. Como sua mãe dizia: “Não espere que o mundo mude”. Ultimamente, ela vinha pensando muito sobre as dicas que sua mãe talvez lhe tivesse dado ao longo dos anos, de propósito ou sem querer, sobre o tempo que ela passara ali, sobre as lições que aprendera. Emily começava a entender que a pessoa na qual a mãe se tornara era sua penitência. Ela havia ferido pessoas quando era jovem. E as salvara quando ficou mais velha. Mas mesmo com todo bem que fez, nunca achava que era suficiente. Sua mãe nunca ficou satisfeita.

Depois que o vovô Vance comeu, ele levantou e jogou fora as embalagens. Em seguida voltou à lavanderia e checou a secadora.

Ela não pôde mais aguentar. Tinha que saber. Quando ele voltou, ela saiu de sua cadeira e perguntou:

— Por que faz isso? Fica checando a secadora toda hora?

Ele riu e lançou um olhar furtivo.

— Eu estava imaginando quando você perguntaria — ele confessou. Ele caminhou até a geladeira e tirou duas garrafas de refrigerante. Entregou uma a Emily. — Eu fiquei um pouco nervoso quando Lily e eu nos casamos. Eu tinha morado sozinho por muito tempo antes que ela se mudasse para cá. Sem perceber, eu a seguia por aqui quando ela estava fazendo seu trabalho em casa, para ter certeza de que estava sendo feito do jeito que eu sempre fizera. O que mais incomodava Lily era quando eu checava a secadora depois dela para ver se não tinha ficado nenhuma peça de roupa. — Ele sacudiu a cabeça ao lembrar. — Por eu ser muito alto, não consigo ver tão baixo, dentro da secadora, então apenas estico o braço e enfio a mão. Um dia, depois que ela tinha saído com um cesto de roupa, eu fui pôr a mão na secadora... e senti algo frio e pegajoso. Ela tinha colocado dentro da secadora um sapo do quintal dos fundos para que eu encontrasse! Eu puxei a mão tão depressa que caí. Depois o sapo pulou para fora. Eu fiquei observando enquanto ele pulava pela sala, passando pelos sapatos de Lily. Ela estava em pé na porta, rindo. Bem, eu aprendi minha lição. Com o passar dos anos, ela me dizia para ir checar a secadora, como uma piada, e eu sempre encontrava um presentinho dela. — Ele destampou sua garrafa e deu um gole. — Depois que ela morreu, eu simplesmente ficava checando. Não sei por quê. Não que eu encontre algo, mas isso me faz pensar nela. E quando fico preocupado com alguma coisa, eu vou checar, caso ela queira me dizer algo.

— Acho isso encantador, vovô Vance — disse Emily. — Eu gostaria de tê-la conhecido.

— Eu também. Ela ia gostar de você.

Eles deram boa-noite na escada e Vance voltou para seu quarto. Emily subiu a escada até a metade, depois parou. Ela hesitou, depois desceu e foi até a lavanderia.

Ficou observando a secadora por um momento, até se debruçou para ver se havia algo atrás. Antes de perceber o que estava fazendo, sua mão foi até o puxador e ela rapidamente abriu a porta, dando um salto para trás, como se algo pudesse sair voando ali de dentro, em cima dela.

Ela cuidadosamente olhou o interior. Não havia nada.

Quase riu de si mesma ao sair. O que se apossara dela para fazer isso?

Que sinal *ela* estava procurando?

Horas depois, Emily lentamente abriu os olhos, incerta quanto ao que a despertara. Ela respirou fundo. Quando exalou, com sua mente sonolenta, o ar saiu como se fosse uma fumaça azul. Ela ficou olhando o teto e gradualmente lhe ocorreu. Algo estava errado. O quarto era normalmente mais claro do que isso.

Quando ela foi dormir, a luz da lua brilhava pelas portas abertas da varanda, lançando raios claros para dentro do quarto. Ela virou a cabeça no travesseiro e viu que as portas da varanda, que ela deixara abertas, agora estavam fechadas, e as cortinas tinham sido puxadas.

Seu coração subitamente deu um tranco de surpresa e seu couro cabeludo se retraiu, dando a sensação de que todos os fios de cabelo estavam em pé. Alguém estivera em seu quarto. Ela enfiou a mão embaixo do travesseiro e desligou o MP3, depois lentamente apoiou-se sobre os cotovelos.

Ela sabia que era ele. Sua presença dava uma sensação diferente, distinta de todos que ela já conhecera. Ela podia sentir a permanência de seu calor ainda no ar.

Tirou os fones do ouvido, levantou e foi rapidamente até o interruptor. Ao apertá-lo, o lustre banhou o quarto de luz rajada de teias de aranha.

Mas não havia ninguém ali.

Do outro lado do quarto, ela viu um pedaço de papel espetado para fora das cortinas. As portas duplas tinham sido fechadas com um bilhete preso no meio. Ela correu e o pegou.

Desculpe por eu ter que ir embora do festival. Eu não queria ir. Você poderia passar o dia comigo? Encontre-me no tablado do lago Piney Woods essa manhã.

Win.

Emily imediatamente escancarou as portas e saiu na varanda, olhando em volta.

— Win?

Nada. Os únicos sons eram dos gafanhotos e do farfalhar das folhas ao vento.

Seu coração ainda estava disparado, agora não tanto pelo medo, mas por uma incrível sensação de expectativa. Fazia muito tempo que ela não sentia algo assim. Fazia meses que ela não ficava na expectativa por alguma coisa

— comida, aniversários, fins de semana. Ele a fez lembrar qual era a sensação.

A barra de sua camisola estava tremulando junto às suas pernas e o ar à sua volta estava carregado de energia. Ela não queria se mexer. Não queria abrir mão dessa sensação.

Alguns minutos depois, ouviu um motor sendo ligado. Os faróis da caminhonete de Julia estacionada junto ao meio-fio de sua casa subitamente ganharam vida. Emily ficou olhando a caminhonete se afastando, descendo a rua.

Ela imaginou que não seria a única a passar a noite em claro.





12

Quando Sawyer abriu a porta de seu sobrado, ele estava irritado, como qualquer um ficaria se fosse obrigado a sair da cama no meio da madrugada pela campainha incessante. Era bom que a vizinhança estivesse pegando fogo.

A porta foi escancarada e bateu na parede, conforme ele acendeu a luz da varanda.

Julia tirou a mão da campainha e o barulho gritante dentro da casa parou.

Ele piscou algumas vezes.

— Julia? — perguntou, apenas para ter certeza.

— Eu preciso falar com você.

— Agora? — Ele não estava em seu melhor humor.

Ela revirou os olhos.

— Sim, agora.

Ele deu uma boa olhada nela. Ela não tinha mudado de roupa. Estava vestindo o mesmo *jeans* desbotado e a blusa azul bordada que usava no festival. Ele devia ter ficado lá com ela, mas ficou zangado. Ela achou que ele só queria dar um amasso e ter um caso. Embora ele já tivesse dados vários amassos, a maioria dos quais gostou muito, ele queria ser mais nobre que isso com Julia. *E ela não queria deixar*.

— Você está bêbada? — perguntou.

— Não, não estou bêbada. Estou zangada.

— Ah, que bom, porque por um instante achei que seria algo incomum. — Ele deu um passo atrás. — Entre. — Foi um gesto automático. Ele não pensou nada a respeito até que ela passou por ele e entrou na sala de estar escura. Foi quando ele assimilou. Ela estava em sua casa. Exatamente onde ele a queria. E ele não tinha ideia do que fazer a seguir.

A única luz vinha da cozinha, onde ele mantinha uma lâmpada acesa acima do fogão à noite. Ela olhou em volta, assentindo ligeiramente para si mesma, como se a casa dele fosse exatamente como ela esperava, como se houvesse um leve cheiro de privilégio de que ela não gostasse.

— Isso tem a ver com a coisa importante que você tem a me contar? — perguntou, ligeiramente temendo que sim. Uma coisa importante que precisava contar e depois ela não ia querer ter mais nada a ver com ele?

Ela virou-se de frente para ele, baixando as sobrancelhas.

— O quê?

— Semana passada, você me deu um bolo, me disse que começou a fazer bolos por minha causa, depois disse que havia algo importante que me diria mais tarde. Agora é mais tarde?

— Não, isso não tem nada a ver com aquilo. Por que eu ficaria zangada com aquilo?

Ele suspirou.

— Eu não sei, Julia. Quando se trata de você, é tudo uma incógnita.

Ela começou a andar de um lado para o outro.

— Eu estava bem até que você ficou todo humilde comigo. E quase me enganou. Eu quase confiei em você. — Ela fez um som de deboche. — E você acusa a *mim* de ser conivente.

— Do que você está falando?

— Estou falando do que você disse hoje.

Ele esfregou a lateral do rosto. A barba loira por fazer emitiu um som raspado.

— Refresque minha memória.

— Você disse que eu só estou te deixando entrar porque planejo ir embora. *Depois, você que vai embora e me larga*.

— Ah. — Ele deixou a mão pender. — É isso.

— Eu não estava dizendo isso, de forma alguma, e teria explicado se você tivesse ficado. Mas não importa que essa não fosse a minha intenção. Pois, e daí?

Ele começava a achar que não era sua mente sonolenta, no fim das contas. Ela realmente não estava fazendo sentido.

— Como é?

— E daí se eu estivesse te deixando entrar porque estou pretendendo ir embora? Por que isso teria importância para você? Você está tentando me levar pra cama desde que eu voltei e deixaria que algo como a minha partida atrapalhasse? Isso não te atrapalhou da última vez.

A cabeça dele subitamente esquentou. Ela tinha atingido um nervo.

— Só pra constar, você sabe tanto quanto eu que eu poderia te levar para cama a qualquer hora. — Ele deu um passo em sua direção, ficou tão perto que seu peito encostou aos seios dela. — Porque eu sei exatamente como fazer isso.

— Então, faça, agora — ela disse, obviamente tentando ser corajosa, mas sua voz falhou ligeiramente.

— Eu quero entrar aqui também. — Ele colocou o dedo na testa dela.

— Você já está aí.

— E aqui? — Ele pousou a mão no peito dela, sobre o coração. O coração dela estava disparado. Seria raiva? Medo? Desejo?

Ela subitamente deu um passo atrás.

— Você não vai fazer isso comigo outra vez.

— O quê?

— Cavar seu caminho para dentro do meu coração, me encantar e me fazer pensar que é para valer, que é eterno. Da última vez, levou dois anos para passar. Você *não* vai insinuar eternidade para mim outra vez. Não vai me prometer nada e eu não estou prometendo para você. Então, aquele papo furado de “Fique, porque você não está nem perto de onde eu quero que esteja” não vai funcionar. Sabe o quanto mais fácil seria se você simplesmente tivesse me prometido apenas uma noite? Naquela noite? Você tem noção do quanto eu o odiei por me fazer pensar que você me amava?

— Julia...

— Não. Prometa-me uma noite — ela disse. — Não prometa me amar. Não me peça para ficar.

Para o inferno com a nobreza. Ele a beijou. Impetuoso e apaixonado, como se houvesse muito dele para ser contido. Ele foi imediatamente arrebatado. Não houve esforço, era como nadar e ser levado pela correnteza.

As mãos dele foram à bainha da blusa dela e lentamente subiram. Quando suas mãos chegaram aos seios nus, ela arqueou as costas. Ele rompeu o beijo. Os dedos dela automaticamente seguraram os cabelos dele com mais força, como se ela o quisesse de volta.

— Jesus, você veio aqui sem sutiã — ele disse.

Ele a encostou na parede e logo sua blusa estava sendo puxada pela cabeça. Ela passou a remexer impacientemente junto a ele, fazendo-o gemer. Ele segurou-a pelo quadril e lançou-se junto a seu corpo. Ela acompanhava seu ritmo.

Ele esticou o braço e desabotoou o *jeans* dela, e ela tentou ajudá-lo a puxá-lo para baixo, sem romper o beijo, mas os lábios deles ficavam se separando. Ele finalmente usou o pé para puxar o restante e ela saiu do *jeans*.

— Você quer uma noite, eu vou lhe dar — ele disse, enquanto a pegava no colo e carregava até o sofá. — Mas será uma noite e tanto.

Ele ficou acima dela, olhando-a com tanta avidez que ela fez uma tentativa de se cobrir. As mãos dele foram até o elástico da cintura da calça do pijama e puxaram para baixo, sem tirar os olhos dela. Ele pôs um joelho no sofá ao lado dela. Ela engoliu em seco e colocou a mão no peito nu dele.

— Espere, Sawyer.

Ele pendurou a cabeça, ofegante.

— O que você está fazendo comigo, Julia?

— Eu quis dizer espere porque tenho que pegar o preservativo no bolso da calça.

Ele ergueu a cabeça, surpreso.

— Eu não estava mentindo. Não posso ter filhos.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. — Ele levantou mesmo assim, sem qualquer constrangimento, e foi até a calça dela. Pegou as camisinhas e rapidamente colocou uma.

— Chega de esperar — ele disse, cobrindo o corpo dela com o dele.

— Chega de esperar.

Nunca tinha sido assim com nenhuma outra pessoa. Eles se abraçaram como se a força dos dois corpos juntos pudesse fazer desaparecer tudo que os havia separado. E fez, por um breve período de tempo, tempo que ele desejou poder parar a fim de que pudesse viver dentro dela pelo resto da vida.

Depois, sem fôlego, agarrando-se um ao outro com tanta força que deixaram marcas, Sawyer, com a cabeça mergulhada no pescoço de Julia, conseguiu dizer:

— Ao contrário da minha lamentável falta de controle agora, eu aprendi algumas coisas desde que tinha dezesseis anos.

Ela deu uma risada súbita.

— E assim que eu tiver forças para levantar, vou levá-la para o meu quarto e mostrar.

Era de manhã, mas ainda estava escuro no quarto dele quando ela acordou. Sawyer a observava, enquanto ela piscava e virava a cabeça no travesseiro, descobrindo que ele a olhava.

Os cabelos dela estavam embaraçados, a mecha rosa enroscada ao redor da orelha. Ela respirou fundo, vencida.

— Achei que eu já tivesse explicado tudo.

— Você acha que, se eu prometer outra noite, isso pode esclarecer as coisas?

Ela sorriu, mas não respondeu.

Ele passou levemente um dedo em seu antebraço. Ele viu o momento em que ela percebeu que ele estava tracejando as linhas de suas cicatrizes. Julia logo recuou o braço. Ele puxou de volta.

— Por que você fez isso a si mesma? — ele perguntou.

Ela ficou observando enquanto ele olhava o próprio dedo traçando as linhas.

— Foi meu jeito de lidar com a depressão e o isolamento que eu sentia. Eu não sabia como enfrentar aquilo, e toda minha raiva se voltava para dentro, então era isso que eu fazia. Não pense que me livrei disso naturalmente. Foram anos de terapia.

Ele olhou nos olhos dela.

— Você alguma vez pensou em fazer isso novamente?

— Não. Caso você não tenha notado, hoje em dia eu sou muito boa em expressar a minha raiva. — Ela se remexeu ligeiramente, depois se retraiu um pouquinho.

— Você está bem?

Ela limpou a garganta.

— É que... faz um tempo.

Seria errado se sentir feliz por isso? Ele não ligava, pois se sentia. Ele passara um bom tempo imaginando o que ela estava fazendo em Baltimore, perguntando-se com quem ela estaria. Ele sabia tão pouco sobre a vida dela.
— Por que você não voltou para Mullaby, Julia?

— Achei que não tivesse restado nada para mim aqui. — Ela rolou a cabeça no travesseiro e olhou o teto.

— Você nunca ficou com saudade de casa?

— Estou sempre com saudade de casa — ela disse sem olhar para ele. — Só não sei onde é minha casa. Há uma promessa de felicidade por aí. Eu sei disso. Até a sinto às vezes. Mas é como perseguir a lua: bem na hora em que você acha que a tem, ela some no horizonte. Eu fico triste e tento seguir em frente, mas depois o maldito troço volta na noite seguinte, me dando esperança de pegá-la novamente.

Ele nunca a ouvira sendo tão honesta. Julia, que sempre guardara seus sentimentos para si mesma.

— Isso era a coisa importante que você queria me dizer?

— Não.

Ele gemeu.

— Você está me matando. É alguma coisa boa?

— Sim.

Ele colocou a mão na coxa dela e foi subindo.

— Melhor que ontem à noite?

— Não tem comparação. — Ela pousou a mão sobre a dele, parando o movimento. — Que horas são?

Ele se ergueu num cotovelo e olhou o relógio na mesinha de cabeceira.

— Pouco depois das nove.

Ela hesitou.

— Da manhã?

— Sim.

Ela resfolegou e pulou da cama. Foi até as cortinas pesadas e abriu-as. A luz matinal imediatamente entrou no quarto escuro. Quando os pontinhos de luz sumiram de sua visão, ele se pegou olhando-a nua, sua silhueta na janela. Seu olhar ficou fixo. Ela fazia sua barriga contrair, o deixava tonto.

— Não posso acreditar que já é de manhã! Por que você não me disse? Que tipo de cortinas são essas? — Ela pegou o tecido ofensor e olhou atentamente. — Achei que fosse de noite!

— São bloqueadoras de luz. Eu ficaria cego toda manhã se não as tivesse. — Ele sentou recostado nos travesseiros e colocou as mãos atrás da cabeça. — Eu realmente gosto desse seu lado, mas acho que você está proporcionando a melhor vista aos meus vizinhos. Por que não vira?

Ela rapidamente se afastou da janela e se cobriu com uma das partes da cortina.

— Não posso acreditar que acabei de ficar nua na frente dos seus vizinhos. Numa manhã de domingo.

— Não sei quanto a eles, mas eu vi a face de Deus.

— Eu preciso ir — ela disse, olhando a porta.

— Não.

— Preciso fazer os bolos do dia no restaurante. Estou muito atrasada. A essa hora, eu já teria passado lá e ido embora. Onde estão minhas roupas?

— Ela olhou em volta e disse: — Ah, lá embaixo. — E saiu correndo, nua, do quarto dele.

Ele sorriu e levantou. Pegou um robe atrás da porta e vestiu, enquanto descia a escada atrás dela.

Ela era rápida. Já estava de *jeans* e sapatos, vestindo a blusa. Quando ela passava a cabeça pela gola, ele já estava lá, encostando-a na parede, perto da porta.

— Estamos de volta onde começamos. Acho que isso é um sinal de que precisamos fazer novamente.

— Se você me deixar ir, eu te faço um bolo.

— Malvada.

Subitamente, houve uma batida na porta, diretamente à direita, o que assustou Julia a ponto de soltar um gritinho.

Sawyer se retraiu e esfregou a orelha.

— Quem é? — ela sussurrou.

— Eu não sei.

— Não abra. Talvez a pessoa vá embora.

— E ligue pra polícia, por haver uma mulher gritando aqui dentro. Qual é o problema? Você não quer que as pessoas saibam que estivemos juntos? — Ele virou-se e foi até a porta antes que ela pudesse responder, pois temia a resposta. Mesmo depois da noite passada, ela ainda era como água em suas mãos. Ele não sabia como segurá-la.

Sawyer abriu a porta. Quando viu quem estava lá, pensou: *Ai, droga*. Isso não ajudaria nem um pouco.

— Oi, Sawyer — disse Holly ao entrar. — Era você gritando como uma garota?

Holly parou quando viu Julia. Houve um instante estranho quando os três ficaram no pequeno espaço diante da porta, sem dizer nada, apenas se entreolhando.

— Holly — Sawyer finalmente disse —, você se lembra da Julia Winterson?

— É claro — disse Holly, dando um olhar direto a Sawyer antes de se virar para Julia sorrindo. — É bom vê-la, Julia.

— Você também. Lamento ter que correr, mas estou atrasada. — Em segundos, ela já tinha ido. De novo.

Sawyer fechou a porta e virou-se para a ex-esposa.

— Eu esqueci que você ia passar aqui.

Holly o beijou no rosto, caminhou pela sala até a cozinha e começou a fazer café. Ele a seguiu, lembrando-se da sensação que teve quando pediu Holly em namoro, na sexta série, aquela sensação de finalmente poder segurar sua mão. Ela sempre fora sua melhor amiga na escola. Ele a valorizava. Ele a respeitava. Mas não sabia dizer se algum dia fora apaixonado por ela. Aquela

noite com Julia, no campo de futebol, deveria ter mostrado isso a ele, mas ele ficara assustado demais para abrir mão do futuro que havia planejado.

Foi ele quem acabou com o casamento. Holly teria continuado, mesmo depois que eles descobriram que não poderiam ter filhos. Na verdade, ela tinha se tornado quase fanática com a ideia de engravidar. Trouxera para casa informativos sobre adoção, tentando se entusiasmar. Filhos eram uma parte integral dos planos deles, mas ele percebeu que ela os queria tanto porque o que havia entre eles não era o suficiente. Nunca tinha sido.

— Você finalmente conseguiu — disse Holly quando ele entrou na cozinha. Ela estava tirando os grãos de café da lata. — Não posso acreditar.

Sawyer puxou uma banqueta da bancada.

— Do que você está falando?

— Não se faça de bobo comigo. — Ela olhou por cima do ombro, sorrindo. Ela parecia bem. Feliz. Seus cabelos estavam puxados para trás num rabo de cavalo, revelando que seu rosto estava mais cheio, mais arredondado ao redor de suas maçãs habitualmente acentuadas. Ela havia ganhado peso. — Eu te conheço bem demais. Você tinha um negócio por ela desde que éramos crianças. E finalmente a pegou.

Sawyer suspirou.

— Não tenho tanta certeza disso.

O sorriso de Holly desapareceu.

— Ai, droga, eu não...

— Não, não é culpa sua. Você está fantástica, por sinal.

— Você está bem com isso, mesmo? Com o fato de que vou me casar novamente? Com isso? — Ela pôs a mão na barriga.

— Estou feliz por você, Holly. De verdade.

Ela deu uma fungada e virou de volta para o café.

— Acho que você só está dizendo isso porque se deu bem ontem à noite.

Sawyer desceu da banqueta e foi até o escritório.

— Vou pegar os papéis para você assinar.

A luz matinal entrava pelas portas abertas da varanda quando Emily acordou. Ela não tinha ideia de que horas eram, mas sentiu que só havia dormido alguns minutos.

O bilhete.

Ela rapidamente se virou para a mesinha de cabeceira. O bilhete ainda estava ali, onde ela o deixara.

Ela o pegou e ficou olhando. Ficou tentada a levá-lo ao nariz.

Ela ia fazer isso? Ia encontrá-lo?

Win disse que não a culpava pelo que sua mãe fizera, mas como ela poderia saber com certeza? Quais seriam os motivos dele? Ela só saberia quando isso se revelasse.

Sua mãe fora a pessoa mais corajosa que ela havia conhecido, no entanto nem ela fora capaz de encarar seu passado.

Então, Emily o faria.

Ela faria algo que a mãe não conseguiu fazer. Para encontrar seu lugar ali, ela teria de descobrir o que a mãe havia sido, mas também precisava fazer isso direito. Ela só não sabia como exatamente. Algo dentro dela, por um lado, insistia em dizer que Win talvez soubesse, que seu interesse por ela não era simples como ele queria transparecer. Por outro lado, seu interesse por ele também era bem complexo.

Ela pensou sobre a história do círculo que ele mencionara. Ali estava ela, no mesmo lugar em que a mãe estivera, com aproximadamente a mesma idade, e envolvida com os Coffey, de uma forma que ninguém aprovava, exatamente como havia sido da última vez. Tinha de haver uma razão para isso.

Ela levantou, ainda com o bilhete na mão, e caminhou até a cômoda para pegar uma bermuda e uma camiseta regata. Estava se acostumando a desviar o olhar do papel de parede de borboletas, habituando-se ao som tremulante ocasional que ele emitia. Habituar-se a isso significava que ela estava se entrosando, segundo Julia.

Ou isso, ou ela estava oficialmente ficando maluca.

Mas, quando chegou à cômoda, ela subitamente percebeu que não havia qualquer som naquela manhã. Ela ergueu os olhos e deu um passo atrás, surpresa. O papel de parede de borboletas havia desaparecido. Ele tinha sido substituído por um prateado, pontilhado de bolinhas que pareciam estrelas. Aquilo a fez sentir uma estranha sensação de expectativa, como na noite anterior. O vovô Vance não poderia ter entrado na noite passada e feito isso.

Será que realmente mudava sozinho?

Era bonito esse papel de parede. E fazia o quarto parecer uma nuvem viva. Ela pousou a mão sobre a parede, perto da cômoda. Era macio como veludo. Como a mãe deixou de lhe contar que um quarto como esse existia? Ela nunca mencionara. Nem contando uma história na hora de dormir.

Ela vestiu-se rapidamente, distraída, e desceu. Ainda bem que o vovô Vance já tinha saído para tomar café, então ela escreveu um bilhete dizendo que estaria no lago.

Não mencionou quem encontraria lá.

Ela estava na calçada, prestes a entrar em seu carro, quando ouviu alguém chamar seu nome no silêncio da manhã. Já nervosa, ela deu um pulo e deixou cair a chave do carro. Virou-se rapidamente e viu Stella vindo da casa ao lado. Ela parecia estranhamente arrumada para aquele horário da manhã, com um vestido vermelho tomara que caia e salto alto. Seu rosto largo tinha marcas desbotadas de maquiagem, e seus olhos exóticos pareciam

cansados. Ela parecia ter tido uma noite ruim. Ou talvez uma noite muito boa. Emily não conseguiu concluir.

— Você viu a Julia? — Stella perguntou assim que Emily ajoelhou para pegar as chaves. — Acabei de passar pelo J's Barbecue e ela não estava lá.

Emily levantou.

— Eu não a vejo desde ontem. Mas ouvi quando ela saiu com a caminhonete, por volta de uma da manhã.

Stella pareceu confusa.

— Onde será que ela foi?

Emily sacudiu os ombros. Ela tentou parecer casual, como se não estivesse fazendo nada de errado. O que, aliás, não estava. Qual era o problema dela? Por que estava tão nervosa?

— Julia quase nunca usa a caminhonete e nunca sai tão tarde assim. Estou preocupada com ela. — Stella começou a arrancar o esmalte vermelho. Ela transferiu o peso de uma perna para a outra e perguntou: — Você acha que ela está agindo meio esquisito ultimamente?

— Só perto do Sawyer.

— Humm. Ela está com alguma coisa na cabeça. Quando eu a convenço de tomar bastante vinho, geralmente consigo fazê-la falar. Mas acho que agora ela já percebeu que eu faço isso.

Emily olhou ansiosamente por cima do ombro, achando que veria o vovô Vance voltando para casa.

— Ela não me disse nada.

— Bem, se você a vir, diga-lhe que estou procurando por ela. — Stella apontou para o carro junto ao meio-fio. — Para onde você está indo a essa hora da manhã?

— Até o lago. E você?

— Ah, eu estou chegando — disse Stella, depois parou. — Droga. Não acredito que acabei de te dizer isso. Apaga isso. Não estou dando um exemplo muito bom. Droga. Apenas... faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.

Isso fez Emily rir enquanto ela entrava no carro. Stella caminhou de volta para casa, tirando os saltos e sacudindo a cabeça para si mesma.

Havia tão pouco trânsito naquela hora da manhã que Emily chegou ao lago Piney Woods em tempo recorde. O estacionamento estava quase vazio. Ela parou e desligou o motor, depois ficou sentada em silêncio, enquanto o motor estalava esfriando. Sabia que estava cedo demais, mas queria sair antes que o vovô Vance voltasse para casa. Não queria mentir para ele. Ela não sabia se ele entenderia seu motivo para fazer isso.

Ela finalmente saiu do carro. O ar sombrio matinal estava tão pesado que sua pele ficou pontilhada de suor enquanto ela caminhava pelo tablado e sentou num dos bancos com vista para o lago. Havia poucas pessoas ali. Ela

apoiou os pés na grade observando a neblina deslizar sobre a água. Algumas das casas do lago estavam com as luzes acesas, mas não muitas.

Ela ouviu passos se aproximando, vindo de trás, depois Win apareceu no banco. Ela olhou-o acima sem saber o que dizer. Não tinha ideia que também estaria ali tão cedo. Ele esperou um momento, depois sentou ao lado dela e pousou os pés na grade ao lado dos dela. Ele ficou olhando intensamente para a água, como se fosse perder algo importante se desviasse o olhar. Tinha um perfil forte e angular. Austero, orgulhoso, cheio de segredos. Ela queria entrar, queria saber desses segredos. Será que era assim que sua mãe se sentia? Ela ficou imaginando se haveria uma maldição que irremediavelmente atraía as mulheres de sua família aos homens da família dele.

No entanto, ali estava ela. Fazendo isso.

— Vem até a casa do lago da minha família e toma café da manhã comigo — ele finalmente disse.

— Há quanto tempo você está esperando?

— Um tempo. Eu não queria deixar de ver você. — Ele respirou fundo, depois levantou. — Fico contente que você tenha vindo — ele estendeu a mão pra ela.

Não demorou para que ela aceitasse.





Eles caminharam pela praia vazia, depois Win conduziu Emily aos degraus que levavam a imensa varanda da casa do lago da família dele. Ele gesticulou para que ela sentasse numa das cadeiras de madeira. Ela sentou-se, encolhendo as pernas e enlaçando-as com os braços.

Ela só relaxou a postura quando Penny, a empregada, veio servir umas rabanadas. Penny tinha sessenta e três anos, era viúva e extremamente compenetrada, à sua maneira. Mas ela tinha um carinho especial por Win, e ele a adorava. Quando era pequenino, ele costumava pensar que Penny e a casa do lago eram uma coisa só. Ele achava que ela ficava sentada, alerta, numa banqueta da cozinha, dia e noite, esperando que ele e sua família fossem visitar, para que ela pudesse cozinhar pra eles. A primeira vez que ele a viu fora do contexto da casa do lago, num de seus dias de folga, ele estava no centro da cidade com a mãe. Ele tinha visto Penny andando na rua e achou que ela havia fugido, então gritou com a mãe para pegá-la e trazê-la de volta. Ficou absolutamente histérico. Sua compreensão limitada da época era que, por conta de quem ele era, ele não podia deixar Mullaby, mas as outras pessoas sim. Eles podiam partir e nunca mais voltar. E isso o deixava petrificado.

Ele e Emily tomaram café num silêncio que não era completamente confortável. Ele a deixava nervosa, e ela o fazia se sentir descompensado. Parecia peso demais, como se ele estivesse carregando mais do que devia. Mas ele não podia evitar. Passara a vida aceitando o que seu pai lhe dizia ser impossível mudar, e forçando-se a não cobiçar a liberdade que as outras pessoas tinham. As coisas precisavam mudar. Ele não podia prosseguir seguindo regras que haviam sido estabelecidas para outra época. Tudo fez sentido quando ele conheceu Emily. Ela podia endireitar isso. Ela era capaz de remover esse estigma. Dentre todas as pessoas, se a filha de Dulcie Shelby pudesse aceitá-lo como ele era, então sua família teria que aceitar. Emily era o primeiro passo para uma forma de vida totalmente nova.

A essa altura, ele nem podia pensar na possibilidade de estar errado quanto a isso. Tinha que estar certo. *Tinha* que estar.

Depois do café, eles sentaram-se lado a lado nas cadeiras de madeira, observando silenciosamente o sol dissipando a névoa da manhã. A praia lentamente ia se enchendo de gente, e o barulho começava a aumentar.

— Você vem muito para cá durante o verão? — Emily finalmente perguntou, observando um barco cruzar o lago, deixando um rastro de água borbulhante como espuma de refrigerante.

Ele estava se segurando, esperando que ela dissesse algo sem querer apressá-la.

— Minha família usa essa casa o ano inteiro. É um lar longe do lar. Mas isso deixa Penny doida. Ela gosta de manter uma programação rigorosa e nós

sempre bagunçamos tudo quando aparecemos inesperadamente, como eu fiz hoje de manhã.

— Tenho a impressão de que ela não se importa. Acho que ela te adora. — Ela olhou para ele com um sorriso que fez seu peito se encher. Ele a estava manipulando e sabia disso. Mas, pela primeira vez, ele percebeu o quanto seria fácil se ela estivesse fazendo o mesmo com ele. Ele precisava ser amigo dela para que isso desse certo. Jamais esperou ter esses outros sentimentos. Um sorriso bem apresentado, e ele se esquecia do que ia dizer. Ele só conseguia pensar no quanto ela era diferente do que ele achou que seria, afinal tinha as histórias que ele ouvira sobre a mãe dela. Ela era arrebatadora e meiga... e tinha cabelos tão interessantes. Sempre parecia que um sopro de vento se escondia em seus cabelos, esperando para voar. Era encantadoramente peculiar.

No silêncio que se seguiu, o sorriso dela sumiu e ela levou as mãos aos cabelos.

— Estou com alguma coisa na cabeça?

— Não, desculpe. Eu só estava pensando no seu cabelo.

Ela lançou um olhar estranho.

— Estava pensando no meu cabelo?

Esse era o mesmo tranco que ele sentiu quando estava com ela na roda-gigante. Ele não podia perder o foco.

— Sim. Não. Quero dizer, eu estava pensando se você alguma vez usa solto.

Ela sacudiu a cabeça.

— Agora está numa fase estranha, crescendo e perdendo o corte.

— Era muito curto, antes?

— Bem curto. Minha mãe usava o cabelo curto, então eu usava o meu também. Mas eu comecei a deixar crescer há um ano.

— O que a fez querer deixar de ser como ela?

— Eu nunca quis deixar de ser como ela. Ela era uma pessoa maravilhosa — ela disse, veementemente. Então, ela se virou para a água. — Só que era muito a fazer jus.

Isso não estava dando certo. Eles tinham que se livrar de um pouco dessa estranheza.

— Vamos dar uma caminhada — ele sugeriu, levantando.

Eles deixaram os sapatos perto das cadeiras e voltaram aos degraus da varanda. Caminharam perto da água e molharam os pés. Não falaram muito, mas estava tudo bem. Caminhar juntos, no mesmo passo, já era suficiente.

Quando chegaram à gruta, Emily olhou para dentro, onde tinha sido a festa de aniversário da irmã dele. Hoje havia dois casais idosos sentados em cadeiras dobráveis, distantes da multidão e fora do sol. Ele sabia o que ela ia fazer antes que ela desse o primeiro passo.

Sem dar uma palavra, Emily o deixou e se afastou dele, caminhando em direção às árvores. Ele hesitou, por um momento, antes de segui-la. Ela passou pelos casais idosos e foi até a árvore onde as iniciais de sua mãe e do tio dele haviam sido entalhadas. Win parou para cumprimentar os casais, a fim de deixá-los tranquilos, pois eles olhavam estranhamente para Emily, depois foi até ela.

Os últimos meses da vida dela haviam sido pontuados por um caos que ele podia até imaginar. Olhando-a dessa forma, ele podia ver sua tristeza. Podia ver o quanto ela se sentia sozinha com isso. Mas ele compreendia. Sabia de coisas que não se podia contar a outras pessoas, porque elas não tinham parâmetros. Porque elas simplesmente não entenderiam.

— Os alunos da escola Mullaby sabem sobre minha mãe? Sobre quem ela foi aqui? — Emily finalmente perguntou, olhando a árvore.

— Se seus pais lhes contarem. Você provavelmente já passou pelo pior com meu pai. Eu não me preocuparia com o colégio. Não é tão ruim assim. — Ele detestava vê-la desse jeito. Queria distraí-la. — Conte-me sobre seu antigo colégio. Você sente falta de lá? A página na internet fez parecer muito... intenso. — Isso era uma forma sutil de descrever. O Colégio Feminino Roxley era tão rigoroso e politicamente correto que uma pessoa podia ficar com o nariz sangrando só de ler sua bibliografia.

Ela sacudiu os ombros.

— Depois que minha mãe morreu, eu quis encontrar um tipo de consolo no colégio, mas não consegui. Havia apenas um *legado*. Mais do que nunca, as pessoas queriam que eu assumisse o lugar da minha mãe, e eu não podia. É irônico, não é? Que eu venha aqui e a mesma coisa tenha acontecido, apenas de uma forma diferente. E eu não sei o que é pior, viver para fazer jus ao nome dela ou para abafá-lo.

— E quanto aos seus amigos de lá?

— Eu comecei a ter ataques de pânico depois que minha mãe morreu, e não queria que as pessoas vissem, então comecei a passar bastante tempo sozinha.

Ele subitamente pensou nela sentada no banco, no centro da cidade, de cabeça baixa. Ele a observava havia um tempo naquela manhã e viu o instante em que algo estava errado, a forma como ela parou de repente na calçada, e como a cor sumia de seu rosto. Tinha sido alarmante e aquilo o forçou a abordá-la, quando ele não planejara fazê-lo. E isso mudou tudo.

— Você estava tendo um ataque de pânico no dia em que nos conhecemos?

Ela assentiu.

— O que os causa?

— Pânico.

Isso fez com que ele sorrisse.

— Bem, obviamente.

— Eles chegam quando eu começo a me sentir oprimida, quando tem coisa demais se passando em minha cabeça. — Ela subitamente pareceu cautelosa. — Por que você quer saber?

— Só estou curioso — ela continuou olhando para ele com as sobrancelhas baixas, acima dos olhos azuis. — Por que você está me olhando assim?

— Nunca contei a ninguém sobre meus ataques de pânico — ela confessou, como se ele, de alguma forma, tivesse arrancado isso dela. — Agora você sabe das minhas fraquezas.

— Você diz isso como se não devesse ter fraqueza nenhuma. — Ele esticou o braço, passando por ela, e ficou arrancando pedacinhos do tronco da árvore, distraído. — Todos nós temos fraquezas.

— Você tem?

— Ah, sim. — Ela não fazia ideia.

Ele continuou a beliscar o tronco da árvore, até que ela pousou a mão sobre a dele, fazendo com que parasse.

— E não vai me contar?

Ele respirou fundo.

— É complicado.

— Já entendi — ela disse, virando para voltar à margem. — Você não quer me contar.

Ele deu uma corrida atrás dela.

— Não, não é que eu não queira te contar. É que... eu preciso te *mostrar*.

Ela parou. Ele quase trombou nela.

— Então, me mostre.

— Não posso. Agora, não. — Ele passou as mãos nos cabelos, frustrado. — Você terá que confiar em mim quanto a isso.

— Não tenho muita escolha, tenho? — ela disse.

Eles seguiram contornando o lago, novamente quietos, e voltaram à casa. Foi uma longa caminhada, e quando chegaram, Penny trouxe o almoço sem que fosse pedido. Depois que serviu os pratos com os sanduíches e as frutas, ela passou por trás da cadeira de Emily, olhando para Win. Sorriu e apontou para Emily, fazendo para ele um sinal positivo com o polegar antes de entrar e atender ao telefone que tocava.

Ele retribuiu o sorriso.

Depois que terminaram, Emily levantou-se e caminhou até o paredão. Ele ficou olhando suas pernas compridas, seu corpo, seu rosto. Subitamente ficou fascinado pelo laço de seu cabelo, que deslizava lentamente, enquanto ela se movimentava e se espreguiçava. Finalmente, o laço caiu no deque. Ela pareceu não notar.

— Eu gostaria de estar com meu maiô — ela disse. — Eu iria me refrescar na água.

— Vem para dentro, onde está fresco. Eu vou lhe mostrar a casa.

Quando ela virou, ele se esticou para pegar o laço de seu cabelo.

— Você deixou algo cair.

Ela estendeu a mão.

— Obrigada.

Mas ele enfiou no bolso.

— Você não vai me devolver? — ela perguntou.

— Depois — ele respondeu enquanto entrava na sala imensa, deixando o deque. Emily seguiu-o, argumentando sobre os direitos de propriedade.

Ela caiu em silêncio ao entrar. Não havia muitas pinturas de dunas de areia, nem boias antigas nas paredes, como ela sabia que algumas casas da redondeza eram decoradas, como se pudessem passar por restaurantes de frutos do mar. Esse lugar realmente dava a impressão de que sua família passava bastante tempo ali, o que eles faziam mesmo. Os móveis eram confortáveis e tinham um ar de bem usados. Numa das paredes predominava uma tela plana e o chão abaixo estava coberto de toneladas de DVDs e um videogame Wii. Viajar à noite era inconveniente para eles, então as férias consistiam em vir para o lago e ficar aqui.

— Aqui é bem mais aconchegante do que eu imaginei — ela finalmente disse.

— Não dá para ser sempre uma torre de marfim.

Ele a conduziu até o segundo andar, apontando superficialmente os quatro quartos, depois ao terceiro piso, um *loft*, passando por uma porta dentro de um armário de roupa de cama. O espaço era ocupado apenas por um sofá baixo, uma pilha de livros, uma televisão e algumas caixas de armazenagem. Ninguém subia ali, exceto ele. Ele adorava sua família, mas quando estavam todos ali, às vezes, ele precisava de uma folga daquela *união*. Então, era para ali que ele ia. Ele não gostava tanto da casa da rua Principal — com seu mármore frio e sua história opressiva —, mas lá era bem mais fácil evitar as pessoas.

— Passo bastante tempo nesse *loft* quando estou aqui — ele disse, enquanto ela olhava em volta. A única luz vinha da janela da parede dos fundos, em formato de triângulo, seguindo a linha do telhado. Partículas rosadas de poeira flutuavam pelo ar.

— Dá para ver por quê. Tem uma sensação de mistério. Combina com você. — Ela caminhou até as janelas. — Linda vista.

Ele a observava do outro lado do quarto, contra a luz das janelas. Ele estava se movendo antes mesmo de saber o que estava fazendo. Ele parou logo atrás dela, somente a alguns centímetros de distância. O estado de alerta imediatamente irradiou dela, como eletricidade.

Um minuto inteiro se passou antes que ele dissesse:

— Você ficou quieta de repente.

Ele a viu engolir em seco.

— Não entendo como você faz isso comigo.

Ele se inclinou ligeiramente. O cabelo dela tinha um cheiro floral, como um leve aroma de lavanda.

— Faço o quê?

— Seu toque.

— Eu não estou te tocando, Emily.

Ela virou.

— É isso. Parece que está. Como é que você faz isso? É como se você tivesse algo ao seu redor, algo que não consigo ver, que se estende. Não faz sentido.

Isso o surpreendeu. Ela sentia. Nunca ninguém havia sentido.

Ela esperou que ele dissesse alguma coisa, que explicasse ou negasse, mas ele não podia fazer nenhum dos dois. Ele deu um passo, passando por ela, chegando mais perto da janela.

— Sua família um dia foi dona de tudo isso — ele disse.

Ela hesitou, antes de aceitar a mudança de assunto.

— De tudo o quê?

— De todo o lago Piney Woods. Anos atrás, foi como os Shelby ganharam dinheiro, vendendo tudo, pedaço por pedaço. — Ele apontou para as árvores, à distância. — Toda aquela propriedade com mata, do outro lado do lago, ainda pertence a seu avô. São milhões de dólares em desenvolvimento potencial. Isso deixa o meu pai maluco. Ele quer que seu avô venda uma parte para ele.

— Por quê?

— Os Coffey sempre gostaram de ter participação do crescimento de Mullaby. Locais para residências, negócios, coisas assim.

— Por quê? — repetiu.

— Porque aqui é nosso lar. Durante anos e anos, nós achamos que esse seria o único lugar onde poderíamos viver.

— E é?

Ele se virou para ficar de frente para ela.

— Você realmente quer saber? — *Minha fraqueza*.

— Sim. Claro que quero.

Era agora. Não tinha volta depois que ele contasse. Então, ele precisava mostrar.

— Os homens da minha família têm um... problema.

Ela pareceu confusa.

— Que tipo de problema?

Ele a deixou na janela e atravessou o quarto.

— É genético — ele disse. — Uma simples mutação. Mas é particularmente forte em minha família. Meu avô tinha. Meu tio tinha. Meu pai tem. — Ele

parou. — Eu tenho.

— Tem o quê?

Ele respirou fundo. — Nós chamamos de A Incandescência.

Emily olhou-o ainda sem entender.

— Nossa pele reluz à noite — ele explicou, e foi incrível dizer isso a alguém fora de sua família. Foi tão libertador como ele achou que seria. Foi até melhor. As palavras saíram e ele não podia pegá-las de volta. Ele esperou que Emily dissesse algo. Mas ela não disse nada. — É isso que você sente — ele disse, avidamente, caminhando de volta para ela e colocando as mãos nos dois lados de seu rosto, quase tocando, mas sem encostar.

Ela olhou nos olhos dele.

— Quer que eu acredite que você reluz no escuro? — perguntou ela, num só tom.

Win baixou as mãos.

— Você acredita que eu seja um lobisomem, mas não acredita nisso?

— Eu nunca acreditei que você fosse um lobisomem.

Ele deu um passo atrás, tentando não se sentir derrotado. Ele tinha que prosseguir.

— Isso vem de gerações. Meus ancestrais deixaram o velho país para evitar a perseguição, porque as pessoas achavam que esse problema era coisa do demônio. Eles viajaram pelo mar, e a história é permeada por visões do navio deles, tido como um presságio de ruína. Quando chegaram aos Estados Unidos, os americanos nativos os chamavam de Espíritos da Lua. Eles se estabeleceram aqui quando não passava de uma terra agrícola, distante de todos, mas a cidade lentamente cresceu ao redor deles. Ninguém sabia do segredo, e eles gostavam disso, gostavam do fato de não serem tão isolados. Mas as histórias de perseguição eram sempre transmitidas nos assustando para manter nosso segredo, mesmo no mundo moderno. Tudo isso mudou na noite em que sua mãe enganou meu tio para que ele se mostrasse à noite. Ele ficou no coreto, numa noite de verão, diante da cidade inteira e, pela primeira vez, todos viram o que podíamos fazer.

— Essa é uma história bem complexa — ela disse.

— Emily, você me viu em seu quintal dos fundos à noite.

Isso deu um susto nela.

— *Você* é a luz no meu quintal? *Vocês* são as luzes de Mullaby?

— Sim.

Ele podia ver que a mente dela estava trabalhando, tentando entender aquilo tudo.

— Então, por que você parou de aparecer?

— Eu vou toda noite. Mas seu avô fica sentado na varanda da cozinha, abaixo da sua, e me diz para ir embora antes que você veja que eu estou ali.

— Meu avô sabe? — O volume da voz dela estava aumentando.

— Sim.

— Prove. — Ela olhou em volta e viu a porta de um armário. Ela caminhou até lá e abriu. Não havia nada dentro, exceto uma capa de chuva e um único esqui aquático. — Aqui, venha aqui.

Ele foi até ela, que o levou para dentro do armário e entrou em seguida, fechando a porta atrás deles. Era bem apertado. Ela esperou alguns instantes, no breu total, antes de dizer:

— Rá! Eu não estou vendo você reluzir.

— É preciso do luar — ele explicou, pacientemente.

Ela fungou.

— Ora, isso é muito conveniente.

— Na verdade, não é.

— Isso é ridículo — ela disse, e ele sentiu que ela estava remexendo na porta para encontrar o fecho.

— Espere — ele disse, esticando o braço para impedi-la. A mão dele pousou no quadril dela e ela ficou imóvel. — Encontre-me à meia-noite, no coreto. À meia-noite. Eu vou lhe mostrar.

— Por que você está fazendo isso? — ela perguntou, num sussurro. — Isso é algo planejado?

Ela o pegou desprevenido com essa. Se ela sabia que ele a estava manipulando, então, por que deixava?

— Plano?

— Para se vingar de minha mãe, pelo que ela fez.

— Não — ele respondeu. — Eu lhe disse antes, não culpo você pelo que ela fez.

— Mas você está recriando aquela noite com minha mãe e seu tio.

— Tem uma bela simetria, não é?

— Está certo — ela disse, descontente. — Estarei lá.

Ele quase riu.

— Você não precisa ficar tão entusiasmada.

— Isso seria mais fácil se eu não gostasse tanto de você.

— Você gosta de mim? — Ele se sentiu alegre e envergonhado. Ela não respondeu. — Quanto? — ele perguntou, baixinho, com o ar carregado de tensão.

— O bastante para encontrá-lo essa noite, mesmo estando bem certa de que você tem outra coisa planejada em vez de reluzir no escuro.

— Isso não é o suficiente? — Ele podia sentir que ela prendia a respiração ao perceber o quanto ele estava perto de seu rosto. — Estou atado a você — ele disse. — Você não sente? Desde o momento em que nos conhecemos. Eu era destinado a mostrar para você.

— Eu preciso ir. — Ela abriu a porta, e a claridade cegante os banhou. Ela sumiu em segundos.

Ele alcançou-a no deque quando ela estava calçando seus sapatos.

— Não vá pela mata, essa noite. Entre pelo parque, pela rua.

Ela ficou ali e olhou-o por um bom tempo. Ele foi estendendo a mão para tocá-la, para tranquilizá-la quanto a ele, mas ela só assentiu rapidamente antes de virar e descer depressa os degraus até a praia.

Ele a viu se afastar caminhando, depois colocou as mãos nos bolsos e andou lentamente, pensativo, de volta à casa.

E parou ao entrar na sala.

Seu pai estava sentado na poltrona grande de couro, perto do sofá, de pernas cruzadas.

Win ficou tão perplexo que, por um instante, não conseguiu falar. Ele geralmente sentia quando o pai estava à sua procura. Finalmente, ele disse:

— Quando chegou aqui?

— Acabei de chegar. Liguei mais cedo para pedir que você não bloqueasse o carro de sua mãe quando fosse para casa porque ela vai sair cedo com Kylie para comprar o uniforme. Penny disse que você estava na praia. Eu perguntei com quem. Ela disse que com uma garota. Pedi que ela a descrevesse e pareceu ser Emily Benedict. Mas eu pensei: “Não, Win não é tão tolo”.

Devia ter sido o telefonema que Penny atendeu antes. Win tinha que lhe dar crédito por fazer o que pôde. Ela dissera a seu pai que ele estava na praia com Emily, não que estava em casa sozinho com ela.

— Então, você veio ver pessoalmente — concluiu Win. Ele respirou fundo e disse: — Eu gosto dela.

— Uma vez, eu gostei de uma garota, quando tinha sua idade — disse Morgan, encostando as pontas dos dedos das duas mãos em torre. — Seu nome era Veronica. Ela também era nova em Mullaby. Tudo que eu queria era passar o dia inteiro olhando para ela. Convidei-a para uma matinê e seu avô descobriu. Ele me deu uma bofetada, depois me trancou em meu quarto. Ao perceber que eu não aparecia para ir ao cinema, Veronica foi até lá em casa perguntar se eu estava bem. Seu avô foi horrível com ela. Ele disse a ela que meu convite era apenas uma piada. Depois disso, ela passou a me odiar. Mas ele mostrou seu ponto de vista.

— Que ponto de vista?

— Que não somos feitos para vidas normais.

— Seu pai tratava seu irmão da mesma forma? — Win perguntou ao se sentar no sofá.

— As regras não eram diferentes para Logan.

Win nunca soubera que seu avô batera em seu pai. Win se lembrava vagamente do idoso. Ele era muito quieto quando Win o conheceu. As pessoas costumavam dizer que ele nunca mais foi o mesmo depois que Logan, seu filho caçula, cometeu o suicídio. Agora fazia sentido que Logan e

Dulcie Shelby tinham que sair escondidos. O avô de Win obviamente teria batido em Logan e o trancado no quarto se descobrisse. Agora tudo isso parecia tão ridículo. As medidas extremas. A espreita furtiva. O segredo agora estava exposto e não podia ser tomado de volta.

— Agora é diferente — disse Win.

— Você diz isso como se de outra forma fosse melhor — disse Morgan. — Se nós esperarmos tempo suficiente, as pessoas irão se esquecer do que viram e as coisas voltarão a ser como eram. É só uma questão de tempo. Às vezes eu até espero que sua mãe tenha esquecido.

— Eu não quero voltar ao jeito que as coisas eram.

— Você não tem escolha. Está de castigo. E não tem mais permissão para falar com Emily.

Por essa ele não esperava.

— Aquela garota de quem você gostou. Nunca quis contar a ela?

Morgan descruzou as pernas, depois cruzou novamente. Ele ficou olhando as unhas, por um tempo.

— Não — ele respondeu, finalmente. — Eu gostava da ilusão. Quando eu estava com ela, eu era...

— Normal — Win terminou para ele.

Morgan concordou.

— Foi assim com sua mãe por um tempo. Depois Logan foi enganado para mostrar a todos o que podíamos fazer. Sua mãe e eu só estávamos casados há dois anos. Nada mais foi igual. Ela nunca me perdoou por não ter lhe contado, por fazê-la descobrir com o restante da cidade.

Todos os homens Coffey tiveram um jeito diferente de contar para a mulher com quem se casaram, mas isso era sempre depois da cerimônia. Uma tradição, como todas as outras, que não fazia sentido algum. Win sempre se perguntava se Logan nunca tivesse revelado o segredo da família, seu pai teria contado à sua mãe?

— A mamãe te ama — disse Win, certo de que isso havia sido verdade, ao menos, um dia.

Morgan levantou e foi até a porta da frente. — Ela me ama de dia. Todos nos amam de dia. Confie em mim quanto a isso, Win. Eu estou tentando salvá-lo da infelicidade.





14

Julia estacionou sua caminhonete perto da caçamba de lixo, atrás do restaurante, e pensou: *Que diabos eu fiz?.* Sawyer a deixara tão zangada que ela dormiu com ele. Será que o motivo foi mesmo esse? Talvez tenha sido exatamente a desculpa de que ela precisava. Mas agora tudo estava embolado. Ela não sabia o que fazer. Agora não havia objetivo, nem plano. E

agora ela tinha que entrar em seu restaurante, já lotado, usando a mesma roupa de ontem, com o cheiro dele. Ela ajustou o espelho retrovisor e se olhou. Deus, ela estava até ralada da barba.

Ela gemeu e pousou a cabeça no volante. Podia ir para casa. Mas depois as pessoas poderiam aparecer e perguntar por onde ela tinha andado, se havia algo errado. Não valeria a pena todo o questionamento adicional. E domingo era o dia mais movimentado no restaurante, o dia em que entrava mais dinheiro. Ela tinha que fazer isso.

Tentou alisar um pouco o cabelo, mas não ajudou muito. Ela suspirou e saiu.

Entrar pelos fundos significava também passar pela área das mesas logo depois dos banheiros. Ela tentou entrar escondida, mas parou quando viu como o lugar estava lotado. Ela sabia o quanto o negócio ia bem, pela perspectiva financeira, mas era inteiramente diferente ver de perto. Seu pai teria amado isso. Ele estaria lá, conversando com as pessoas, fazendo-as se sentirem bem-vindas, se inteirando das novidades. Por um instante, ela quase pôde vê-lo, de *jeans* e camiseta, boné e avental. Ele era um fragmento de homem, outro fantasma em sua vida. Então, alguém passou por seu ângulo de visão e ela o perdeu. Ela subitamente imaginou se, quando ela fosse embora dali, ele ainda permaneceria. Sua lembrança continuaria viva?

— Ei, Julia! — alguém gritou de uma mesa e várias pessoas viraram para ela. Mais gente chamou. Algumas acenaram. Algumas velhinhas com quem ela fora à igreja, quando era criança, até convidaram-na para a missa dominical noturna. Normalmente, ela chegava tão cedo que nunca via essa gente. Ah, ela os via no mercado e na rua, mas nunca eram tão amistosos. Por alguma razão, vê-la ali era diferente para eles. Ali, ela era a dona do restaurante. Ela era o motivo para que eles ainda tivessem esse lugar para frequentar, para se reunir, sociabilizar. Ali, ela era a filha de Jim. E viam nisso algo a ser admirado.

Julia sorriu para eles ligeiramente pasma, saindo de lado rumo à cozinha.

Horas depois, no pico do movimento do almoço, Julia finalmente terminou os bolos. Estavam sendo fatiados e servidos enquanto ela escrevia os nomes dos especiais do dia no quadro-negro atrás do balcão.

Ela não sabia, mas enquanto estava na cozinha sua madrasta chegara, obviamente não para comer. Ela estava esperando por Julia, numa mesa próxima à porta. Quando Beverly levantou, o casal com quem ela estava pareceu aliviado.

— Julia! — exclamou Beverly ao se aproximar acenando um enorme envelope pardo. Vários homens olharam em sua direção. — Passei na casa de Stella Ferris, procurando-a, porque você nunca está no restaurante na hora do almoço. O que faz aqui essa hora? Você só vem cedinho. Todo mundo sabe disso. Você devia seguir a programação.

Julia estava cansada demais, tanto emocional quanto fisicamente, para lidar com Beverly hoje. Ela pousou o quadro-negro.

— Vamos conversar outra hora, Beverly. Estou exausta e quero ir para casa. — *E onde é isso, exatamente?*, pensou ela. Seu apartamento, na casa de Stella? A antiga casa de seu pai? Baltimore? Nada mais estava claro.

— Não, não, não. Eu já gastei muito tempo com você, mocinha. Se eu soubesse que você estaria aqui, teria vindo primeiro, em vez de parar na casa de Stella e esperá-la. Aquela mulher é uma perua tão esquisita. O que você está fazendo aqui na hora do almoço? — ela perguntou novamente. — Você nunca vem na hora do almoço.

— Eu sou dona desse lugar, Beverly. Entro e saio a hora que eu quiser.

— Falando nisso... Com licença, querido — disse, para um homem sentado no balcão, enquanto espremia o quadril entre ele e o homem ao seu lado. Era um espaço apertado, mas ela não pareceu ligar. Nem os homens. — Aqui está a surpresa da qual eu estive falando! — Ela bateu com o envelope no balcão diante de Julia. — Seu pai ficaria tão orgulhoso de mim. Mandei meu advogado fazer os papéis da sociedade desse lugar. Tudo que você tem a fazer é assinar e passar metade do J's Barbecue pra mim. Dessa forma, quando nós vendermos, podemos dividir o lucro.

Os homens ao lado de Beverly olharam curiosos para Julia, assim como Beverly, esperando que ela dissesse alguma coisa. As pessoas de uma mesa próxima também ouviram. A novidade rapidamente se espalhou pelo salão feito fumaça.

Julia olhava o envelope em cima do balcão. Isso não deveria
ter importância, mas tinha. Assim como a noite anterior, não deveria ter importância, mas tinha.

Pelo menos um minuto inteiro se passou antes que Beverly começasse a parecer constrangida.

— Ora, Julia, você sabe que eu mereço isso. — Ela se inclinou à frente com uma voz mais suave — Achei que tivéssemos um entendimento.

— Meu entendimento — disse Julia, finalmente erguendo os olhos do envelope —, é que meu pai te amou e você o abandonou.

Isso calou o restaurante em segundos.

Beverly pegou o envelope.

— Você está obviamente mal-humorada. Pelo jeito, não dormiu muito. E não pense que não notei que você está com a mesma roupa de ontem. Vá se arrumar um pouquinho e eu te encontro lá fora.

— Não, Beverly. Isso acaba aqui — disse Julia, e tudo veio transbordando. — Você era tudo para ele, em detrimento ao relacionamento dele comigo. Eu deixei de existir quando você entrou na vida dele. Essas cicatrizes, que você menciona toda vez que me vê, são porque ele não me olhava depois que você apareceu. Ele trabalhava muito duro nesse negócio, mas nunca foi o

suficiente para você, foi? Quando parou de render dinheiro, sendo irrisório como era, você o deixou. Você sinceramente acha que eu lhe darei metade? Acha que *merece*?

Beverly apertou os lábios finos contornados com brilho de pêssego perolado.

— Você deveria aprender umas coisinhas sobre atirar pedras nos outros. Foi tudo culpa *sua*, mocinha, portanto não venha bancar a poderosa comigo.

Julia não podia acreditar na audácia.

— Como eu poderia ser o motivo de seu endividamento?

Beverly riu rancorosamente.

— Como acha que ele pagou pelo reformatório que você frequentou? O pouco que ele ganhava era muito para pedir uma bolsa e, por você ser de fora do estado, a taxa era ainda mais alta. Ele hipotecou tudo que tinha por sua causa, garota ingrata. E nem assim eu o deixei. Só o deixei quando Bud começou a demonstrar interesse por mim e seu pai não disse uma palavra a respeito. Ele deixou de gostar de mim muito tempo atrás. Só falava de *você*. Como *você* foi a primeira da família a fazer faculdade, como *você* morava na cidade grande, como *você* estava transformando seu sonho em realidade. Ele convenientemente se esqueceu que você tentou se cortar em pedaços, que te deixaram de barriga aos dezesseis anos, que pegou todo dinheiro dele e nunca mais voltou para vê-lo. — Julia via a surpresa estampada no rosto de algumas pessoas do restaurante. O que elas não sabiam sobre as cicatrizes de seus braços, elas deduziam, mas ninguém sabia que ela estava grávida quando partiu.

Por mais surpresa que ela estivesse por essa notícia, pelo que o pai havia sacrificado por ela, algo foi acionado em sua mente e fez sentido perfeito. Ele nunca tinha sido bom em se expressar. Ela tinha passado um longo tempo fazendo terapia, tentando se ajustar às expectativas, principalmente quanto aos homens de sua vida. Achou que queria grandes gestos e declarações expressivas, pois seu pai nunca lhe deu isso. Às vezes, ela achava que ter se apaixonado por Sawyer ainda adolescente, seu jeito grandioso de ser, era o fato de estar procurando algo que faltava em seu relacionamento com o pai. Mas como isso pôde lhe escapar? Tudo que seu pai fez foi em silêncio. Até amá-la. O trágico era que ninguém na vida de seu pai jamais entendeu isso. Todos o deixaram por não estarem suficientemente em silêncio para ouvi-lo. Até que fosse tarde demais.

Mas, não, pensou ela. *Não era tarde demais*.

As lágrimas encheram os olhos de Julia. Ela limpou. Não podia acreditar que estivesse fazendo isso na frente de todo mundo.

— Ele era um homem bom e descomplicado — disse Julia. — E merecia mais de nós duas. Você não vai levar um pedaço de seu restaurante, Beverly. Ninguém vai levar. Isso é a única coisa que nunca o decepcionou. A única

coisa constante que ele teve. Muita gente levou muita coisa dele. — Ela apontou para a porta. — Você nunca mais será bem-vinda aqui.

— Ah, mas eu voltarei — disse Beverly, desfilando até a porta. — Quando você for embora, eu estarei bem aqui e não há nada que você possa fazer a respeito.

— Eu vou garantir que ela saiba que não é bem-vinda — disse Charlotte, a gerente, atrás de Julia.

— Eu também — disse a nova garçonete.

— Eu vou lembrá-la — disse um dos homens junto ao balcão.

— Eu também — disse alguém do outro lado do salão. O restaurante então se tornou um coro concordando.

Beverly parecia chocada. Ela olhou fulminante para Julia.

— Está vendo, isso é o que você faz. Você vai embora e deixa todo tipo de problema para trás.

— Eu tenho novidades para você — disse Julia. — *Eu não vou embora*.

O restaurante irrompeu em aplausos quando Beverly saiu.

Julia ficou ali em pé, respirando ofegante, pensando, novamente: *Que diabos acabei de fazer?*

— Aí está você! — disse Stella, encontrando-a na porta quando Julia finalmente chegou em casa. Ela estava com a roupa que chamava de traje diurno, um robe de seda que sua mãe lhe dera. Dizia que ele a fazia se sentir uma dama do ócio. — Eu estava tão preocupada! Onde esteve ontem à noite? Até sua madrasta malvada veio procurar você.

— Por que você dormiu com Sawyer? — Julia disparou, bem ali, na entrada. Ela não tivera a intenção de dizer. Estava tão surpresa quanto Stella parecia estar.

— O quê?

— Sawyer disse que vocês dormiram juntos três anos atrás. Você o ama?

— Ah, isso — disse Stella. — Foi terrível. Não o sexo... pelo menos, o que eu lembro. Mas foi uma confusão. Meu divórcio tinha saído e todo meu dinheiro tinha acabado. Sawyer passou lá à noite para me dar uma garrafa de champanhe e comemorar minha liberdade. Eu fiquei bêbada e pulei em cima dele. Não me orgulho disso. Acredite, eu nunca quis ser uma mulher com quem os homens transam por pena. Foi só uma vez e depois disso eu tentei evitá-lo, mas ele não deixava. Sawyer é um cara legal. Um bom amigo. Por que você está perguntando? — Stella pôs a mão no coração, de forma dramática. — Ai, meu Deus! É lá que você estava ontem à noite! Você ficou com Sawyer!

Julia não respondeu, mas deve ter se entregado com o olhar.

Stella lhe deu um abraço forte.

— Estou tão feliz. Aquele homem sempre teve um negócio por você. Não faço ideia por que ele esperou tanto tempo. Eu costumava provocá-lo,

dizendo que ele tinha medo de você. — Ela pegou a mão de Julia e levou-a até a sala de estar, onde estava se fortalecendo com um jarro de Bloody Mary. — Então, conte-me tudo! O que aconteceu? Quando? Quantas vezes?

Julia sacudiu a cabeça ao se sentar e aceitou a bebida que Stella lhe deu.

— Sem chance.

— Você tem que me contar. É a minha melhor amiga — disse Stella, algo que surpreendeu Julia. — Esse é o código. Eu te conto tudo que está acontecendo na minha vida.

— Você não me contou sobre Sawyer — ela disse, pegando o talo de salsão que estava na bebida e dando uma mordida.

— Sawyer não está acontecendo na minha vida. Ele já aconteceu. Há muito tempo.

Julia pousou o copo de volta na bandeja.

— Sou mesmo a sua melhor amiga?

— Claro que é.

— Mas você ria de mim no colégio.

Surpresa, Stella sentou pesadamente na cadeira de frente para Julia.

— O colégio foi há muito tempo. Você está dizendo que não pode ser minha melhor amiga agora pelo que aconteceu naquela época?

— Não — disse Julia, sendo honesta consigo mesma pela primeira vez em muito tempo. Seus amigos de Baltimore nunca deram essa sensação. Aceitavam-na pelo que achavam que ela fosse. Stella a aceitava pelo que ela realmente era. Esse lugar a definia. Sempre fora assim. Stella sabia disso. — Acho que você é a melhor amiga que eu já tive.

— Agora sim — disse Stella. — Agora, me conta tudo.

A primeira coisa que Sawyer disse quando Julia apareceu em sua porta, algumas horas depois, foi:

— Vamos tirar isso do caminho. Não há nada entre Holly e mim.

Julia recostou no batente. Era tão bom vê-lo, mas havia tanto a ser dito.

— Vocês dois ficam bonitos juntos. Vocês combinam. Já pensaram em voltar?

— Eu não quero combinar. Holly está vendendo sua parte da casa que temos juntos. Ela vai se casar em algumas semanas. Está grávida. Esqueci completamente que ela vinha para a cidade nesse fim de semana.

— Isso foi culpa minha. Lamento.

— Não se lamente. Faça de novo. — Ele tentou entrar no apartamento dela, mas ela congelou com a mão na maçaneta. Ele deu um passo atrás. — Você não quer que eu entre?

— Não, não é isso. É que... eu sempre tratei esse lugar como temporário. Não tem muita coisa. — Depois de todo esse tempo, ela não acreditava que ainda estava constrangida.

— Não me importo com a aparência do seu apartamento.

— Reação automática. Desculpe. — Ela abriu mais a porta.

Ele entrou respirando fundo com um sorriso satisfeito. Colocou as mãos no quadril, parecendo ter conquistado o Novo Mundo.

— Eu queria subir aqui desde que você voltou. E não é o que você está pensando. Às quintas-feiras, quando eu como pizza com Stella, aquele cheiro incrível do que você sempre está assando... nunca falhou em me deixar inebriado.

— Você conseguia ver? — perguntou Julia.

— Sempre consigo ver. Agora está em você, reluzindo em seus cabelos. — Ele apontou para a mão dela. — Também tem um pouco no punho da sua manga.

Julia dobrou o punho da manga e, claro, tinha farinha e açúcar respingados da manhã.

— Isso é incrível.

— Não vai me levar para conhecer a casa? — perguntou Sawyer.

— Podemos fazer isso daqui. — Ela apontou para cada porta. — Quarto, banheiro, cozinha e sala. — Ela o levou até a salinha minúscula e o convidou para sentar. Ela permaneceu em pé, nervosa demais para se sentar. — A mãe de Stella me deu esse sofá de dois lugares. Eu tenho um belo sofá, mas está no guarda-móveis em Baltimore.

— Acha que vai trazer para cá?

— Eu não sei.

Ela se sentou, obviamente se empenhando para não forçar o assunto.

— É verdade que você se envolveu numa briga com Beverly no restaurante essa manhã?

Isso fez Julia subitamente rir.

— A Stella te disse ou o boato se espalhou tão rápido?

— Ambos. O que aconteceu?

— Eu tinha algumas coisas para tirar do meu peito. Ela também, aparentemente.

— Ouvi dizer que você não está mais vendendo o restaurante — disse ele, cauteloso.

— O que posso dizer? Estou tão surpresa quanto você.

— E quanto ao seu planejamento de dois anos? — Ele hesitou. — Isso significa que você vai ficar?

Ela não respondeu logo.

— Sabe aquela coisa importante que eu queria lhe dizer? Vou dizer agora. Depois vou deixá-lo sozinho para pensar a respeito, está bem?

Uma expressão cautelosa surgiu no rosto dele.

— Sozinho, tipo ir embora e não voltar nunca mais?

— Sozinho, deixando o apartamento para dar uma volta — ela disse. — Depois, quem sabe?

— Está bem — concordou —, pode mandar.

— Fique bem aí. — Ela foi até o quarto e enfiou a mão embaixo da cama, apalpando à procura do livro de álgebra que tinha escondido ali. Abriu o livro e olhou as duas fotos que tinha de seu bebê. Do bebê de Sawyer. Ela havia guardado as fotos nesse livro quando estava na Collier, e nunca conseguiu pensar num lugar melhor onde guardá-las. Deixou o livro na cama e levou as fotos até a sala. Sentia-se nervosa, e sua pele pinicava.

Ele ergueu o olhar quando ela entrou. Antes que pudesse se convencer do contrário, ela entregou as fotos e ele as pegou.

Ela ficou observando enquanto ele olhava, em princípio confuso, depois alerta. Ele olhou para ela num ligeiro solavanco.

— Ela nasceu dia cinco de maio — ela disse. — Três quilos. Não tinha nada de mim e tudo de você. Cabelo loiro e olhos azuis. Um casal de Washington a adotou.

— Eu tenho uma filha?

Ela assentiu, depois saiu antes que ele pudesse fazer mais perguntas.

O calor irradiava das arquibancadas metálicas sob a luz embaçada e ondulante. O cantinho de Julia, quando adolescente, ficava no último assento, junto à cabine de imprensa, num quadrado sombreado de concreto.

Ela não ia ali desde os dezesseis anos. Dava uma sensação diferente, mas misteriosamente igual. Dali, era possível ver o meio do campo, onde tudo tinha acontecido, onde sua vida tinha mudado. O prédio de tijolinhos da escola ficava do outro lado do campo e estava quieto, mas as janelas estavam abertas, indicando que os professores estavam em suas salas, se preparando para o novo ano letivo. O refeitório ficava no térreo, de frente para o campo. Ela pensou no que Sawyer dissera sobre observá-la nas arquibancadas durante o almoço.

Ela já estava lá por pelo menos uma hora, imaginando quanto tempo ele teria com isso, ou se o tempo todo do mundo não seria suficiente, quando algo chamou sua atenção e, no lado esquerdo do campo, ela viu Sawyer caminhando em sua direção.

Ele parou na base das arquibancadas e olhou-a acima. As fotos estavam em sua mão. Era difícil identificar sua expressão. Ele estava zangado? Isso mudaria tudo outra vez? A parte protetora dentro dela deixou-a preparada para essa possibilidade, mesmo sabendo que não se magoaria com tanta facilidade como quando tinha dezesseis anos. Agora ela tinha muito menos expectativas do que naquela época. Tinha uma lista bem longa de “Coisas que Jamais Teria”, e Sawyer sempre estivera nessa lista, juntamente com sua filha, dedos longos e a habilidade de fazer o tempo voltar.

Ele começou a subir as arquibancadas em sua direção. No primeiro passo, ele tinha dezesseis anos, cabelos loiros de querubim, o pedido que toda garota da escola fazia ao soprar as velas do bolo de aniversário. A cada

passo que ele dava, ia ficando mais velho, o rosto de querubim dando lugar às maçãs do rosto mais acentuadas, sua pele ficando mais dourada, seus cabelos num tom de louro mais escuro. Quando chegou a ela, ele era o Sawyer de hoje, dessa manhã... da noite anterior.

Sem uma palavra, ele sentou-se ao lado dela.

— Como sabia que eu estaria aqui? — ela perguntou, já que nem ela mesma sabia que estaria ali até passar caminhando pela escola.

— Intuição.

— Vá em frente — ela disse. — Pergunte.

— Eu não preciso fazer a grande pergunta. Eu sei por que você não me disse.

Ela assentiu.

— Certo.

— Você sabe onde ela está agora? O que ela está fazendo? — Ele olhava as fotos. — Seu nome?

— Não. — Ela puxava os punhos das mangas. — Os documentos são lacrados. Não posso encontrá-la, a menos que ela queira me achar. Você disse que seguia o cheiro para casa quando sua mãe assava um bolo, então, em minha cabeça — e em meu coração —, acho que se eu continuar a fazer bolos, ela irá me encontrar. Que isso irá trazê-la para casa. — Julia olhou para baixo, depois ao outro lado do campo. Para qualquer lugar, menos para ele. — Acho que ela tem sua sensibilidade por doce. Eu não conseguia parar de comer bolo quando estava grávida.

— Foi isso que minha mãe disse sobre quando estava grávida de mim.

— Eu queria tanto ter ficado com ela — ela disse. — Por muito tempo, fiquei zangada com todo mundo por não me ajudarem a tornar isso possível. Levou um tempo até perceber que isso era apenas uma culpa mal direcionada, pois eu não estava bem para cuidar dela sozinha.

Dessa vez, foi ele quem desviou o olhar.

— Pedir desculpas não parece ser o bastante. Eu sinto que lhe devo muito mais. Eu lhe devo por ela. — Ele sacudiu a cabeça. — Não acredito que tenho uma filha.

— Você não me deve nada — ela disse. — Ela foi um presente.

— Seu cabelo ainda está rosa nessa foto. — Ele ergueu a foto em que ela segurava o bebê no hospital. — Quando parou de pintar?

— Quando fui para escola. Cortei tudo, logo depois que essa foto foi tirada.

— Quando começou a fazer a mecha rosa?

Julia nervosamente prendeu o cabelo atrás da orelha.

— Na faculdade. Meus amigos de Baltimore acham que eu faço para parecer radical. Mas eu faço isso porque lembra pelo que sou capaz passar... pelo que eu passei. E me lembra de não desistir.

Houve um longo silêncio. Um homem da manutenção passou dirigindo um cortador de grama pelo campo de futebol, fazendo grandes voltas ao redor. Julia e Sawyer ficaram observando.

— Você vai ficar? — Sawyer finalmente perguntou.

Como se responde isso? Ele parecia bem calmo. Ela não tinha ideia de como ele realmente se sentia.

— Passei tanto tempo dizendo a mim mesma que aqui não era meu lar que comecei a acreditar — respondeu ela, cautelosa. — Fazer parte sempre foi duro para mim.

— Eu posso ser o seu lar — ele respondeu, baixinho. — Seja minha.

Ela olhou-o, estarrecida pelo gesto grandioso e sussurrado, até que ele se virou para ela. Ao ver as lágrimas nos olhos dela, ele abraçou-a. Ela o segurou e chorou, chorou por tanto tempo que sua garganta doía, chorou até que o campo de futebol inteiro estivesse com a grama aparada e o cheiro pairava no ar, com os insetos sobrevoando a pista.

E pensar que, depois de todo esse tempo, depois de toda sua busca e espera, depois de toda a tristeza e o tempo que ela passara longe, ela voltara para descobrir que sua felicidade estava bem ali, onde ela deixara.

Num campo de futebol, em Mullaby, Carolina do Norte.

Esperando por ela.





15

Naquela noite, Emily enfiou as mãos nos bolsos da *bermuda* enquanto caminhava pela calçada. Não havia carros na rua, mas ela ficava prestando atenção para ouvi-los, passando pela escuridão nos intervalos das luzes da

rua, parando, esperando por alguma indicação de que Win teria convidado a cidade toda para isso, como sua mãe fizera.

Desde que viera para Mullaby, Emily tinha descoberto que sua descrença podia ser ainda mais desafiada do que ela imaginava, e uma pequena parte dela se perguntava: “E se fosse verdade? Se gigantes existem, se papel de parede pode mudar sozinho... por que Win não pode fazer... o que ele diz que faz?”. Se fosse real, isso significava que não tinha a ver com vingança. Isso não era sobre o que sua mãe fizera. Quanto mais perto ela chegava, mais ela queria que fosse verdade.

Quando chegou à rua Principal, ela parou na calçada do parque. Não havia ninguém ali. Um luar cinza esverdeado iluminava a área como dedos de bruxa se estendendo pela grama em direção a ela. Ela adentrou o parque, depois se forçou a caminhar até o coreto.

Ficou a alguns palmos de distância da escada principal, olhando, vendo a lua crescente no arco, depois virou de volta para a rua a fim de ver se Win vinha daquela direção.

— Você veio. Eu achei que não viria.

A voz dele assustou-a, vindo do nada.

— Onde você está? — ela chamou na direção do parque, desviando os olhos ao redor enquanto as sombras lhe pregavam peças.

— Atrás de você.

Ela girou de volta ao coreto. As mãos dela tinham começado a tremer, então fechou os punhos com as unhas espetando as palmas das mãos. Olhando atentamente, pôde finalmente distinguir uma silhueta no ponto escuro atrás do palco.

Ela sentiu o coração desanimar.

— Você não está reluzindo — ela disse, como uma acusação, como se ele tivesse se esquecido do aniversário dela ou pisado em seu pé sem pedir desculpa. Doeu e ela se sentiu uma tola por deixar se enganar. Não havia nada de sobrenatural nisso. Era simples e simples era bom. Mais fácil de entender. Afinal, por isso que ela viera essa noite. Para deixar que ele lhe pregasse essa peça. Para tentar consertar alguns erros.

Ela o viu surgir, com seu terno branco se destacando em contraste às sombras. Ele caminhou até os degraus e lentamente desceu. Parou no gramado, a alguns palmos dela. Ela cruzou com seu olhar de forma desafiadora. *Pode descontar em mim,* ela pensou*, eu aguento*.

Levou um momento para que ela percebesse que Win parecia nervoso, incerto. Foi quando aconteceu. Como um sopro na brasa, uma luz começou a irradiar ao redor dele. Ele parecia estar aceso por trás, mas claro que não havia qualquer fonte de luz ao seu redor. Era como se um calor radiante emanasse de sua pele e o cercasse de uma luz branca ondulante. Ele parecia

um sonho da luz do dia no meio da noite. Sua luz era quase viva, tremulante, extensiva. Era profundamente, assustadoramente, linda.

Ele ficou ali, deixando que ela o olhasse. Seus ombros pareceram relaxar um pouquinho quando ele percebeu que ela não ia sair correndo. Mas não era por não querer. Ela simplesmente não conseguia. Seus músculos pareciam petrificados.

Ele deu um passo na direção dela, depois outro. Ela via a luz se estendendo em sua direção. Então, ela sentiu aqueles laços de calor. A sensação era geralmente confortante, mas era decididamente uma experiência diferente poder *ver* o que estava acontecendo.

— Pare — ela mandou com uma voz fina e ofegante. Ela finalmente conseguiu dar alguns passos para trás e recostar, como se fosse cair, e suas pernas instintivamente se moveram para mantê-la de pé. — Apenas pare.

Ele parou imediatamente e ela se afastou cambaleante.

— Você está bem? — ele perguntou.

Ela estava bem? Não, ela não estava bem! Ela se virou de costas para ele, colocou as mãos nos joelhos. Não conseguia puxar ar suficiente.

— Não há o que temer, Emily.

— Como você está fazendo isso? — ela perguntou. — Faça parar!

— Não posso. Mas posso sair do luar. Venha até os degraus. Sente-se.

— Não — disse ela, olhando por cima do ombro e vendo que ele fazia outro movimento em sua direção. — Apenas faça o que tem que fazer para que isso pare.

Ele subiu dois degraus de cada vez e se recolheu na sombra do palco. Ela agradecidamente foi até os degraus para se sentar. Abaixou a cabeça e tentou se concentrar em algo aleatório. *A palavra* letológico *descreve o estado de incapacidade de lembrar a palavra que você deseja*.

Ela acabou erguendo a cabeça, e os pontinhos sumiram de seus olhos. Sentia-se gelada pelo suor frio.

— Não tive a intenção de deixá-la em pânico — disse Win, de trás dela. — Desculpe.

O fato de não ter que virar ainda e olhá-lo ajudava.

— Tem gente aqui olhando? Estamos sendo filmados? É isso?

— Isso não é um truque — ele disse com as palavras embargadas de mágoa. — Isso é o que eu sou.

Ela respirou fundo e limpou a testa com as costas da mão. Se isso era real... então, ela entendia o motivo pelo qual a cidade tivesse ficado tão chocada quando sua mãe trouxera o tio de Win naquela noite.

Coisas estranhas e surpreendentes de fato.

— Como se sente? — ele perguntou. — Quer que eu vá pegar algo para você?

— Não, apenas fique aí. — Ela finalmente levantou e novamente encarou o coreto. — Aqui, todos sabem?

— Todos que estavam lá naquela noite — ele disse, da escuridão. — Minha família se assegurou de que ninguém mais visse desde então.

— Mas eles sabem que você é a luz na mata?

— Sim. Eu faço isso desde garoto, mas muitos de meus ancestrais faziam antes de mim.

— Por que você quis que eu visse?

Ele hesitou, como se agora não tivesse certeza. Subitamente ela se sentiu terrível, como se o tivesse decepcionado. Sua mãe lhe criara melhor que isso. Ela a criara para aceitar e respeitar, a ajudar e jamais temer se envolver. Toda sua vida tinha levado a isso, e ela fracassara. Ela fracassara com Win. Fracassara com a mãe.

Ainda estava no círculo da história. Agora ela estava com medo, com medo por si mesma, com medo por Win, sabendo como isso tinha terminado da última vez.

— Eu nunca soube como chegar às pessoas e dizer “Esse sou eu. Aceite-me pelo que sou” — Win finalmente disse. — Desde o instante em que a conheci, eu sabia que estava destinado a lhe mostrar. Achei que você estivesse destinada a me ajudar.

— Como? — ela perguntou, imediatamente. — Como posso ajudá-lo? Eu não entendo.

— Agora que você viu, pode me dizer que seus sentimentos por mim não são diferentes daqueles que tem durante o dia. Só isso.

Ela endireitou os ombros e recuou mais na direção do parque.

— Desça aqui, Win.

— Tem certeza?

— Sim.

Ele caminhou descendo outra vez, e sua pele voltou a queimar. Parecia pronto para disparar em direção aos degraus, se necessário. Ela se manteve onde estava, apesar do aperto na barriga.

Quando ele finalmente chegou até ela, ela estendeu a mão e pegou a dele para equilibrar tanto a si quanto a ele. Ficou surpresa que a mão dele estivesse simplesmente morna, tão morna quanto sempre fora, não fumegante.

— Dói? — ela perguntou.

— Não.

Ela engoliu em seco. Estava tremendo. Será que ele conseguia sentir?

— Eu acho bonito. Acho que é a coisa mais bonita que eu já vi.

Ele ficou ali em pé, reluzindo como o sol, olhando-a como se *ela* fosse a inacreditável. Ele se aproximou mais dela e quanto mais perto chegava, mais o reluzir parecia se estender até ela. A sensação era como sair da sombra e

caminhar rumo ao sol. Sua luz cercava ambos, saltando em volta, como se dissesse: “Juntos, juntos, agora!”. Ela o viu inclinando ligeiramente a cabeça.

Ele vai me beijar, ela subitamente pensou. Ela sabia disso, de um jeito que não sabia explicar. Do mesmo jeito que você sabe quando um dia será bom no instante em que acorda. Ela havia pensando muito nisso, mais do que queria admitir, porém, de alguma forma, nunca poderia imaginar que seria assim. Não foi nada como ela esperava. E, no entanto... era estranhamente perfeito.

Mas, antes de acontecer, eles se afastaram um do outro, assustados, quando ouviram passos rápidos. A irmã de Win vinha correndo pelo parque na direção deles.

— Win! O que você está fazendo? — perguntou Kylie, ofegante, freando na grama orvalhada. — O papai quer que você volte para dentro. Agora mesmo.

Emily e Win trocaram olhares. Ela não estava acostumada a vê-lo tão hesitante.

— E agora? — perguntou Emily.

— Agora nós lidamos com as consequências e seguimos em frente. Exatamente como da última vez, só que...

— Melhor — ela concluiu para ele.

Ele tocou o rosto dela e sorriu, depois correu pelo parque, rumo à sua casa. Emily e Kylie o olharam ir. Que visão arrebatadora.

— É bonito, não é? — perguntou Kylie.

Emily virou-se para ela, cautelosa, surpresa por ela estar sendo tão legal agora.

— Sim — ela respondeu, baixinho.

— Eu adoraria fazer o que ele faz. Ele não tem ideia — Kylie parou. — Toda minha vida, eu ouvi histórias sobre aquela noite, com meu tio e a sua mãe. Achei que você fosse como ela. Fico contente que não seja. — Ela sorriu como se tivesse recebido um elogio. Emily aceitou a intenção, mas jamais se acostumaria com a forma que a cidade pensava sobre sua mãe, mesmo agora. O círculo rompido da história deveria remover todo o ódio. Mas não acontecera. Emily podia se entrosar ali agora. Mas sua mãe jamais seria aceita. — É melhor que eu vá ver o que está acontecendo lá dentro. Eu te vejo por aí. Com Win, sem dúvida.

Sem luz na pele, Kylie logo desapareceu na noite. Emily ficou ali por um tempo antes de finalmente caminhar para casa.

Emily acordou com o som de alguém esmurrando a porta da frente. Sentou-se rapidamente. Estivera estarrecida e exausta demais para ligar seu MP3 antes de ir para a cama. Quando ela olhou ao redor, o novo papel de parede com fases da lua a levou de volta por um momento. Foi quando tudo voltou, tudo que ela vira na noite anterior.

Ele reluzia.

Então, do nada, o pensamento: *ele quase me beijou*.

As batidas continuaram, e Emily saiu da cama. Ela tinha dormido de roupa, então imediatamente correu até a porta do quarto e desceu a escada.

Para sua surpresa, a primeira coisa que notou foi que a porta estava fechada. Vance geralmente deixava aberta quando ia tomar café. Ela chegou ao pé da escada no momento em que a porta sanfonada do quarto de Vance foi escancarada. O vovô Vance saiu com as marcas do pente ainda nos cabelos. Ele não tinha saído para o café da manhã. Ainda era cedo assim?

Vance não reparou nela na escada quando caminhou até a porta e destrancou.

— Nós precisamos conversar — disse Morgan Coffey da varanda. Seu terno branco de linho estava todo amarrotado, como se ele o tivesse usado a noite toda. Seus cabelos escuros, normalmente com gel, caíam sobre a testa. Isso o fazia parecer mais jovem, mais como Win.

— Morgan? — exclamou Vance, obviamente surpreso. — O que você está fazendo aqui a essa hora?

— Acredite, eu teria vindo mais cedo, mas tive que esperar clarear.

— Entre. — Vance deu um passo atrás e Morgan entrou no salão. — O que há de errado?

Morgan logo notou Emily e se retraiu. Sua raiva chegou até ela numa onda imensa. Ela chegou a dar um passo atrás na escada.

— Imagino que sua neta ainda não tenha lhe contado — ele disse, apontando o queixo para ela. Seu olhar era tão duro que Vance se colocou entre os dois, como que para protegê-la. — Por que você a deixou vir para cá, Vance? Sua família já não magoou suficientemente a minha?

— O que aconteceu? — perguntou Vance.

— Aconteceu — disse Morgan. — Sua neta atraiu meu filho até o parque ontem à noite. Exatamente como da última vez.

— Emily não teve nada a ver com isso — disse Win, da varanda. Ele abriu a porta de tela e entrou. — Eu pedi que ela me encontrasse lá. E não foi nada como da última vez. Emily e eu éramos as únicas duas pessoas no parque.

— Eu lhe disse para ficar em casa — disse Morgan.

— Isso tem a ver comigo. Ficarei aqui para participar.

O vovô Vance parecia confuso. Ele virou-se para ela.

— Emily?

— Achei que, quando eu aparecesse, ele faria algo para me humilhar, se vingar pelo que minha mãe tinha feito. Não acreditei quando ele disse que reluzia. Não acreditei quando ele disse para encontrá-lo, e ele me mostraria.

— Criança, por que você foi se achou que ele iria humilhá-la? — perguntou Vance, incrédulo.

— Achei que ajudaria a compensar pelo...

Vance ergueu a mão do tamanho de uma frigideira.

— Pare, pare agora. Você não tem que compensar por nada que sua mãe fez. Morgan, isso acaba agora.

— Você vai lhe dar uma folga, como fez com sua filha.

O rosto do vovô Vance se retraiu. Ele estava zangado. E um gigante zangado é uma visão e tanto.

— Nunca dei desculpas por Dulcie, e sempre aceitei a culpa pelo que aconteceu, por não ser capaz de controlá-la. Mas, ouça bem, minha neta *não* é Dulcie, e eu não vou tolerar que ela seja tratada dessa forma.

Morgan limpou a garganta.

— Eu me sentiria mais à vontade se você se sentasse, Vance.

Vance não cedeu.

— Ninguém jamais fica à vontade perto de mim. E você, de todas as pessoas, deve saber como é essa sensação.

— Quero que ela fique longe do meu filho.

— Eu tenho visto seu filho na mata atrás da minha casa já faz tempo. O problema não é Emily ficar longe dele — disse Vance, firmemente.

Morgan lançou um olhar zangado para Win.

— Você não pode me fazer ficar longe dela — disse Win.

— Você não aprendeu nada com seu tio? — perguntou Morgan.

— Sim, aprendi. Aprendi que é preciso coragem para se amar alguém que sua família não aprova.

— Você não ama essa moça de verdade — disse Morgan com uma incredulidade clara.

Emily não conseguia tirar os olhos dele. Ele a amava? Mas Win simplesmente encarava o pai numa disputa de poder.

— Meu irmão cometeu suicídio por causa da família dela — Morgan disse a Win. — Isso não significa nada para você?

— Isso foi decisão dele — Win retrucou, e ela estava impressionada pela forma como ele estava compenetrado. Morgan Coffey era uma força a ser considerada, mas Win também era. Ela se perguntava se Morgan sabia disso, se ele entendia. Muito da força inacreditável de Win era por conta de seu pai. — Mas acho que ignorar o que ele sacrificou é estupidez. Ele nos deu a oportunidade de viver vidas normais.

— A *minha* vida nunca foi normal desde que aquela aconteceu! Sua mãe jamais me perdoou por não contar a ela.

— E você quer o mesmo para mim? Eu quis mostrar a ela. Eu não queria que fosse um segredo. E o mundo não acabou. Ela não me rejeitou, pai. Isso não é você e a mamãe. Isso não é a Dulcie e o Logan. Isso sou eu e a Emily. É uma história totalmente diferente.

No silêncio que seguiu, Vance disse:

— Deixe que eles vivam a vida deles, sem nossa interferência, Morgan.

Mas Morgan não queria abrir mão. Ele apontou para Emily:

— Sua filha atraiu meu irmão até o parque naquela noite. Ela o enganou! Ela arruinou tudo.

— Abaixe a mão, Morgan — avisou Vance. — Só direi isso mais uma vez. Minha neta não é Dulcie, e eu não vou tolerar que você a culpe pelos pecados da mãe.

— E o que você vai fazer a respeito?

Vance deu um único passo na direção dele.

— Eu vou contar a verdade. Você fez Logan e sua família se passarem por vítimas, e eu deixei que isso acontecesse porque Dulcie quis assim. Ela foi embora sabendo que seria caluniada. Ela partiu para facilitar as coisas para vocês, a primeira atitude abnegada que ela teve.

Emily, que estivera olhando para Win, todo esse tempo, subitamente girou a cabeça.

— Do que está falando, vovô Vance?

— Vamos embora, Win — disse Morgan, rapidamente.

— Não, eu quero ouvir isso.

— Logan já era problemático muito antes de Dulcie entrar em sua vida — disse Vance. — Várias vezes ele já tinha tentado cometer suicídio, algo que ninguém sabia, exceto sua família. Mas Logan contou a Dulcie. Ele e sua mãe estavam apaixonados. Ao menos, sua mãe estava apaixonada por ele. Eu nunca a vira daquele jeito. Ela entalhou corações com as iniciais deles pela cidade inteira, em todas as superfícies de madeira que achava.

— Espere, a minha mãe que entalhou aquelas iniciais? — perguntou Emily. — Não foi o Logan?

Ele assentiu.

— Ela estava apaixonada. Habitualmente era uma garota vigorosa, sempre fazendo tudo a seu modo, mas foi muito diferente com Logan. Ele era tímido em público, mas, intimamente, conseguia controlá-la como ninguém. Sabendo o quanto ela ficaria zangada, ele disse que eles não poderiam ficar juntos porque a família dele não aprovava. Ele disse que sua família tinha segredos demais e não deixaria que ele se casasse com qualquer uma. Mas havia uma solução, ele dissera. Então, Dulcie concordou em convidar todos da cidade para a tal performance que ela faria, sabendo tratar-se de uma estratégia, uma oportunidade para que Logan se mostrasse naquela noite, diante da cidade inteira. Mas ela achava que seria apenas uma declaração simbólica de amor por ela. Dulcie não imaginava que o motivo para que os Coffey não saíssem à noite era o fato de reluzirem. Ela achava, como todos nós, que isso era apenas mais uma coisa que eles faziam como elite, para se manterem separados da massa de classe média da cidade. Na verdade, eu ainda me lembro que várias famílias importantes da cidade não saíam à noite somente porque os Coffey não saíam.

— Ela não o enganou? — perguntou Emily.

— Se alguém enganou, foi ele a ela. Dulcie ficou tão perplexa quanto o restante de nós. Logan foi até ela depois do que aconteceu, mas ela não queria falar com ele. Não sei se ele já planejava cometer suicídio depois de expor o segredo da família ou se ele apenas ficou tomado de remorso, possivelmente intensificado pela rejeição de Dulcie. Só a família dele sabe isso. Eu sei que ele *queria* se revelar. Ele queria que as pessoas soubessem.

Emily não pôde evitar pensar no paralelo em relação a Win. Sua família obviamente vinha tentando obter aceitação, pelo que eles realmente eram, há gerações.

O rosto de Morgan agora apresentava manchas vermelhas.

— Ninguém vai acreditar em você. Jamais vão acreditar que Dulcie era a inocente. E eu sempre manterei que ela poderia tê-lo impedido. Ela poderia ter impedido que ele fosse se mostrar naquele palco. Ela poderia tê-lo impedido de se matar. Ele a amava. Deu-lhe um objeto de herança familiar. — Ele apontou para o pulso de Emily, para a pulseira de pingentes. Emily automaticamente colocou a mão sobre a pulseira. — Nossa mãe deu a ele, para que ele desse à mulher com quem se casasse, como tinha sido dado a ela na noite de seu casamento. O fato de ele ter dado a Dulcie significava algo. Mas se ele tivesse se apaixonado por alguém menos egoísta e mais compassiva, talvez estivesse vivo hoje. Nosso segredo talvez ainda fosse um segredo. Da forma como sempre foi destinado a ser.

— Emily agora sabe a verdade — disse o vovô Vance, calmamente. — Só isso que importa. Eu não tenho intenção de contar a ninguém mais.

Ela não sabia por que era tão importante para Morgan que as pessoas acreditassem que seu irmão havia sido enganado. Talvez isso tornasse mais fácil lidar com a morte do irmão. Ou talvez ajudasse a família, sabendo que a cidade não achava que Logan fosse problemático ou manipulador. O fato de não ter um estigma como esse ligado ao reluzir só podia ajudar. Isso provavelmente facilitava para que a cidade aceitasse o que eles haviam visto, ou se compadecesse. Emily se deu conta de que sua mãe soubera disso. Por isso que ela havia assumido a culpa. E esse havia sido seu primeiro passo para uma vida diferente.

— Eu também não direi a ninguém — ela afirmou.

Morgan voltou-se para Win.

— Eu vou pensar a respeito — disse Win.

— Você irá pensar a respeito em casa. Está de castigo.

Morgan virou-se e saiu pela porta da frente. Ele segurou a porta de tela aberta para Win. Mas Win caminhou até Vance.

— Eu gostaria de levar sua neta para um passeio quando minha punição terminar, se eu tiver sua permissão — Win estendeu a mão.

— Win! — Morgan chamou.

Vance parecia tão surpreso quanto Morgan, mas ele lentamente estendeu a mão e apertou a de Win.

— Win! Agora!

Win virou e, depois de olhar para Emily, que ainda estava na escada, disse:

— Poderei vê-la em breve?

Ela assentiu. Ele deu um sorriso tranquilizador, depois virou e saiu.

Morgan deixou a tela bater ruidosamente atrás deles.

Emily e Vance não se moveram por alguns instantes, ambos encarando a porta. Emily finalmente virou para o avô.

— Por que não me contou a verdade desde o início?

— Ela me fez jurar não contar a ninguém. — Ele parecia cansado. Caminhou até a escada e sentou, despencando como uma âncora. Ela ainda estava em pé, mas ele era tão grande que ficava mais alto que ela, mesmo sentado. — Lily tinha uma prima que morava em San Diego. Eu providenciei para que Dulcie fosse morar com ela. Para estudar lá. Eu lhe dei uma boa quantia em dinheiro e ela foi embora na véspera do enterro de Logan. Ela tentou fazer dar certo, mas eu não sei onde ela poderia se entrosar depois do que havia acontecido. Ela parou de estudar depois de alguns meses. Depois de mais alguns meses, ela fugiu. Recebi cartões-postais durante alguns anos. Depois, mais nada.

— Por que não foi procurá-la? — questionou Emily.

Ele sacudiu os ombros.

— Porque eu sei que ela não queria ser encontrada. Ela sabia que, se entrasse em contato comigo, eu lhe daria qualquer coisa. Mas ela não queria mais isso. Uma vida boa e decente para ela só seria possível se ela deixasse tudo para trás. Os Coffey, Mullaby... eu.

— Ela poderia ter voltado e contado a verdade! — disse Emily. — E então, todos veriam que boa pessoa ela se tornou. Ela poderia ter se redimido.

— Acho que ela encontrou a redenção por outros meios — disse o vovô Vance, olhando para baixo nas mãos enlaçadas. — Quando partiu, ela me disse que, quando tivesse filhos, jamais os criaria como eu a criei. Disse que os ensinaria a ter responsabilidade. Ela disse que seus filhos não seriam em nada como ela. Gosto de pensar que, em algum ponto da vida, ela me perdoou. Mas eu mereço, se ela não perdoou. — Ele respirou fundo. — Uma coisa é certa, ela criou uma filha notável.

Emily parou, depois sentou ao lado dele nos degraus. Ela pousou a mão sobre a dele.

— O senhor também, vovô Vance — ela disse.

E, pela primeira vez, ela achou que talvez estivesse tudo bem se eles fossem as únicas pessoas ali que soubessem disso.

O importante é que eles sabiam.

Vance debatia se saía ou não para tomar café naquela manhã, mas acabou resolvendo ir, porque não queria responder perguntas por sua ausência. Ninguém tinha que saber o que havia acontecido ali naquela manhã.

Quando voltou do café, algumas horas depois, ele estava exausto, e não era sua exaustão normal, o tipo que sentia a cada minuto. A tensão do confronto com Morgan o fazia ter a sensação de ter sobrevivido a uma colisão. Os músculos de seu pescoço doíam, e as juntas estavam rijas. Ele estava mais que pronto para deitar e tirar um cochilo.

Mas, em vez de ir direto ao seu quarto, ele foi olhar a secadora.

Ele não tivera a intenção de ficar tão zangado com Morgan. Não se zangava com outras pessoas com facilidade. Não havia sentido nisso. A pessoa de quem você fica com raiva, raramente se arrepende. Agora, ficar com raiva de si mesmo tem algum mérito. Isso demonstra algum senso de punição à única pessoa que poderia ter alguma esperança em se beneficiar por isso. E ele estava plenamente zangado consigo mesmo.

Por muitas, muitas coisas.

Por deixar isso ir longe demais. Por viver demais no passado. Por não ter sido um pai melhor para Dulcie. Por já ter perdido tanto da vida de Emily.

Ele caminhou até a lavanderia e abriu a porta da secadora. Esticou o braço, dobrando o quadril, e tentou não gemer com o esforço. Sentia-se um homem muito pequeno carregando um corpo que era grande demais para ele.

Enfiou a mão lá dentro, esperando sentir a curva lisa e fresca do interior da secadora. Em vez disso, seus dedos encostaram em algo pegajoso. Algo que se mexeu.

Ele puxou a mão e cambaleou para trás.

Um sapo pulou para fora.

Ele ficou olhando, paralisado.

Observou-o pulando pelo chão da lavanderia e, por um momento, esperou ver os sapatos de Lily. Ele chegou a erguer os olhos, esperando que ela aparecesse ali rindo, como fizera da última vez.

Mas não tinha ninguém ali.

Ele olhou novamente abaixo e viu que o sapo tinha sumido. Rapidamente saiu da sala e, quando atravessou o portal, sentiu que havia entrado numa brisa perfumada. Até seus cabelos se mexeram. As mangas de sua camisa tremularam.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

Lily.

O ar estava salpicado com seu espírito. Ele ficou imóvel por um bom tempo, sem querer perdê-la. Respirou fundo, com o coração doendo, enquanto, a cada inalada, o aroma desaparecia.

E ela partira novamente.

Quando ele abriu os olhos, viu o sapo sentado na porta da cozinha. Ele virou-se e se espremeu, passando por um rasgo na tela da porta. Vance automaticamente o seguiu.

Ele abriu a porta de tela e viu o sapo pulando pelo quintal dos fundos. Caminhou atrás dele até os fundos do terreno. O sapo parou no coreto e ficou olhando para ele.

Vance hesitou, depois olhou em volta. Emily obviamente estivera ali aparando os arbustos ao redor do coreto. Ele subitamente se lembrou de que Dulcie tinha feito isso também depois que Lily morrera. Ela se esforçara muito para manter, sozinha, as coisas funcionando e só tinha doze anos. Ele deveria ter sido presente para ela, deveria ter cuidado das coisas em vez de jogar dinheiro em cima dela. Mas ele desmoronou, assim como tudo à sua volta.

Lily não ia gostar das coisas assim. Talvez isso que ela estivera tentando lhe dizer. Da última vez que ela colocou o sapo na secadora, era para dizer-lhe que parasse de se ater à forma como as coisas eram antes, parasse de temer a mudança ou o que viria a seguir.

Ele tinha de parar de desperdiçar o tempo que ainda possuía. Tinha uma neta a cuidar.

Ele respirou fundo e assentiu para o sapo, concordando com uma pergunta silenciosa. Certo. Ele iria ligar para o antigo jardineiro. Sabia que o paisagismo ainda era um ofício da família. Mandaria arrumar o lugar. Virou-se para a casa. Não parecia nada com a época em que Lily estava viva. Ele ia contratar alguém para consertar o telhado. Um pintor.

Sim.

E daria uma mesada a Emily. Ele teria que conversar com ela sobre a faculdade. Talvez ela fosse para a Estadual, onde Lily tinha estudado e que ficava apenas a um rápido trajeto de carro de distância. Talvez ela quisesse morar ali depois que se formasse.

Sim.

Ele ia construir uma casa para ela, no lago, talvez como presente de casamento.

E se ela se casasse com Win Coffey?

Não seria um casamento noturno, isso era certo.

Ou, conhecendo Win, talvez fosse.

Ele sorriu ao pensar como Emily ficaria no dia de seu casamento. O vestido de noiva de Lily estava no sótão. Talvez ela quisesse usá-lo.

Julia, é claro, faria o bolo.

Ele deu uma curta risada por estar se antecipando tanto.

Podia ser alto o suficiente para enxergar o amanhã, mas ele não olhava nessa direção há muito tempo.

Esquecera-se o quanto era radiante.

Tão radiante que ele mal podia suportar.

Sete dias depois, Emily sentia estar vivendo numa bolha, esperando terminar a punição de Win. Ela começou a se perguntar se o pai dele o colocara de castigo pelo resto da vida.

Não que deixasse de ter coisas de sobra para distraí-la. Vance estava subitamente num fervor de consertos pela casa, o que era bom, exceto pelo fato de que Emily acordava todas as manhãs ao som de marteladas no telhado, ou ao rugir de um cortador de grama no quintal dos fundos, ou ao cheiro forte de tinta. Quando Emliy perguntou a Vance qual era a pressa, ele lhe disse que a chuva vinha chegando e queria todo o trabalho feito antes disso.

Uma onda de calor tinha assolado Mullaby naquela semana, então Emily não podia acreditar que a chuva fosse chegar logo. Mas, a cada vez que ela descia irritada pelo calor, o vovô Vance lhe dizia que não se preocupasse, pois a chuva viria refrescar as coisas. Quando ela finalmente perguntou como ele sabia, ele lhe disse que suas juntas dos cotovelos lhe diziam. Ela não discutiu, pois realmente não queria saber por que ele falava com as juntas dos cotovelos.

Todo dia, quando Vance tirava seu cochilo da tarde, ela ia ao lado com a desculpa de passar um tempo na casa com ar-condicionado. Mas isso não funcionava muito a seu favor. Apesar do calor, todo dia Julia fazia um bolo com a janela da cozinha aberta. Quando Emily perguntou por que, ela disse que estava chamando alguém. Emily não questionou isso. O fato de Julia acreditar já era suficiente para Emily. Enquanto Julia assava os bolos, Emily contava sobre Win, e Julia pareceu contente por Emily agora saber. Emily sabia que Julia perdoara sua mãe pelo que ela fizera. Julia parecia estar perdoando muito ultimamente. Tinha perdido muito de sua inquietude.

Todos os dias, às cinco da tarde, Julia saía com o bolo que havia assado, bem na hora em que Stella chegava em casa, voltando do trabalho. No sétimo dia em que isso aconteceu, Emily finalmente perguntou a Stella para onde Julia estava levando os bolos. Em princípio, ela presumiu que ela estivesse levando os bolos para seu restaurante, mas ela passou a ficar curiosa quando percebeu que Julia nunca voltava à noite.

— Ela leva os bolos para o Sawyer — disse Stella.

— Ele come tudo isso de bolo? — perguntou Emily.

— Não se preocupe. Ele queima todas as calorias depois — Stella pareceu chocada consigo mesma. — Apague isso. Você não ouviu isso. Droga. Eu preciso de um copo de vinho. Lembre-se, faça como eu digo, não como eu faço.

Emily gostava de ficar sentada na varanda dos fundos com Stella depois que Julia saía, gostava do ritmo lento do dia adentrando a noite, esperando para jantar com seu avô. Às vezes, Stella falava sobre a mãe de Emily. Ela era uma contadora de histórias campeã e tinha um passado endiabrado, o

que formava uma excelente combinação. Emily nunca sentira nada exceto a felicidade de Stella com sua vida, como era agora. Ela tinha impressão de que as histórias valiam mais que o desejo que Stella tinha de voltar atrás e fazer algo diferente.

Naquela noite, quando seguiu para casa, ela percebeu que o calor deixava as coisas ainda mais lentas em Mullaby, se é que isso era possível.

Ainda havia turistas de sobra, mas a vizinhança estava calma, somente com o ruído ocasional de um aparelho de ar-condicionado vindo das casas pelas quais passava. Era como se todos estivessem parados, esperando que algo acontecesse.

Finalmente, naquela noite, aconteceu.

Um temporal extraordinário irrompeu ao cair da noite. Veio com tanta força que Emily e Vance tiveram que correr pela casa, fechando as janelas. Eles riam ao fazê-lo, como se fosse um jogo, depois ficaram em pé, na varanda da frente, assistindo aos lençóis de chuva. O fim daquele dia dava a sensação de que ela chegara ao fim de uma história, e Emily subitamente se sentiu triste. Ela arranjou desculpas para ficar acordada com o vovô Vance. Eles jogaram cartas e olharam álbuns de fotografias que Vance magicamente arranjou, cheios de fotos de sua mãe.

Finalmente, o vovô Vance disse que estava cansado e ela relutantemente lhe deu boa-noite. Ela subiu e foi para seu quarto, percebendo que tinha se esquecido de fechar as portas de sua varanda. A chuva voava para dentro, e o chão estava encharcado. Ela ficou quase uma hora passando pano no chão, nas portas, nas paredes e nos móveis que estavam perto. Jogou todas as toalhas molhadas na banheira, depois tirou a roupa molhada.

Colocou uma camisola de algodão e se jogou na cama. A temperatura tinha caído consideravelmente, e parecia quase imoral se cobrir com um lençol. A chuva batendo nas janelas da varanda parecia feita de pingos de moedas.

Algumas horas depois, ela acordou inconscientemente chutando o lençol. Tudo estava quieto, um estranho tipo de quietude que dava a impressão de uma frase não terminada. A tempestade tinha passado e agora estava um calor desconfortável em seu quarto.

Ela abriu os olhos e viu que agora o luar estava filtrando pelas frestas da cortina sobre as portas fechadas da varanda. Ela lentamente saiu da cama e foi abri-las. Os galhos das árvores estavam tão pesados de água de chuva que alguns deles quase tocavam o chão da varanda. O calor de uma noite típica de verão estava de volta, a umidade opressiva, mas o luar refletia nas superfícies molhadas e fazia a vizinhança parecer coberta de gelo.

Tudo isso tinha sido tão estranho no começo. Logo que chegou, ela não imaginava que a amaria tanto esse lugar como amava agora.

Havia muitas coisas que ela não imaginava logo que chegou.

Coisas estranhas e surpreendentes.

O luar brilhava pela porta e se lançava sobre as paredes, adentrando alguns centímetros, o suficiente para que ela subitamente notasse que o papel de parede com fases da lua tinha sumido. Agora tinha uma cor escura curiosa que ela não conseguia identificar muito bem, pontuada por faixas amarelas. Quase pareciam portas escuras e janelas abrindo, deixando a luz entrar. O papel de parede geralmente era um reflexo de seu humor, ou da situação, mas o que isso significava? Alguma nova porta estava se abrindo? Algo estava sendo posto em liberdade?

Quando finalmente percebeu o que queria dizer, ela girou, com os olhos percorrendo ao redor do quarto, até que finalmente o encontrou.

Win estava sentado no sofá de frente para sua cama. Ele estava inclinado à frente, com os cotovelos nos joelhos, as mãos enlaçadas.

— Minha punição terminou à meia-noite — ele disse.

O coração dela disparou. Era tão bom vê-lo. E, no entanto, ela se sentia inesperadamente estranha.

— Então... então, você ia ficar aí sentando até que eu acordasse?

— Sim. — Ele levantou. E fez um som farfalhado no silêncio. Ele caminhou até as portas da varanda. Ela estava em pé, no quadrado enluarado, e ele parou pouco antes, como se fosse uma linha que não pudesse ultrapassar.

— Quase me esqueci do seu rosto — ela brincou. Piada ruim. Por que estava tão nervosa?

Porque ele quase a beijara.

— Eu passei todo o tempo me lembrando do seu rosto — ele retrucou, sério.

— Eu estava com gente martelando, cerrando e cortando grama ao meu redor. Era difícil se concentrar.

Ele lançou um olhar divertido.

— Essa é sua desculpa?

— E não tem ar-condicionado nessa casa. Você sabe como é difícil se concentrar sem ar-condicionado? — Ela precisava parar, mas não conseguia.

— Seu avô mandou cortar o galho mais comprido do carvalho, um que vinha até sua varanda. Eu tive uma dificuldade infernal para chegar aqui em cima dessa vez.

Isso finalmente a fez parar. Ela olhou-o na sombra.

— Quantas vezes você subiu aqui?

— Algumas.

Ela subitamente pensou no dia em que chegou a Mullaby.

— No dia que eu cheguei, minha pulseira estava na mesa...

— Eu sabia que você estava chegando naquele dia — ele explicou. — Eu estava curioso sobre você. Encontrei a pulseira na calçada da frente.

— Você não precisa mais entrar aqui escondido — ela disse. — Agora está tudo às claras, não é?

A resposta dele foi adentrar a luz diante dela, tão perto que eles quase se tocaram.

Em princípio, nada aconteceu. Mas depois, como se ele esquentasse tanto que fosse ficando branco, a luz ao redor dele parecia arder. Ela olhou acima, para ele, que a observava atentamente.

— Eu menti — ela sussurrou.

Ele pareceu preocupado e começou a recuar.

— Sobre o quê?

Ela estendeu a mão e o deteve.

— Quanto a me esquecer de seu rosto. Eu jamais me esqueceria disso. Eu *nunca* vou me esquecer disso — ela disse. — Em toda minha vida.

Ele sorriu e segurou o rosto dela com as duas mãos.

Então, ele finalmente a beijou.





Maddie Davis arrumou sua mochila no ombro enquanto caminhava pela calçada. Ela tinha chegado a Mullaby ontem, e estava ficando na hospedaria da rua Principal. Seus pais tinham providenciado. Ela queria fazer isso sozinha, mas entendia que os pais estivessem preocupados e, se o fato de pagarem para que ela ficasse na pousada elegante fazia com que se sentissem melhor, então, ela faria o sacrifício de passar por isso, obedientemente comendo o chocolate que deixavam em seu travesseiro toda noite.

Ela não tinha dormido bem na noite anterior. A lua cheia entrara pela janela banhando seu quarto, e ela havia passado a maior parte da noite encolhida numa poltrona, olhando o parque de frente para a pousada. No café da manhã, a empregada da pousada lhe dissera que a lua cheia de agosto era chamada de Lua do Esturjão. Ela deixava as pessoas inquietas, ela dissera, como se houvesse coisas demais a fazer, peixes demais a pescar.

Depois do café da manhã, Maddie tinha falado com a mãe, tentando deixar as coisas leves. Mas sua mãe ainda parecia nervosa.

— Talvez o meu sarcasmo finalmente seja explicado — brincara Maddie. — Talvez seja simplesmente inato. Isso significa que não é culpa sua. — A mãe não riu. Maddie deveria saber. Seus pais eram as pessoas mais bondosas que ela conhecia, mas eles não tinham o mesmo senso de humor de Maddie. Ainda cedo, ela tinha aprendido a conter a língua esperta quando estava perto deles.

Fazia uma perfeita manhã ensolarada de segunda-feira. Conforme Maddie caminhava, ela respirou fundo, sentindo o ar adocicado e seus ombros relaxaram um pouquinho. Ela gostou dessa cidade, que a fazia lembrar-se de algo que ela não conseguia identificar.

Ela viu a placa pendurada acima da porta, adiante.

J’s Barbecue.

Por algum motivo, ela parou. Seus pés simplesmente não se moviam. As pessoas atrás dela tiveram que contorná-la conforme passavam.

Ela havia pensado sobre isso durante anos e chegara a hora. Mas tinha tentado diminuir a seriedade do acontecimento, reservando apenas alguns dias para isso. Ela havia espremido a viagem entre o fim de seu estágio no escritório de advocacia do pai e o primeiro dia de aula na Georgetown, onde cursaria o terceiro ano de faculdade. Mas agora que realmente ia acontecer, ela não tinha certeza se queria ir até o fim. A que isso realmente levaria? Ela tinha um ótimo relacionamento com seus pais adotivos. Já sabia o suficiente de sua mãe biológica para juntar os pedaços e concluir o motivo para que ela tivesse dado Maddie em adoção. Julia Winterson tinha dezesseis anos e era aluna do Reformatório Collier, hoje uma instituição extinta, mas que tinha sido inovadora, à época, sendo um colégio interno para meninas problemáticas. Havia sido fechado alguns anos antes por conta de cortes de orçamento. Julia

agora vivia numa cidadezinha com tradição em churrasco, na Carolina do Norte, e era dona de um restaurante. Ela nunca tinha se casado. Nunca tivera mais filhos. O detetive particular que seus pais contrataram em nome de Maddie conseguira até uma foto de Julia. Ela era bonita e elegante, mas com uma expressão distante nos olhos escuros. Maddie, com seus cabelos loiros e olhos azuis, não se parecia muito com ela, exceto talvez um pouquinho ao redor da boca. Ela imaginava ter puxado o pai biológico, quem quer que ele fosse. Seu nome não estava na certidão de nascimento. Isso era algo que só Julia poderia lhe dizer.

Ela começou a andar novamente, mas seu coração estava disparado. Ela podia ouvi-lo em seus ouvidos. Estava quase diante da grande vitrine do restaurante quando parou novamente, dessa vez desmoronando de costas na parede de tijolinhos da fachada. Ela pousou a mochila nos pés e cobriu os olhos com as palmas das mãos.

Não seja uma molenga, disse a si mesma.

Deixou as mãos caírem nas laterais.

Quando abriu novamente os olhos, viu que estava em pé diante de dois adolescentes sentados num banco do lado de fora do restaurante. A garota tinha cabelos esvoaçantes e estava de *shorts* e camiseta regata. O jovem vestia um terno de linho branco e gravata-borboleta vermelha. Eles estavam inclinados em direção um ao outro, com as testas quase encostadas, e o cara segurava a mão dela, passando lentamente o polegar em seu punho. Eles estavam em seu próprio mundo. O príncipe e a princesa de seu próprio reino. Isso fez Maddie sorrir.

Ambos ergueram o olhar quando a porta do restaurante se abriu. Maddie virou a cabeça, arregalando os olhos. O idoso que estava saindo teve que se abaixar sob o portal para sair. Ela nunca tinha visto alguém tão alto.

Os adolescentes levantaram quando o viram. O gigante caminhou até eles com passos estranhos, as pernas rijas. O jovem estendeu a mão e o gigante apertou. Eles trocaram algumas palavras, riram de alguma coisa, depois o cara de terno branco virou e foi andando pela calçada.

Quando passou por Maddie, ele sorriu levemente e acenou com a cabeça de forma educada. Ela o observou se afastar, depois virou de volta para o gigante e a garota. O gigante entregou um saco de papel à garota. Ele o pegou e juntos eles caminharam pela calçada. Maddie ergueu a cabeça para olhá-lo quando ele passou.

Ela se sentia numa estranha fábula, como se tivesse acabado de cair no fim de uma história.

A porta do restaurante abriu novamente e dois homens saíram. Centelhas prateadas reluzentes lá de dentro flutuavam no ar e pairavam ao vento, passando por ela. Ela respirou fundo e isso a fez endireitar a postura. Açúcar, baunilha e manteiga. Aquele aroma implacável a seguira por toda sua vida. Às

vezes, ela podia vê-lo, como agora, mas, na maioria do tempo, podia senti-lo. Quando era criança, podia estar sentada na sala de aula, na escola, ou passeando com seu cachorro Chester, ou no meio de uma monótona aula de violino, com seu irmão mais velho, e o cheiro subitamente surgia do nada, deixando-a inexplicavelmente inquieta. Mesmo agora, ela acordava no meio da noite e jurava que alguém estava assando um bolo em casa. Suas colegas de quarto achavam que ela era maluca.

Foi a familiaridade do cheiro que lhe deu coragem para pegar sua mochila, caminhar até a vitrine e olhar dentro do restaurante. Era um lugar simples e comum, mas estava abarrotado.

Os olhos de Maddie logo foram até a mulher que estava atrás do balcão. Lá estava ela.

Julia Winterson.

A mulher que dera à luz Maddie.

Ela estava sorrindo, conversando com um homem bonito de cabelos loiros, sentado do outro lado do balcão. Maddie passara horas incontáveis olhando a fotografia dada pelo detetive particular. Na vida real, Julia parecia bem mais feliz, mais estabelecida.

Maddie manteve os olhos nela, através da vitrine, enquanto lentamente caminhava até a porta. Quando chegou à porta, ela viu que havia um folheto preso com fita isolante que dizia:

> *Bolos da Garota de Olhos Azuis:*
> *Bolos especiais, para qualquer ocasião. Informe-se.*

Outra pessoa saiu e, ao vê-la, segurou a porta para ela.

— Está pronta? — perguntou o homem.

O fim de uma história. O começo de outra.

— Sim, estou pronta — respondeu, depois entrou.

UM ANO DE LUAS CHEIAS EM MULLABY

A lua cheia em janeiro: Lua do lobo

Segundo a tradição, nessa lua, os lobos uivam famintos, do lado de fora dos vilarejos nativos americanos. Quando chega a lua cheia em janeiro, as pessoas tendem a comer demais, beber demais e brincar demais, tentando preencher o vazio do inverno.

A lua cheia de fevereiro: Lua da neve

Fevereiro é tradicionalmente quando caem as maiores nevascas. Ao dormirem sob a lua cheia da neve, as pessoas frequentemente sonham com lugares onde preferiam estar.

A lua cheia de março: Lua da minhoca

Na primavera, o solo se suaviza e as minhocas reaparecem... assim como os pássaros, que as comem. É difícil resistir ao atrativo da possibilidade de ser flagrado ao fazer algo ousado ou escandaloso durante a primeira lua cheia de março.

A lua cheia de abril: Lua cor-de-rosa

Essa lua cheia marca o surgimento da phlox rosada, uma flor que aparece no início da primavera. A quantidade de esperança no ar durante a lua cheia cor-de-rosa transforma esse período no melhor momento para pedir alguém em casamento.

A lua cheia em maio: Lua do leite

A abundância de verduras nessa época do ano dá às vacas e às cabras o potencial para produzirem um leite rico e fortificado. As pessoas costumam se achar mais atraentes sob a lua cheia do leite.

A lua cheia de junho: Lua de morango

Junho é tipicamente quando os morangos maduros são colhidos. A melhor época para buscar o perdão é sob a lua de morango. A doçura parece pairar nessa época.

A lua cheia de julho: Lua de rena

É nessa época que os chifres começam a nascer nas cabeças das renas. Os jovens dão cabeçadas e geralmente se exibem sob essa lua.

A lua cheia de agosto: Lua do esturjão

A lenda nativa americana diz que o esturjão dos grandes lagos e do lago Champlain são mais facilmente capturados durante a lua cheia de agosto. Essa lua cheia tende a deixar as pessoas se sentindo inquietas e oprimidas.

A lua cheia em setembro: Lua da colheita

Essa lua cheia é a mais próxima do equinócio de outono, iluminada o suficiente para permitir que os agricultores trabalhem até tarde da noite em suas colheitas. Tempo de introspecção. As pessoas frequentemente ficam temperamentais nessa lua.

A lua cheia em outubro: Lua dos caçadores

Historicamente, depois da colheita, com as folhas caindo e os campos nus, fica mais fácil enxergar e caçar sob essa lua cheia. Se você olhar para a lua cheia dos caçadores com uma pergunta, ficará claro o que deve ser feito.

A lua cheia de novembro: Lua de castor

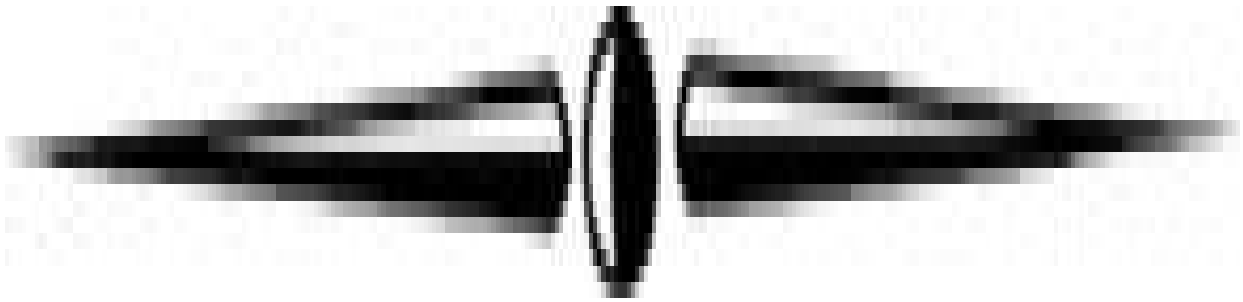
As armadilhas para castores são colocadas nessa época, antes do congelamento das águas, para que as peles sejam abundantes nos meses frios adiante. Para algumas pessoas, a lua cheia de castor é a última chance de fazer algo que vêm sendo adiando antes que o peso do inverno recaia sobre elas.

A luz cheia de dezembro: Lua de frio

A lua cheia que anuncia as noites longas, escuras e frias, que estão por vir. Inquestionavelmente, a melhor lua do ano para dormir.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, meus agradecimentos eternos à minha família e aos meus amigos, por seu amor, seu apoio e sua paciência. Agora vou parar de falar de churrasco. Prometo. E meu agradecimento especial a Andrea Cirillo, Kelly Harms Wimmer, Shauna Summers e Nita Taublib. Esse livro não poderia ter sido feito sem a contribuição de vocês. Eu lhes daria a lua, mas vocês já me deram.



SARAH ADDISON ALLEN

Autora best-seller do New York Times, seus romances misturam a sua criação no Sul dos Estados Unidos com a magia de contos de fadas e uma pitada de romance. Ela nasceu e foi criada em Asheville, na Carolina do Norte. Para saber mais, visite seu site: www.sarahaddisonallen.com

